

O REINO DA DIVINA VONTADE EM MEIO ÀS CRIATURAS

Livro

do

Céu

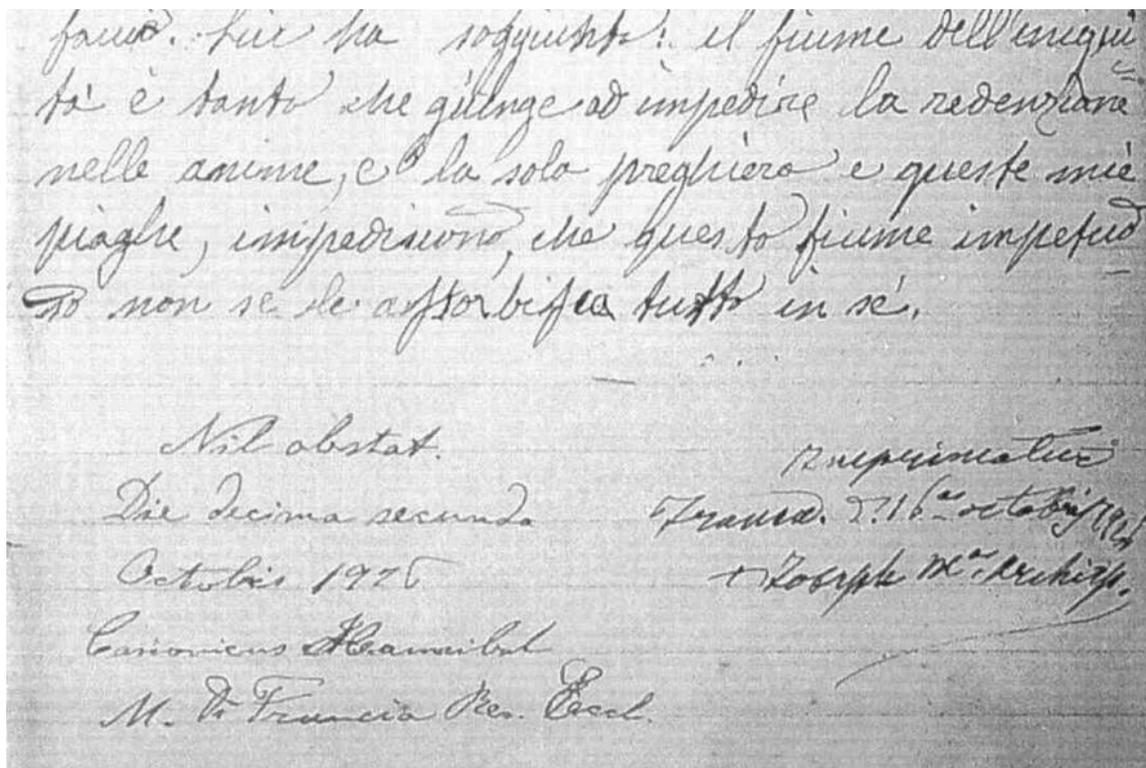
O chamado às criaturas à ordem, ao seu lugar e à finalidade para a qual foram criadas por Deus.

Volume 03

NIHIL OBSTAT
Beato Annibal M. Di Francia.
12 de Outubro de 1926

IMPRIMATUR
Excmo. Sr. Giuseppe M. Leo, Arcebispo da
diocese de Trani – Barletta – Bisceglie
16 Outubro de 1926.

Pode-se imprimir
Arcebispo de Guadalajara Jal.
23 de novembro de 2010
Mons. J. Gpe Ramiro Valdés Sánchez
Vigário Geral



Em anexo a cópia do Nihil Obstat e do Imprimatur postos em um dos volumes.



Queremos consagrar este livro e os frutos
que possam resultar de sua leitura,
à nossa Mãe Santíssima,
a Rainha do Reino da Divina Vontade.

Purificação da Igreja. As almas vítimas são a sua sustentação.

(1) Encontrando-me em meu habitual estado, encontrei-me fora de mim mesma, dentro de uma igreja, e ali havia um sacerdote que celebrava o sacrifício divino, e enquanto fazia isto, chorava amargamente e dizia: “ A coluna da minha Igreja não tem onde apoiar-se”.

(2) No momento em que dizia isto, via uma coluna cujo cume tocava o céu, e abaixo dessa coluna estavam sacerdotes, bispos, cardeais e todas as demais dignidades que sustentavam a feliz coluna, para minha surpresa ao olhar vi que destas pessoas, quem era muito fraco, quem meio destruído, quem enfermo, quem cheio de lama; escassíssimo era o número daqueles que se encontravam em estado de sustentá-la, assim que esta pobre coluna, eram tantas as sacudidas que recebia de baixo, que cambaleava sem poder se firmar. Acima desta coluna estava o Santo Padre que com correntes de ouro e com os raios que saíam de toda a sua pessoa, fazia o quanto mais podia para sustentá-la, para encadear e iluminar as pessoas que moravam na parte baixa, se bem que alguma escapava para ter mais oportunidade de degradar-se e enlamear-se, e não só a estas pessoas mas tratava de iluminar e unir a todo o mundo.

(3) Enquanto eu via isso, aquele sacerdote que celebrava a missa (ainda tenho dúvidas se era sacerdote ou se era Nosso Senhor, me parece que era Ele, porém, não sei dizer com certeza), me chamou junto a Ele e me disse:

(4) “Minha filha, olha em que estado lamentável se encontra minha Igreja, as próprias pessoas que deviam sustentá-la, desfalecem, e com suas obras a abatem, a golpeiam e chegam a denegri-la. O único remédio é que se faça derramar tanto sangue, para formar um banho e poder lavar essa purulenta lama e sarar suas profundas chagas, para que saradas, fortificadas, embelezadas por esse sangue, possam ser instrumentos hábeis para mantê-la estável e firme.” Depois acrescentou: “ Te chamei para falar-te: Tu queres ser vítima e assim ser como um suporte para sustentar esta coluna em tempos tão incorrigíveis?”

(5) Em princípio, por temor, senti correr um calafrio e porque, talvez não teria a força, mas em seguida me ofereci e pronunciei o Fiat. Enquanto estava nisso, eu me vi rodeada por muitos santos, anjos e almas do purgatório que com flagelos e outros instrumentos me atormentavam; e eu, se bem que a principio sentia temor, depois por quanto mais sofria, tanto mais me vinha o desejo de sofrer e

(6) saboreava o sofrimento como um dulcíssimo néctar. E muito mais porque me veio um pensamento: “Quem sabe se essas penas pudessem ser meio para consumir a vida, e assim poder iniciar o último voo em direção a meu sumo e único Bem.” Mas com suma pena, depois de haver sofrido amargas penas, vi que estas penas não me consumavam a vida. Oh Deus, que pena que essa frágil carne me impede de unir-me com meu Eterno Bem!

(7) Depois disso, vi o massacre sangrento que era feito com aquelas pessoas que estavam sob a coluna. Que catástrofe horrível! Escassíssimo era o número dos que não caíam como vítimas. Chegavam a tal atrevimento, que tentavam matar o Santo Padre. Mas depois parecia que aquele sangue derramado, aquelas vítimas sangrentas e destroçadas eram meios para fazer fortes a aqueles que ficavam, de modo que sustentavam a coluna, sem fazê-la oscilar mais. Oh! Que dias felizes! Depois disso despontavam dias de triunfo e de paz, a face da Terra parecia renovada, a coluna adquiria seu brilho primeiro e esplendor. Oh! Dias felizes, desde longe os saúdo, pois tanta glória dareis à Igreja e tanta honra a Deus que é sua Cabeça!

+ + + +

3-2

03 de Novembro de 1899

Entretenimento de Jesus com Luísa.

(1) Esta manhã, meu amado Jesus veio e me transportou fora de mim mesma, para dentro de uma igreja e desapareceu, e eu fiquei sozinha. Agora, encontrando-me diante da presença do Santíssimo Sacramento, fiz minha acostumada adoração, mas enquanto fazia isso, parecia que me tornava toda em olhos para ver se podia encontrar meu doce Jesus. Enquanto estava nisso, O vi sobre o altar como um menino que me chamava com sua graciosa mãozinha. Quem pode dizer minha alegria? Voei até Ele e sem pensar em outra coisa, O estreitei entre meus braços e O beijei, mas no momento de fazer isso, tomou um aspecto sério, e mostrava que não lhe agradavam meus beijos e começou a me rejeitar. Eu não levando em conta isso, continuei e lhe disse: “Querido meu, belo, no outro dia Tu quiseste desabafar comigo com beijos e com abraços, e eu te dei toda a liberdade, hoje quero eu também Contigo desabafar-me, dá-me a liberdade”. Mas Ele seguia rejeitando-me e vendo que eu não parava, desapareceu. Quem pode dizer o quanto mortificada e pensativa fiquei ao encontrar-me em mim mesma? Mas depois

de um pouco regressou, e eu lhe pedia perdão pelas minhas impertinências; perdoou-me, querendo Ele desabafar comigo, e enquanto me beijava disse:

(2) “Amada de meu Coração, minha Divindade habita em ti habitualmente, e à medida que tu vais inventando novas coisas para deleitar-me contigo, assim Eu para ficar em igualdade, uso novos modos para que te deleites Comigo”.

(3) Com isso entendi que foi uma brincadeira que Jesus quis fazer.

+ + + +

3-3

04 de Novembro de 1899

Diferentes efeitos entre a presença de Jesus e a do demônio.

(1) Como esta manhã o bendito Jesus não vinha, o demônio tratava de tomar seu aspecto e fazer-se ver, mas eu não percebendo os acostumados efeitos, comecei a duvidar e me persignei com o sinal da cruz, primeiro eu e depois a ele, e o demônio vendo-se persignado tremia; em seguida o rejeitei sem olhá-lo. Pouco depois, veio meu amado Jesus e temendo que fosse outra vez o espírito maligno, tratava de rejeitá-lo e invocar a ajuda de Jesus e da Mãe Rainha, mas Ele assegurando-me que não era o demônio me disse:

(2) “Minha filha, para assegurar-te se sou Eu ou não sou Eu, tua atenção deve estar nos efeitos internos, se se movem a virtude ou ao vício, já que como minha natureza é virtude, de nenhuma outra coisa faço herdeiros a meus filhos mais que de virtude. Isto o podes compreender também na natureza humana, que sendo carne, acontece que se tem alguma chaga, a carne muda em pus e se pode dizer que não é mais carne; assim minha natureza, se minimamente pudesse reter em si a sombra do vício, deixaria de ser aquele Deus que é, o que não pode acontecer jamais”.

+ + + +

3-4

06 de Novembro de 1899

Pureza de intenção.

(1) Esta manhã, tendo vindo o adorável Jesus e transportando-me fora de mim mesma, me fez ver ruas cheias de cadáveres. Que

cruel carnificina! Dá horror pensar. Depois me fez ver que acontecia uma coisa no ar e muitos morriam de improviso; isso também o vi pelo mês de Março. Eu comecei, segundo meu costume, a rogar-lhe que se acalmasse e que livrasse suas próprias imagens de suplícios tão cruéis, de guerras tão sangrentas, e como tinha a coroa de espinhos, a tirou para eu colocá-la em mim, e isto para aplacá-lo mais, mas com suma pena vi que quase todos os espinhos ficavam quebrados em sua santíssima cabeça, assim que pouquíssimos ficavam para sofrer a mim. Jesus se mostrava severo; quase sem dar-me atenção me transportou de novo a minha cama, e como eu me encontrava com os braços em cruz sofrendo as dores da crucifixão que Ele mesmo me havia participado antes, tomou meus braços e os uniu, atando-os com uma corda de ouro. Eu não pondo atenção ao que significava aquilo, para romper esse ar severo que tinha, disse-lhe: “Dulcíssimo amor meu, te ofereço estes movimentos do meu corpo que tu mesmo me fizeste e todos os demais que possa eu fazer com o único fim de agradar-te e glorificar-te. Ah, sim. Quisera que também o movimento das pálpebras, os dos meus olhos, dos meus lábios e de toda eu mesma sejam feitos com o único fim de agradar só a Ti. Faz, ó bom Jesus, que todos os meus ossos, meus nervos ressoem entre eles e com clara voz te testemunhem meu amor”.

(2) E Ele me disse: “Tudo o que se faz com a única finalidade de agradar-me, resplandece ante a Mim de uma maneira tal, que atrai meus olhares divinos, e me agrada tanto que a essas ações, embora fossem só um movimento de pestanas, lhes dou o valor como se fossem feitas por Mim. Por outro lado, as outras ações, que em si mesmas são boas e ainda grandes, não feitas unicamente para mim, são como esse ouro turvo e cheio de ferrugem que não resplandece, e Eu não me digno nem sequer a olhá-las”.

(3) E eu: “Senhor, que fácil é que o pó suje nossas ações”

(4) E Ele: “Não se necessita prestar atenção ao pó porque este se sacode, ao que tem que observar é a intenção”.

(5) Agora, enquanto isso dizia, Jesus se ocupava em atar-me os braços, ao que eu lhe disse: “Senhor, que fazes?”

(6) E Ele: “Faço isso por que tu estando na posição da crucifixão me acalmas, e Eu como quero castigar os povos estou atando-os a ti.”

(7) E dito isso desapareceu.

+ + + +

A obediência ao confessor.

(1) Depois de haver passado alguns dias em contenda com Jesus, porque eu queria ser desatada e Ele não queria, ora se fazia ver que dormia, ora me impunha silêncio; finalmente esta manhã, enquanto o vi, via o confessor que me ordenava absolutamente que me fizesse desatar por Jesus, e isso mais de uma vez, mas Jesus não fazia caso, e eu obrigada pela obediência lhe disse: “Meu amado Jesus, quando te opuseste à obediência? Não sou eu que quero ser desatada, é o confessor que quer que me faças sofrer a crucifixão, por isso, te rendas a essa virtude tão predileta por Ti, que entrelaça toda a tua vida e que formou o último elo, unindo tudo em um: o sacrifício da cruz.”

(2) E Jesus: “Tu me queres fazer violência tocando esse elo que uniu a Divindade e a humanidade, e formou um só elo que é a obediência.”

(3) E enquanto isso dizia, tomou o aspeto de Crucificado e, quase forçado pelo poder sacerdotal, me fez participar das dores da crucifixão. Seja bendito o Senhor e seja tudo para a sua glória. Assim parece que fiquei desatada.

+ + + +

3-6

11 de Novembro de 1899

A obediência a impede que se ajuste com a justiça.

(1) Encontrando-me no meu habitual estado, encontrei-me fora de mim e parecia-me que girava pela Terra. Oh, como estava inundada com todo tipo de iniquidades! Dá horror pensá-lo! Agora, enquanto girava, cheguei a um ponto e encontrei um sacerdote de vida santa, e em outro ponto uma virgem de vida pura e santa. Nos unimos os três e começamos a falar sobre os tantos castigos que o Senhor está enviando e tantos outros que tem preparados. Eu disse a eles: “E vós, o que fazeis? Vos haveis acaso conformado com a justiça divina?” E eles:

(2) “Vendo a extrema necessidade destes tristes tempos, e que o homem não se renderia nem se viesse um apóstolo ou se o Senhor enviasse outro São Vicente Ferrer, que com milagres e sinais prodigiosos os pudesse induzir à conversão, e mais, vendo que o homem chegou a tal obstinação e a uma espécie de loucura, que a própria força dos milagres o tornaria mais incrédulo, então, obrigados

por essa necessidade urgente, para o bem deles e para deter esse mar purulento que inunda a face da Terra e para glória do nosso Deus, tão ultrajado, nos conformamos com a justiça. Estamos apenas rezando e nos oferecendo vítimas, para fazer que esses castigos sirvam para a conversão dos povos. E Tu, que fazes? Não estás conformada conosco?”

(3) E eu: “Ah não, não posso, porque a obediência não quer, se bem que Jesus quer que me uniformize, mas como a obediência não quer, deve prevalecer sobre tudo, devo sempre estar em oposição com Jesus bendito, coisa que me aflige muito.”

(4) E eles: “Quando é a obediência, certamente não precisa aderir”.

(5) Depois disso, encontrando-me em mim mesma, enquanto vi o amadíssimo Jesus quis saber de que parte era aquele sacerdote e aquela virgem, e Ele me disse que eram do Peru.

+ + + +

3-7

12 de Novembro de 1899

Luísa evita alguns castigos.

(1) Esta manhã, o amável Jesus veio e me transportou para fora de mim mesma e eu via como se uma coisa devesse se mover do céu e tocar a Terra. Fiquei tão espantada que gritei e lhe disse: “Ah Senhor, que fazes? Quanta ruína haverá se isso acontece. Tu me dizes que me amas muito e me queres assustar? Tu o viste, não? Não o faças, não, não, não, não podes fazê-lo porque eu não quero”. E Jesus, compadecendo-se de mim, disse-me:

(2) “Minha filha, não tenhas medo. Ademais, quando tu queres que eu faça algo? Não devo deixar-te ver nada quando castigo as pessoas, de outra maneira me atas por todas as partes. E bem, fortificarei teu coração com força e farei surgir dele como um tronco para poder manter firme o que tu vês, e depois derramarei em ti tantas graças, de modo de poder me nutrir Eu e meus filhos”.

(3) Enquanto estava nisso, saiu de dentro do meu coração um tronco e no cimo como dois ramos em forma de forquilha, que elevando-se no ar, tomava pela metade o que estava por mover-se, e assim ficava detida; só em um ponto distante parecia que tocava a Terra. Depois me encontrei em mim mesma e roguei que se aplacasse, e parecia que se rendia, tanto que me fez participar das dores da cruz e desapareceu.

+ + + +

3-8

13 de Novembro de 1899

Jesus sofre ao ver sofrer as criaturas. Luísa se oferece para consolá-Lo.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus parecia inquieto, não fazia outra coisa que ir e vir, ora se entretinha comigo, ora quase atraído por seu ardente amor para as criaturas, ia ver o que faziam, e se condoía todo pelo que sofriam, como se Ele mesmo estivesse sofrendo e não elas. Muitas vezes vi o confessor, que com seu poder sacerdotal obrigava a Jesus a fazer-me sofrer suas penas para poder aplacá-lo, e Ele, enquanto parecia que não queria ser aplacado, depois se mostrava contente e agradecia de coração a quem se ocupava em sustentar seu braço indignado, e ora me participava um sofrimento e ora outro. Oh! Como era terno e comovedor vê-lo nesse estado! Fazia destroçar o coração de compaixão. Muitas vezes me disse:

(2) “Conforma-te à minha justiça, que não posso mais. Ah! O homem é demasiado ingrato e quase me obriga por todas as partes a castigá-lo, arranca-me ele mesmo de minhas mãos os castigos. Se tu soubesses o quanto sofro ao fazer uso de minha justiça, mas é o homem mesmo, ele que me faz violência. Ah! Se não houvesse feito outra coisa que comprar a preço de sangue sua liberdade, ainda assim deveria ser agradecido para Comigo, mas o homem, para me fazer maior agravo, vai inventando novos modos de tornar inútil meu desembolso”.

(3) E enquanto isso dizia, chorava amargamente, eu para consolá-lo lhe disse: “Meu doce bem, não te aflijas, vejo que tua aflição é maior porque te sentes obrigado a castigar as pessoas. Ah! Não, não seja jamais! Se Tu és tudo para mim, eu quero ser toda para Ti, assim que sobre mim manda os flagelos, aqui está a vítima sempre disposta e à tua disposição, podes fazer-me sofrer o que queiras e assim tua justiça ficará de algum modo aplacada, e Tu aliviado da aflição que sentes ao ver as criaturas sofrerem. Tem sido sempre esta minha intenção ao não me conformar com a justiça, porque sofrendo o homem, sofrerás mais Tu que ele mesmo”.

(4) Enquanto estava dizendo isso, veio a nossa Mamãe Rainha, e eu recordei que tendo pedido ao confessor a obediência de conformar-me com a justiça, havia me dito que perguntasse à Virgem Santíssima se queria que me conformasse. Eu o disse e Ela me respondeu: “Não, não, mas bem reza minha filha, e nesses dias trata

por quanto mais puderes, de ter Jesus junto contigo e aplacá-lo, porque muitos castigos estão preparados”.

+ + + +

3-9

17 de Novembro de 1889

A autoridade sacerdotal deve convergir com a vítima.

(1) Continua meu amável Jesus fazendo-se ver aflito. Esta manhã, junto com ele veio a nossa Mamãe Rainha, e parecia que Ela O trazia a mim a fim de que eu O aplacasse e Lhe rogasse junto com Ela que fizesse sofrer a mim, para livrar as pessoas, e me disse que se nesses dias passados eu não tivesse me interposto, e o confessor não houvesse feito uso do poder sacerdotal para convergir com suas intenções de fazer-me sofrer, muitas catástrofes teriam acontecido. Enquanto estava nisso, vi o confessor, e em seguida eu roguei por ele a Jesus e à Rainha mãe, e Jesus toda benignidade, disse:

(2) “À medida que tome em conta meus interesses, com pedir-me e também com empenhar-se em renovar a intenção de te fazer sofrer, com o fim de livrar as pessoas, assim tomarei cuidado dele e o livrarei. Eu estaria disposto a fazer este pacto com ele.”

(3) Depois disso, olhei meu doce e único Bem, e vi que em suas mãos tinha dois raios, em um tinha como preparado um forte terremoto e uma guerra, e no outro muitos tipos de mortes imprevistas e doenças contagiosas. Eu comecei a rogar-lhe que derramasse sobre mim aqueles raios, e quase queria retirá-los de suas mãos, mas Ele para não me deixar chegar a isso, começou a afastar-se de mim, eu buscava segui-lo e por isso me encontrei fora de mim mesma; Jesus desapareceu e eu fiquei sozinha.

(4) Agora, encontrando-me sozinha girei um pouco e cheguei a um lugar onde nesta estação se fazem a colheita, parecia que ali havia barulhos de guerra e eu queria ir para ajudar a essas pobres pessoas, mas os demônios me impediam de ir até onde estava para acontecer tais coisas, e me golpeavam para que eu não pudesse ajudar, nem tampouco impedir seus artifícios, e usaram tanta força que me fizeram voltar atrás.

+ + + +

3-10

19 de Novembro de 1899

Males da soberba.

(1) Continua vindo o meu adorável Jesus, e como minha mente, antes que viesse estava pensando em certas coisas que me havia dito em anos passados e que não me recordo bem, Ele, como para lembrar-me, disse-me:

(2) “Minha filha, a soberba rói a graça. Nos corações dos soberbos não há outra coisa que um vazio todo cheio de fumaça que produz a cegueira. A soberba não faz mais que fazer de si mesmo um ídolo, assim que a alma soberba não tem a seu Deus consigo; com o pecado buscou destruí-lo em seu coração, e levantando um altar para ele, se coloca em cima e adora a si mesmo”.

(3) Ó Deus, que monstro abominável é esse vício! A mim parece que se a alma está atenta a não deixá-lo entrar nela, estará livre de todos os outros vícios, mas se para sua desventura se deixa dominar por ele, como é mãe monstruosa e má, parirá todos os seus filhos rebeldes, os quais são os demais pecados. Ah, Senhor, a tenha longe de mim!

+ + + +

3-11

21 de Novembro de 1899

Jesus quer deleitar-se olhando a Si em Luísa, e ela é auxiliada pela Santíssima Virgem.

(1) Esta manhã, meu amadíssimo Jesus apenas veio e me disse:

(2) “Minha filha, todo teu deleite deve ser o contemplar-te em Mim, e se isso o fazes sempre, tomarás em ti todas as minhas qualidades, minha fisionomia, meus próprios critérios, e Eu em correspondência encontrarei todo meu gosto e sumo contentamento em deleitar-me olhando-me em ti”.

(3) Dito isso, desapareceu, e eu estava ruminando em minha mente essas palavras, quando de improviso regressou, pôs sua santa mão em minha cabeça e voltando meu rosto para Ele acrescentou:

(4) “Hoje quero deleitar-me um pouco olhando-me em ti”.

(5) Um estremecimento correu-me por todo o corpo, um espanto de sentir-me morrer porque via que me olhava fixo, fixo, querendo deleitar-se em meus pensamentos, olhares, palavras e em tudo o mais, com contemplar-se em mim. Ó, Deus! Sou causa de deleitar-te ou de amargar-te? Ia repetindo em meu interior. Enquanto estava nisso, veio nossa amada Mãe Rainha em minha ajuda,

trazendo uma veste branquíssima entre as mãos, e toda amabilidade me disse:

(6) “Filha, não temas, quero suprir Eu mesma por ti vestindo-te com minha inocência, para que assim meu Filho ao contemplar-se em ti possa encontrar o maior deleite que se possa encontrar em uma criatura humana”.

(7) Então me vestiu com essa veste e me apresentou a meu amado Bem Jesus, dizendo-lhe:

(8) “Amado Filho, aceita a ela por consideração a Mim e deleita-te nela.”

(9) Assim me tirou todo temor e Jesus se deleitou em mim e eu n’Ele.

+ + + +

3-12

24 de Novembro de 1899

Luísa quer receber as amarguras de Jesus.

(1) Esta manhã, meu doce Jesus veio e me transportou fora de mim mesma. Agora, como O vi todo cheio de amargura, lhe pedi e voltei a pedir-lhe que a derramasse em mim, mas por mais que pedisse, não consegui que derramasse em mim suas amarguras, e conforme me aproximava da sua boca para receber, saía um hálito amargo. Enquanto fazia isso, via um sacerdote que morria, mas não soube bem quem era, e como tinha a intenção de rezar por um sacerdote enfermo, não reconhecendo, eu me confundi se era ele ou algum outro. Então eu disse a Jesus: “ Senhor, que fazes? Não vês quanta escassez de sacerdotes há em Corato, e queres tirar-nos outros?” Jesus não me dando atenção e ameaçando com a mão dizia:

(2) “Os destruirei mais”.

+ + + +

3-13

26 de Novembro de 1899

Complacência da Santíssima Trindade diante do sofrimento de Luísa.

(1) Encontrando-me em meio a grandes sofrimentos, meu amável Jesus veio e me pôs o braço por trás do pescoço em ato de me sustentar. Agora, estando perto d’Ele, comecei a fazer minhas

habituais adorações a todos os seus santos membros, começando por sua sacratíssima Cabeça. No momento em que isso fazia, disse-me:

(2) “Amada minha, tenho sede, tira-me a sede com teu amor, que não resisto mais”.

(3) E assumindo aspecto de menino se pôs entre meus braços e se pôs a mamar, parecia que sentia um grandíssimo gosto e ficava todo reconfortado e acalmava sua sede. Depois disso, como se quisesse brincar comigo, com uma lança que tinha na mão, me transpassava o coração de lado a lado. Eu sentia uma dor amarguíssima, mas oh! Como estava contente por sofrer, especialmente porque eram as próprias mãos do meu único Bem as que me davam o sofrimento, e eu O incitava a dilacerar-me mais, tanto era o gosto e a doçura que eu sentia. E Jesus bendito para contentar-me mais, arrancou-me o coração, tomando-o entre suas mãos, e com essa mesma lança o abriu pela metade e encontrou uma cruz resplandecente e branquíssima, tomou-a em suas mãos comprazendo-se grandemente e me disse:

(4) “Essa cruz a produziu o amor e a pureza com que sofres, me comprazo tanto na maneira que tu sofres, que não só Eu, mas que chamo ao Pai e ao Espírito Santo a comprazerem-se Comigo.”

(5) Em um instante olhei e vi Três Pessoas que circundando-me se deleitavam em olhar essa cruz, mas, lamentando-me com Eles disse:

(6) “Grande Deus, demasiado pouco é meu sofrer, não estou feliz só com a cruz, mas quero também os espinhos e os cravos, e se eu não mereço porque sou indigna e pecadora, Vós certamente podeis dar-me as disposições para merecê-lo.”

(7) E Jesus enviando-me um raio de luz intelectual me fez compreender que queria que fizesse a confissão de minhas culpas. Senti-me apavorar diante das três Pessoas Divinas, mas a Humanidade de Nosso Senhor me inspirava confiança, assim que dirigindo-me a Ele disse o “Eu pecador”, e depois comecei a fazer a confissão de minhas culpas. Agora, enquanto me encontrava toda imersa em minha miséria, uma voz saiu do meio d’Eles e dizia:

(8) “Nós te perdoamos, e tu, não peques mais”.

(9) Eu esperava receber a absolvição de Nosso Senhor, mas nesse momento desapareceu.

(10) Pouco depois voltou crucificado e me fez participar das dores da cruz.

+ + + +

27 de Novembro de 1899

A graça faz a alma feliz.

(1) Esta manhã, meu amado Jesus não vinha, mas depois de muito esperar, assim que O vi, lamentei-me com Ele por sua demora, dizendo-lhe: “Senhor bendito, como é que demoras tanto? Talvez tenhas esquecido que não posso estar sem Ti? Ou acaso perdi tua graça e por isso não vens?” e Ele interrompendo meus lamentos, disse-me:

(2) “Minha filha, tu sabes que coisa faz minha graça? Minha graça faz feliz a alma dos bem-aventurados que têm a visão beatífica, e torna feliz a alma dos peregrinos, com esta só diferença, que os que têm a visão beatífica, gozam e se deleitam e os peregrinos trabalham e colocam-na em circulação. Assim que quem possui a graça tem em si mesmo o Paraíso, porque a graça não é outra coisa que possuir a Mim mesmo, e sendo só Eu o objeto encantador que encanta a todo o Paraíso e que formo todas as alegrias dos bem-aventurados, a alma, possuindo a graça, onde quer que se encontre possui seu Paraíso”.

+ + + +

3-15

28 de Novembro de 1899

Luísa aceita sofrer no purgatório para libertar algumas almas.

(1) Meu amado Jesus veio todo afabilidade, parecia-me como um amigo íntimo que faz muitas cerimônias para o outro amigo para demonstrar-lhe seu amor, e as primeiras palavras que me disse foram:

(2) “Minha amada, se tu soubesses quanto te amo. Sinto-me atraído grandemente a amar-te; minhas próprias demoras em vir me forcem e são novas causas de fazer-me vir e encher-te de novas graças e carismas celestiais. Se tu pudesses compreender o quanto te amo... teu amor comparado com o meu, apenas o perceberias”.

(3) E eu: “Meu doce Jesus, é verdade o que dizes, mas eu também sinto que te amo muito, e se tu dizes que meu amor comparado com o teu apenas se percebe, é porque teu poder é sem limites e o meu é limitado, e portanto, posso fazer porquanto de Ti mesmo vem e me é dado. Tanto é verdade, que quando tenho vontade de sofrer mais para demonstrar-te mais meu amor, se Tu

não me concedes as penas, não está em meu poder o sofrer, e estou obrigada a resignar-me ainda nisto, e por ser este ser inútil que sempre fui. Em troca, em Ti está em teu poder o próprio sofrer, e em qualquer modo que queiras manifestar-me teu amor, o podes fazer. Meu Amado, dá-me o poder e te farei ver o quanto sei fazer por teu amor, porque na medida que me dás, com essa mesma medida te darei”.

(4) Ele escutava com sumo prazer meu falar disparatado, e quase querendo pôr-me à prova, transportou-me para fora de mim mesma, perto de um lugar profundo, cheio de fogo líquido e tenebroso, dava horror e espanto somente em vê-lo. Jesus me disse:

(5) “Aqui está o purgatório, e muitas almas estão concentradas nesse fogo. Tu irás a esse lugar para sofrer para libertar aquelas almas que me agradam, e isso o farás por meu amor.”

(6) Eu imediatamente, se bem tremendo um pouco, lhe disse: “Tudo por teu amor, estou disposta, mas deves vir Tu junto comigo, de outra maneira, se me deixas, não te deixas encontrar mais, e depois me fazes chorar muito.”

(7) E Ele: “Se vou junto contigo, qual seria teu purgatório? Essas penas com minha presença para ti se mudariam em alegrias e contentamentos”.

(8) E eu: “Sozinha não quero ir, e ademais, enquanto estivermos nesse fogo, Tu estarás atrás de minhas costas, assim não te vejo e aceitarei esse sofrimento”.

(9) Assim fui a esse lugar cheio de densas trevas, e Ele me seguia por trás, e eu por medo de que me deixasse lhe tomei as mãos, tendo-as estreitadas a meus ombros. Havendo chegado abaixo, quem pode dizer as penas que sofriam aquelas almas? Certamente são inenarráveis a pessoas vestidas de carne humana. Então, ao ir eu a esse fogo, este se apagava e clareavam as trevas, e muitas almas saíam, outras ficavam aliviadas. Depois de haver estado cerca de um quarto de hora, saímos, e Jesus se lamentava, e eu rapidamente lhe disse: “Diz-me meu bem, porque te lamentas? Amada vida minha, talvez fui eu por causa de não querer ir sozinha a esse lugar de penas? Diz-me, diz-me, sofrestes muito ao ver essas almas sofrerem? Que coisa sentes?”

(10) E Jesus: “Amada minha, me sinto cheio de amarguras, tanto, que não podendo mais contê-las, estou por derramá-las sobre a Terra.”

(11) E eu: “Não, não meu doce amor, as derramarás em mim, não é verdade?”. E aproximando-me da sua boca, derramou um licor amarguíssimo, em tanta abundância que eu não podia contê-lo, e pedia a Ele mesmo que me desse a força para sustentá-lo, de outra maneira, o que não havia deixado Nosso Senhor fazer, haveria feito

eu: derramá-lo sobre a Terra, e fazer isso me perturbava muito. No entanto, parece que me deu a força, se bem que eram tantos os sofrimentos que me sentia desfalecer, mas Jesus tomando-me entre seus braços me sustentava e me dizia:

(12) “Contigo é preciso ceder por força, te tornas tão incômoda que me sinto quase com a necessidade de contentar-te”.

+ + + +

3-16

30 de Novembro de 1899

Membros enfermos e membros sãos no corpo místico de Jesus.

(1) O meu adorável Jesus continua vindo, e desta vez O via no momento quando estava atado à coluna. Ele, desatando-se lançava-se em meus braços para ser compadecido por mim. Eu O estreitei a mim e comecei a arrumar-lhe os cabelos, todos com coágulos de sangue, a secar-lhe os olhos e o rosto, e ao mesmo tempo O beijava e fazia diversos atos de reparação. Quando cheguei às suas mãos e lhe tirei a corrente, com suma maravilha vi que a cabeça era de Nosso Senhor, mas os membros eram de tantas outras pessoas, especialmente religiosas. Oh! Quantos membros infectados que davam mais trevas que luz. No lado esquerdo estavam os que davam mais sofrimentos a Jesus, se via membros enfermos, cheios de chagas profundas e cheias de vermes, outros que ficavam unidos apenas por um nervo a aquele corpo. Oh, como se doía e vacilava aquela cabeça Divina sobre aqueles membros. Ao lado direito se via aqueles que eram melhores, isto é, membros sãos, resplandecentes, cobertos de flores e de orvalho celestial, perfumados com odores perfumados, e entre esses membros se descobria algum que desprenhia um perfume apagado.

(2) Essa Cabeça Divina sobre esses membros sofria muito. É verdade que havia membros resplandecentes, que quase se assemelhavam à luz daquela cabeça que a recreavam e lhe davam grandíssima glória, mas o número dos membros infectados era maior. Jesus, abrindo sua dulcíssima boca me disse:

(3) “Minha filha, quantas dores me dão esses membros! Este corpo que tu vês é o corpo místico de minha Igreja, do corpo me glorio de ser sua Cabeça, mas que cruel tormento fazem esses membros a esse corpo! Parece que disputam entre eles para ver quem pode dar-me mais tormentos.”

(4) Disse outras coisas sobre esse corpo que não me recordo bem, por isso faço ponto.

+ + + +

3-17

02 de Dezembro de 1899

Eloquente elogio da Cruz.

(1) Encontrando-me muito aflita por certas coisas que não é lícito dizer aqui, o amável Jesus, querendo me aliviar em minha aflição, veio com um aspecto todo novo, parecia-me vestido de cor celeste, todo adornado com pequenas campainhas de ouro que tocando-se entre elas ressoavam com um som jamais ouvido. Ante o aspecto de Jesus e o harmonioso som me senti encantar e aliviar em minha aflição, que como fumaça se afastava de mim. Eu haveria permanecido ali, em silêncio, pelo tanto que sentia encantar as potências de minha alma se o bendito Jesus não houvesse rompido meu silêncio ao dizer-me:

(2) “Minha amada filha, todas estas campainhas são tantas vozes que te falam do meu amor e que te chamam a amar-me. Agora, deixa-me ver quantas campainhas tu tens que me falem do teu amor e que me chamem a amar-te.”

(3) E eu, toda cheia de vergonha lhe disse: “Ah! Senhor, que dizes? Eu não tenho nada, não tenho outra coisa que defeitos.”

(4) Então Jesus, compadecendo-se de minha miséria, continuou dizendo-me:

(5) “Tu não tens nada, é verdade, pois bem, Eu quero adornar-te com minhas próprias campainhas, a fim de que possas ter tantas vozes para chamar-me e para demonstrar-me teu amor”.

(6) Assim parecia que como uma faixa adornada dessas campainhas me cingia a cintura. Depois disso, fiquei em silêncio e Ele acrescentou:

(7) “Hoje quero entreter-me contigo, diz-me alguma coisa.”

(8) E Eu: “Tu sabes que toda minha alegria é estar junto Contigo, e tendo a Ti, tenho tudo, por isso, possuindo a Ti, parece-me que não tenho outra coisa que desejar, nem que dizer.”

(9) E Jesus: “Faz-me ouvir tua voz que recreia meu ouvido, conversemos um pouco juntos, Eu te falei tantas vezes da Cruz, hoje deixa-me ouvir-te falar da Cruz.”

(10) Eu me sentia toda confusa, não sabia o que dizer, mas Ele me mandou um raio de luz Intelectual, e para contentá-lo comecei a dizer: “Amado meu, quem te pode dizer que coisa é a Cruz? Só tua boca pode falar dignamente da sublimidade da Cruz, mas já que queres que eu fale, está bem, o faço: A Cruz sofrida por Ti me

libertou da escravidão do demônio e me desposou com a Divindade com nó indissolúvel, a Cruz é fecunda e me pare a graça; a cruz é luz e me desengana do temporal e me descobre o eterno, a Cruz é fogo, e tudo o que não é de Deus o transforma em cinzas, até esvaziar-me o coração do mínimo fio de erva que possa estar nele; a Cruz é moeda de preço inestimável, e se Eu tenho, Esposo Santo, a fortuna de possuí-la, me enriquecerei de moedas eternas, até tornar-me a mais rica do paraíso, porque a moeda que corre no Céu é a Cruz sofrida na Terra; a Cruz me faz conhecer mais a mim mesma, e não só isso, mas me dá o conhecimento de Deus; a Cruz me enxerta todas as virtudes; a Cruz é a nobre cátedra da sabedoria incriada, que me ensina as doutrinas mais altas, sutis e sublimes; assim que só a Cruz me desvelará os mistérios mais escondidos, as coisas mais recônditas, a perfeição mais perfeita escondida dos mais doutos e sábios do mundo. A Cruz é como água benéfica que me purifica, não só isso, mas me subministra o nutrimento às virtudes, faz-me crescer e só me deixa quando me conduz à vida eterna. A Cruz é como orvalho celeste que me conserva e me embeleza o belo lírio da pureza; a Cruz é o alimento da esperança; a Cruz é a tocha da fé obrante; a Cruz é aquele lenho sólido que conserva e mantém sempre aceso o fogo da caridade; a Cruz é aquele lenho seco que faz desvanecer e pôr em fuga todos os fumos de soberba e de vanglória, e produz na alma a humilde violeta da humildade; a Cruz é a arma mais potente que fere os demônios e me defende de suas garras. Assim que a alma que possui a cruz, é de inveja e admiração aos próprios anjos e santos; de raiva e desdém aos demônios. A Cruz é meu paraíso na Terra, de modo que se o paraíso de lá, dos bem-aventurados, são os gozos, o paraíso de cá são os sofrimentos. A Cruz é a corrente de ouro puríssimo que me une Contigo, meu sumo Bem e forma a união mais íntima que se possa dar, até fazer desaparecer meu ser e me transforma em Ti, meu objeto amado, tanto de sentir-me perdida em Ti e vivo de tua própria vida.”

(11) Depois que disse isso, (não sei se são desatinos) meu amável Jesus ao ouvir-me, todo se comprazia e levado por um entusiasmo de amor, me beijava toda e dizia:

(12) “Bravo, bravo a minha amada filha, disseste bem. Meu amor é fogo, mas não como o fogo terreno que onde quer que penetre torna tudo estéril e reduz tudo a cinzas. Meu fogo é fecundo e só esteriliza o que não é virtude, mas a todo o demais dá vida e faz germinar as belas flores, faz produzir os mais extraordinários frutos e converte a alma no mais delicioso Jardim Celestial.

(13) A Cruz é tão potente e lhe comuniquei tanta graça, que a tornei mais eficaz que os próprios sacramentos, e isso porque ao receber o sacramento de meu Corpo, se necessitam as disposições e

a livre colaboração da alma para receber minhas graças, que muitas vezes podem faltar, mas a Cruz tem virtude para dispor a alma para a graça”.

+ + + +

3-18

21 de Dezembro de 1899

Luísa fala da virgindade e da pureza.

(1) Depois de um longo silêncio, esta manhã meu amável Jesus, interrompendo-o, disse-me:

(2) “Eu sou o receptáculo das almas puras”.

(3) E nessas suas palavras tive uma luz intelectual que me fazia compreender muitas coisas sobre a pureza, mas pouco ou nada sei pôr em palavras o que ouço no intelecto. Mas a honorabilíssima Senhora Obediência quer que escreva alguma coisa, mesmo desatinando e para contentá-la direi meus desatinos sobre a pureza.

(4) Parecia-me que a pureza fosse a gema mais nobre que a alma possa possuir. A alma que possui a pureza está investida em cândida luz, de modo que Deus bendito, olhando-a encontra sua própria imagem, se sente atraído a amá-la, tanto que chega a enamorar-se dela e é tomado por tanto amor que lhe dá por cidade seu puríssimo Coração, porque só o que é puro e limpíssimo entra em Deus, nada entra manchado naquele seio puríssimo. A alma que possui a pureza conserva em si seu primeiro esplendor que Deus lhe deu ao criá-la, nela nada há de desfigurado, desnobrecido, mas como rainha que aspira as núpcias do Rei Celestial, conserva sua nobreza até que esta nobre flor é transplantada nos jardins celestiais. Oh! Como esta flor virginal está perfumada com aroma especial! Eleva-se sempre sobre as demais flores, e ainda sobre os próprios anjos. Como ressalta com variadas belezas! Assim que todos são tomados por estima e amor, e livremente todos lhe dão passagem até fazê-la chegar ao Esposo Divino, de modo que o primeiro lugar em torno a Nosso Senhor é dessas nobres flores. Então Nosso Senhor se deleita grandemente em passear em meio a esses lírios que perfumam a Terra e o Céu, e muito mais se agrada em estar circundado por esses lírios, porque sendo Ele o primeiro nobre lírio e o modelo, é Ele o exemplar de todos os demais. Oh! Como é belo ver uma alma virgem! Seu coração não emite outro respiro que de pureza e de candura, nem sequer tem a sombra de outro amor que não seja Deus, também seu corpo exala odor de pureza, tudo é puro nela. Pura nos passos, pura no agir, no falar, no olhar, também no mover-se, assim que só

em vê-la se sente a fragrância e se descobre uma alma virgem de verdade. Que carismas, que graças, que amor recíproco, que estratégias amorosas entre esta alma e o Esposo Jesus! Só quem as sente pode dizer alguma coisa, porque nem sequer se pode narrar tudo, e eu não me sinto no dever de falar sobre isso, por isso, faço silêncio e passo adiante.

+ + + +

3-19

22 de Dezembro de 1899

Como Deus nos atrai a amá-lo em três modos, e como em três modos se manifesta à alma.

(1) Esta manhã meu adorável Jesus não vinha. Depois de muito esperar e seguir esperando, apenas, quase como um raio que foge se deixou ver várias vezes, mas me parecia ver mais uma luz que a Jesus, e nesta luz uma voz que dizia na primeira vez que veio:

(2) “Eu te atraio a amar-me em três modos: à força de benefícios, à força de atrações e à força de persuasões”.

(3) Quem pode dizer quantas coisas compreendia nessas três palavras? Parecia-me que Jesus bendito, para atrair a Si meu amor e também o das outras criaturas, faz chover benefícios em nosso favor, e vendo que esta chuva de benefícios não chega ao ponto de ganhar nosso amor, chega a fazer-se atraente. E qual é essa atração? São suas penas sofridas por nosso amor, até morrer jorrando sangue sobre uma cruz, onde se tornou tão atraente que apaixonou seus próprios carrascos e a seus mais ferozes inimigos. Além disso, para atrair-nos mais e tornar mais forte e estável nosso amor, nos deixou a luz dos seus santíssimos exemplos, unidos à sua Doutrina Celestial, e que como luz nos iluminam as trevas desta vida e nos conduzem à eterna salvação.

(4) A segunda vez que veio me disse:

(5) “Eu me manifesto à alma em três diferentes modos: Com a potência, com a notícia e com o amor. A Potência é o Pai, a notícia é o Verbo, o Amor é o Espírito Santo”.

(6) Oh! Quantas outras coisas compreendia! Mas demasiado escasso é o que sei manifestar. Parecia-me que com a potência se manifesta Deus à alma em tudo o que foi criado, desde o primeiro até o último ser é manifestada a onipotência de Deus. O Céu, as estrelas e todos os demais seres nos falam, se bem que com linguagem muda, de um Ente Supremo, de um Ser Incriado, de sua onipotência, porque o homem mais instruído, com toda sua ciência não pode chegar a

criar o mais vil mosquito, e isso nos diz que deve haver um Ser Incriado potentíssimo que criou tudo e dá vida e subsistência a todos os seres. Oh! Como todo o universo a claras notas e com caracteres permanentes nos fala de Deus e de sua onipotência! Assim que quem não o vê é cego voluntário.

(7) Com a notícia, parecia-me que Jesus bendito ao descer do céu viera em pessoa à Terra a dar-nos notícia do que para nós é invisível, e em quantos modos não se manifestou Ele? Creio que cada um, por si mesmo, compreenderá todo o resto, por isso não me estendo mais.

+ + + +

3-20

25 de Dezembro de 1899

Jesus quer de Luísa contínua atitude de sacrifício.

(1) Depois de haver passado alguns dias quase de privação total do meu sumo e único bem, acompanhados por uma dureza de coração, sem poder nem sequer chorar minha grande perda, se bem oferecia a Deus também aquela dureza dizendo-lhe: “Senhor, aceita-a como sacrifício, só tu podes abrandar este coração tão duro”. Finalmente, depois de um longo penar, veio minha amada Mamã Rainha trazendo em seu colo o Celestial Menino envolto em um pano, todo tremendo, O entregou entre meus braços dizendo-me:

(2) “Minha filha, acalenta-O com teus afetos, porque meu Filho nasceu em extrema pobreza, em total abandono dos homens e em suma mortificação.”

(3) Oh! Como era agradável com sua celestial beleza! Tomei-O entre meus braços e O estreitei para acalentá-lo, por que estava quase dormente pelo frio, não tendo outra coisa que O cobrisse que só um pano. Depois de acalentá-lo o quanto pude, meu terno Menininho, entreabrindo seus lábios arroxeados me disse:

(4) “Tu me prometes ser sempre vítima por meu amor, como Eu sou por teu amor”?

(5) E eu: “Sim meu tesouro, eu te prometo.”

(6) E Ele: “Não estou contente só com as palavras, quero um juramento e também uma assinatura com teu sangue.”

(7) E eu: “Se a obediência quer, eu o farei”.

(8) Ele parecia todo contente, e acrescentou:

(9) “Desde que nasci, tive meu Coração sempre oferecido em sacrifício para glorificar ao Pai, para a conversão dos pecadores e pelas pessoas que me rodeavam e que me foram meus mais fiéis

companheiros em minhas penas. Assim quero que teu coração esteja em contínua atitude, oferecido em sacrifício para estes três propósitos.”

(10) Enquanto dizia isso, a Rainha Mãe queria o Menino para alimentá-lo com seu leite dulcíssimo. Eu O devolvi e Ela tirou seu seio para pô-lo na boca do Divino Menino, e eu astuta, querendo fazer uma brincadeira, pus minha boca para chupar, tirei poucas gotas, e no momento de fazer isso, desapareceram, deixando-me contente e descontente.

(11) Seja tudo para a glória de Deus e para confusão desta miserável pecadora.

+ + + +

3-21

27 de Dezembro de 1899

A caridade deve ser um manto que deve cobrir as ações.

(1) Jesus continua fazendo-se ver como sombra e como raio. Enquanto me encontrava em um mar de amargura por sua ausência, em um instante se fez ver, dizendo-me:

(2) “A caridade deve ser como um manto que deve cobrir todas as tuas ações, de modo que tudo deve reluzir de perfeita caridade. Que significa esse desgostar-te quando não sofres? Que tua caridade não é perfeita, porque o sofrer por meu amor e o não sofrer por meu amor, sem tua vontade, tudo é o mesmo.”

(3) E desapareceu, deixando-me mais amargurada que antes, querendo tocar uma nota muito delicada para mim, e que Ele mesmo me infundiu. Então, depois de haver derramado lágrimas amargas em meu estado miserável, e pela ausência de meu adorável Jesus, regressou e me disse:

(4) “Com as almas justas me porto com justiça, mas bem as recompenso duplicadamente por sua justiça, favorecendo-as com as maiores graças e com falar-lhes com palavras justas e de santidade.”

(5) No entanto, eu me encontrava tão confusa e má, que não me atrevia a dizer uma só palavra, e mais, continuava derramando lágrimas sobre minha miséria. E Jesus querendo infundir-me confiança, pôs sua mão embaixo da minha cabeça para levantá-la, porque não a sustentava, e acrescentou:

(6) “Não temas, Eu sou o escudo dos atribulados”

(7) E desapareceu.

+ + + +

30 de Dezembro de 1899

Efeitos da humilhação e da mortificação.

(1) Esta manhã, assim que vi meu adorável Jesus, e como a obediência me havia dito que rezasse por uma pessoa, por isso, assim que Jesus veio, eu a recomendei, e Ele me disse:

(2) “A humilhação não só se deve aceitar, mas também amá-la, tanto como para mastigá-la como um alimento, e como quando um alimento é amargo, por quanto mais se mastiga tanto mais se sente a amargura, assim a humilhação bem mastigada faz nascer a mortificação, e estes são dois potentíssimos meios, isto é, a humilhação e a mortificação, para superar certos obstáculos e obter as graças que se necessita. E enquanto parecem daninhos à natureza humana, como o alimento amargo que parece causar mais mal que bem, assim a humilhação e a mortificação, mas não. Quando o ferro é mais golpeado sobre a bigorna, quanto mais lança faíscas de fogo e fica puro, assim a alma, quanto mais é humilhada e golpeada sob a bigorna da mortificação, tanto mais lança faíscas de fogo celestial e fica purgada se verdadeiramente quer caminhar na via do bem, mas se é falsa acontece tudo o contrário”.

+ + + +

01 de Janeiro de 1900

Efeitos do conhecimento de si mesmo.

(1) Encontrando-me muito aflita pela privação de meu sumo e único Bem, depois de muito esperar e esperar, finalmente O vi sair chorando de dentro de meu coração, fazendo-me sinal com os olhos que lhe doía a ferida feita na circuncisão, e por isso chorava, e esperava que lhe secasse o sangue que corria da ferida e adoçasse a dor do corte. Eu era toda compaixão e confusão ao mesmo tempo, tanto que não me atrevia a fazê-lo, mas atraída pelo amor, não sei como me vi com um trapo na mão e tratei por quanto pude a limpar o sangue ao Menino Jesus. Enquanto fazia isso, sentia-me toda cheia de pecado, e sentia que eu era a causa dessa dor de Jesus. Oh! Como me dava pena, eu me sentia absorvida naquela amargura, e o bendito Menino compadecendo-se de meu miserável estado, disse-me:

(2) “Por quanto mais uma alma se humilha e conhece a si mesma, tanto mais se aproxima da verdade, e encontrando-se na verdade busca dirigir-se ao caminho das virtudes, do qual se vê muito distante. E se vê que se encontra nesse caminho, logo descobre o muito que lhe resta por fazer, porque as virtudes não têm fim, são infinitas como sou Eu. Então, a alma encontrando-se na verdade, busca sempre aperfeiçoar-se, mas jamais chegará a ver-se perfeita, e isto lhe serve e fará que a alma esteja continuamente trabalhando, esforçando-se para aperfeiçoar-se mais, sem perder o tempo em ociosidades; e Eu, agradando-me desse trabalho, pouco a pouco a vou retocando para pintar nela minha semelhança. Eis aqui o porquê quis ser circuncidado, para dar um exemplo de grandíssima humildade, que fez desconcertar aos próprios anjos do Céu.”

+ + + +

3-24

03 de Janeiro de 1900

A paz.

(1) Continuo vendo-me toda cheia de misérias, e não só isso, mas também inquieta. Parece-me que todo meu interior se levantou em armas pela perda de Jesus. Estava pensando comigo, que meus grandes pecados haviam merecido que meu adorável Jesus me houvesse deixado, e por isso não O veria mais. Oh! Que morte cruel é este pensamento para mim! E mais! Pensamento mais despiado que qualquer morte. Não ver mais a Jesus! Não ouvir mais a suavidade de sua voz! Perder Aquele do qual depende minha vida e do qual me vem todo bem! Como posso viver sem Ele? Ah! Se perco a Jesus tudo para mim está terminado! Com esses pensamentos sentia uma agonia de morte, todo meu interior transtornado porque queria a Jesus. E Ele em um raio de luz se manifestou à minha alma, dizendo-me:

(2) “Paz, paz, não queiras turbar-te. Assim como uma flor odoríssima perfuma o lugar onde se põe, assim a paz enche de Deus a alma que a possui”.

(3) E como relâmpago se foi. Ah Senhor, como és bom com esta pecadora, e em confiança te digo também: “Como és impertinente, pois nada menos devo perder que a Ti, e nem sequer queres que me perturbe ou me inquiete, e se o faço, me fazes entender que eu mesma me afasto de Ti, porque com a paz me encho de Deus e com perturbar-me encho-me de tentações diabólicas. Ó meu doce Jesus, quanta paciência se necessita Contigo,

porque qualquer coisa que me aconteça, nem sequer posso inquietar-me, nem perturbar-me, mas queres que eu esteja em perfeita calma e paz”.

+ + + +

3-25

05 de Janeiro de 1900

Efeitos do pecado e da confissão.

(1) Encontrando-me em meu habitual estado, me senti sair fora de mim mesma e encontrei a meu amado Jesus, mas, oh! Como me via cheia de pecados ante sua presença! Em meu interior sentia um forte desejo de confessar-me com Nosso Senhor, por isso, dirigindo-me a Ele, comecei a dizer minhas culpas, e Jesus me escutava. Quando terminei de falar, dirigindo-se a mim com um rosto cheio de tristeza me disse:

(2) “Minha filha, o pecado se é grave, é um abraço venenoso e mortífero à alma, e não só a ela, mas também a todas as virtudes que se encontram na alma; se é venial, é um abraço que fere, que torna a alma muito fraca e enferma, e junto com ela se enfermam as virtudes que havia adquirido. Que arma mortal é o pecado! Só o pecado pode ferir e dar morte à alma! Nenhuma outra coisa pode prejudicá-la, nenhuma outra coisa a torna ignominiosa, odiosa ante a Mim, mas só o pecado”.

(3) Enquanto dizia isso, eu compreendia a fealdade do pecado, e sentia tal pena que nem sequer sei explicar. E Jesus vendo-me toda compenetrada, levantou sua bendita mão direita e pronunciou as palavras da absolvição. Depois acrescentou:

(4) “Assim como o pecado fere e dá morte à alma, assim o sacramento da confissão dá a vida e a cura das feridas, e restitui o vigor às virtudes, e isso mais ou menos, segundo as disposições da alma, assim obra a virtude do sacramento”.

(5) Pareceu-me que minha alma recebia nova vida, depois de que Jesus me deu a absolvição não sentia mais aquele fastio de antes. Seja sempre glorificado o Senhor e sempre Ihe sejam dadas graças.

+ + + +

3-26

06 de Janeiro de 1900

A confiança: escada para subir até a Divindade.

(1) Esta manhã recebi a comunhão e me encontrei com Jesus, estava também a Mamã Rainha, e oh! Que maravilha ver a Mãe e ver o Coração d'Ela transformado em Jesus Menino, olhava o Filho e via a Mãe no Coração do Menino. Enquanto estava nisso, lembrei que hoje é a Epifania, e eu, a exemplo dos santos Magos devia oferecer alguma coisa ao Menino Jesus, mas via que não tinha nada para lhe dar. Então, vendo minha miséria, me veio o pensamento de oferecer-lhe por mirra o meu corpo com todos os sofrimentos dos doze anos que estou na cama disposta a sofrer e a estar todo o tempo que Ele queira²; por ouro, a pena que sinto quando me priva da sua presença, que é a coisa mais penosa e dolorosa para mim; por incenso, minhas pobres orações unidas às da Mamã Rainha, a fim de que fossem mais aceitáveis ao Menino Jesus. Então fiz o oferecimento com toda a confiança de que o Menino aceitaria tudo. Parecia que Jesus com muito gosto aceitava meus pobres oferecimentos, mas o que mais lhe dava gosto era a confiança com que eu as havia oferecido. Então me disse:

(2) “A confiança tem dois braços, com um se abraça à minha Humanidade e se serve d'Ela como escada para subir à minha Divindade, com o outro se abraça à Divindade e em torrentes toma as graças celestiais, assim que a alma fica toda inundada pelo Ser Divino. Quando a alma confia, está segura de obter o que pede, Eu me faço atar os braços, a faço fazer o que quer, a faço penetrar até dentro de meu Coração e por si mesma lhe faço tomar o que me pediu. Se não fizesse isso me sentiria em um estado de violência”.

(3) Enquanto dizia isso, do peito do Menino e da Mãe saíam tantos rios de licor (mas não sei dizer propriamente como se chamava isso que digo licor), que me inundavam a alma. E a Rainha Mãe desapareceu.

(4) Depois disso, junto com o Menino saí na abóbada dos Céus. Eu via seu Rosto gracioso triste e disse comigo mesma: “Talvez quer leite e por isso está triste”. Então eu lhe disse: “Queres mamar de mim, porque a Mamã Rainha não está?”. Mas antes de fazer isso, senti medo de que fosse o demônio, então para assegurar-me O persignei várias vezes com a cruz e lhe disse: “És Tu realmente, Jesus Nazareno, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho de Maria, Virgem Mãe de Deus?”. O Menino assegurava que sim. Então segura, O coloquei a mamar de mim. O Menino parecia que se

² Ou seja, se pôs nesse estado no ano de 1888, com a idade de 23 anos.

reanimava, tomando um aspecto alegre, e eu via que chupava partes daqueles rios dos quais Ele mesmo me havia inundado. E enquanto fazia isso, me sentia puxar o coração, porque parecia que vinha d'Ele aquele leite que Jesus chupava de mim. Quem pode dizer o que passava entre o Menino Jesus e eu? Não tenho língua para poder manifestá-lo, não tenho palavras para poder descrever.

+ + + +

3-27

08 de Janeiro de 1900

Até os erros serão úteis.

(1) Estava pensando comigo mesma: “Quem sabe quantos desatinos, quantos erros contêm estas coisas que escrevo.” Entretanto senti que perdia os sentidos, e veio o bendito Jesus e me disse:

(2) “Minha filha, até os erros servirão, e isto para fazer conhecer que não há nenhum artifício de tua parte, nem que tu és alguma doutora, porque se fosse assim, tu mesma haverias percebido onde te equivocavas, e isso também fará resplandecer mais que sou Eu quem te falo, se as coisas vêm com simplicidade. No entanto, te asseguro que não encontrarão nem a sombra do vício, nem coisa que não fale de virtude, porque enquanto tu escreves, Eu mesmo estou guiando a tua mão; no máximo, poderão encontrar algum erro à primeira vista, mas se observarem bem, aí encontrarão a Verdade”.

(3) Dito isso desapareceu, mas depois de algumas horas regressou e eu me sentia toda titubeante e pensativa acerca das palavras que me havia dito, e Ele acrescentou:

(4) “Meu patrimônio é a firmeza e a estabilidade, não estou sujeito a nenhuma mudança, e a alma, por quanto mais se aproxima de Mim e adentra no caminho das virtudes, tanto mais se sente firme e estável em fazer o bem, e porquanto mais distante esteja de Mim, tanto mais estará sujeita a mudar-se e a inclinar-se, ora ao bem e ora ao mal”.

+ + + +

3-28

12 de Janeiro de 1900

Diferença entre o conhecimento de si mesmo e a humildade.

(1) Encontrando-me em meu habitual estado, meu amável Jesus veio em um estado que dava compaixão. Tinha as mãos atadas fortemente e o Rosto coberto de cusparadas, e algumas pessoas O esbofeteavam horrivelmente, e Ele permanecia quieto, plácido, sem fazer nenhum movimento de pestanas, para demonstrar que Ele queria sofrer esses ultrajes, e isto não só externamente, mas também internamente. Que espetáculo tão comovedor, de fazer despedaçar os corações mais duros! Quantas coisas dizia aquele Rosto com as cusparadas n'Ele, sujo de lama!. Eu me sentia horrorizada, tremia, me via toda soberba diante de Jesus. Enquanto estava nesse aspecto, Ele me disse:

(2) “Minha filha, só os pequenos se deixam manejar como se quer, não aqueles que são pequenos de razão humana, mas aqueles que são pequenos, porém cheios de razão Divina. Só Eu posso dizer que sou humilde, porque no homem o que se diz humildade, melhor se deve dizer conhecimento de si mesmo, e quem não conhece a si mesmo já caminha na falsidade”.

(3) Durante alguns minutos Jesus fez silêncio e eu O contemplava. Enquanto fazia isso, vi uma mão que trazia uma luz que esquadrinhando o meu interior, nos mais íntimos recônditos queria ver se havia em mim o conhecimento de mim mesma e o amor às humilhações, às confusões e aos opróbrios; aquela luz encontrava um vazio em meu interior e eu via que também deveria ser enchido com humilhações e confusões a exemplo do bendito Jesus. Oh, quantas coisas me fazia compreender aquela luz e aquele Rosto santo que estava em frente a mim! Dizia comigo mesma: “Um Deus humilhado por amor a mim, confundido, e eu, pecadora, sem esses distintivos. Um Deus estável, firme em suportar tantas injúrias, tanto que não se move nem um pouquinho para livrar-se dessas cusparadas fétidas. Ah! Parece-me ver seu interior ante a Divindade, e o exterior ante os homens. No entanto, se quer pode fazê-lo, porque não são as correntes que o atam, mas sua Vontade estável, que a qualquer custo quer salvar o gênero humano. E eu? E eu? Onde estão minhas humilhações, onde a firmeza, a constância em fazer o bem por amor de meu Jesus e por amor ao meu próximo? Ai! Que diferentes vítimas somos eu e Jesus, porque de fato não nos parecemos em nada!”. Enquanto meu pequeno cérebro se perdia nisso, meu adorável Jesus me disse:

(4) “Minha Humanidade esteve cheia somente de opróbrios e humilhações, tanto de derramar-se fora, eis aqui porque diante de minhas virtudes treme o Céu e a Terra, e as almas que me amam se servem de minha Humanidade como escada para subir e provar algumas gotinhas de minhas virtudes. Diz-me, ante minha humildade, onde está a tua? Somente Eu posso gloriar-me de possuir a

verdadeira humildade. Minha Divindade unida à minha Humanidade podia fazer prodígios em cada passo, palavra e obra, no entanto voluntariamente me restringia no cerco da minha Humanidade e me mostrava como o mais pobre, e chegava a confundir-me com os próprios pecadores.

(5) A obra da Redenção em pouquíssimo tempo Eu poderia fazê-la, até com uma só palavra, mas quis durante tantos anos com tantos trabalhos e sofrimentos, fazer minha as misérias do homem, quis exercitar-me em diversas ações para fazer que o homem fosse todo renovado, divinizado, até nas mínimas ações, porque realizadas por Mim que era Deus e Homem, recebiam novo esplendor e ficavam com a marca de obras Divinas. Minha Divindade escondida em minha Humanidade, com descer a tanta baixez, sujeitar-se ao curso das ações humanas, enquanto que com um só ato de Vontade poderia criar infinitos mundos, com sentir as misérias, as debilidades de outros como se fossem suas, com ver-se coberta de todos os pecados dos homens ante a Divina justiça, e que devia pagar com o preço de penas inauditas e com o derramar de todo o seu Sangue, exercitava contínuos atos de profunda e heroica humildade.

(6) Eis aqui, ó minha filha, a diferença grandíssima de minha humildade com a humildade das criaturas, que diante da minha, é apenas uma sombra, até a de todos os meus santos, porque a criatura é sempre criatura e não conhece quanto pesa a culpa como a conheço Eu, embora sejam almas heroicas, que a meu exemplo se tenham oferecido a sofrer as penas dos outros, mas estas não são diferentes daquelas, das outras criaturas, não são coisas novas para elas, porque são formadas do mesmo barro. Ademais, só em pensar que essas penas são causas de novas aquisições e que glorificam a Deus, é uma grande honra para elas. Além disso, a criatura está restrita no cerco onde Deus a colocou, e não pode sair destes limites com os quais Deus a rodeou. Oh! Se estivesse em seu poder o fazer e o desfazer, quantas outras coisas fariam, cada um chegaria às estrelas. Mas minha Humanidade divinizada não tinha limites, mas que voluntariamente se restringia em Si mesma, e isso era um entrelaçar todas as minhas obras de heroica humildade. Havia sido esta a causa de todos os males que inundam a Terra, isto é, a falta de humildade, e Eu, com o exercício dessa virtude devia atrair todos os bens da divina justiça. Ah, sim, não saem do meu trono reescritos de graças senão por meio da humildade! Nenhum bilhete pode ser recebido por Mim, se não contém a assinatura da humildade, nenhuma oração escutam meus ouvidos e move de compaixão meu Coração, se não está perfumada com o aroma da humildade. Se a criatura não chega a destruir o germe da honra, da auto-estima, e isto se destrói com o chegar a amar ser desprezada, humilhada,

confundida, sentirá um entrelaçamento de espinhos ao redor de seu coração, perceberá um vazio em seu coração que lhe dará sempre incômodo e a tornará muito diferente de minha Santíssima Humanidade, e se não chega a amar as humilhações, no máximo poderá conhecer um pouco a si mesma, mas não resplandecerá ante a Mim vestida pela bela e agradável vestimenta da humildade.”

(7) Quem pode dizer quantas coisas compreendia sobre essa virtude e a diferença entre o conhecer a si mesmo e a humildade? Parecia-me tocar com a mão a diferença entre essas duas virtudes, mas não tenho palavras para explicar-me. Para dizer alguma coisa me sirvo de uma ideia, por exemplo: Um pobre diz que é pobre, e até as pessoas que não o conhecem e que talvez pudessem crer que possuía alguma coisa, ele lhes manifesta com franqueza sua pobreza, se pode dizer que conhece a si mesmo e que disse a verdade, e por isso é mais amado, move aos demais a ter compaixão de seu miserável estado e todos o ajudam, isto é o conhecer a si mesmo. Se depois, aquele pobre envergonhando-se de manifestar sua pobreza, vangloriar-se que é rico, mesmo que todos saibam que não tem sequer vestes para cobrir-se e que morre de fome, que aconteceria? Todos o desprezam, ninguém o ajuda e chega a ser alvo de zombaria e ridicularizado por quem o conhece, e o miserável indo de mal a pior, termina por perecer. Tal é a soberba perante Deus e também perante os homens, e eis aqui que quem não conhece a si mesmo, já está fora da verdade e se precipita pelo caminho da falsidade.

(8) Agora a diferença com a humildade, se bem me parece que são duas irmãs nascidas em um mesmo parto e que jamais se pode ser humilde se não se conhece a si mesmo, é por exemplo um rico, que despojando-se de suas nobres vestes, por amor às humilhações, se cobre com miseráveis farrapos, vive desconhecido, a ninguém manifesta quem ele é, se confunde com os mais pobres, vive com os pobres como se fosse igual a eles, faz dos desprezos e confusões suas delícias, e esta é a mais bela irmã do conhecimento de si mesmo, esta é a humildade. Ah! Sim, a humildade chama a graça, a humildade rompe as correntes mais fortes, como as do pecado; a humildade supera qualquer muro de divisão entre a alma e Deus, e a Ele regressa. A humildade é a pequena planta, mas sempre verde e florida, não sujeita a ser roída pelos vermes, nem os ventos, nem o granizo, nem o calor pode lhe causar dano, nem minimamente murchá-la. A humildade, se bem é a menor planta, sempre dá ramos altíssimos que penetram até no Céu e se entrelaçam em torno ao Coração de Nosso Senhor, e somente os ramos que saem desta pequena planta têm a livre entrada neste Coração adorável. A humildade é a âncora da paz nas tempestades das ondas do mar desta vida. A humildade é sal que condimenta todas as virtudes, e

preserva a alma da corrupção do pecado. A humildade é a erva que brota no caminho pisado pelos caminhantes, que enquanto é pisoteada desaparece, mas em seguida se vê surgir de novo mais bela que antes. A humildade é como enxerto nobre que enobrece a planta silvestre. A humildade é o ocaso da culpa. A humildade é a recém-nascida da graça. A humildade é como Lua que nos guia nas trevas da noite desta vida. A humildade é como aquele avaro negociante que sabe negociar bem suas riquezas e não desperdiça nem sequer um centavo da graça que lhe é dada. A humildade é a chave da porta do Céu, assim que ninguém pode entrar nele se não tem bem guardada essa chave. Finalmente, de outra maneira não terminaria nunca e me alargaria demasiado, a humildade é o sorriso de Deus e de todo o Empíreo, e o pranto de todo o inferno.

+ + + +

3-29

17 de Janeiro de 1900

A maldade e astúcia do homem.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus ia e vinha, mas sempre em silêncio. Depois me senti sair fora de mim mesma, e ouvia Jesus que me dizia por trás:

(2) “O homem diz: - porque já não há retidão - : ‘Enquanto as coisas estiverem desse modo não poderemos ter nenhum êxito em nossos planos, finjamos virtude, finjamos retidão, mostremo-nos verdadeiros amigos externamente, porque assim será mais fácil tecer nossas redes e atraí-los ao engano e quando sairmos para pegá-los e fazer-lhes mal, cada um acreditando sermos amigos, os teremos em nossas mãos’. Vê um pouco até onde chega a astúcia do homem”.

(3) Depois disso, o bendito Jesus querendo um ato de reparação especial, parecia que me truncava a vida oferecendo-me à Divina Justiça. No momento em que fazia isso, eu acreditava que Jesus me fazia terminar esta vida, então lhe disse: “Senhor, não quero ir para o Céu sem tuas insígnias, primeiro crucifica-me e depois me leva”.

(4) Assim me transpassou as mãos e os pés com os cravos e enquanto fazia isso, com suma amargura minha, Ele desapareceu e me encontrei em mim mesma, e disse comigo mesma: “Aqui estou ainda. Ah! Quantas vezes me fazes isso, meu amado Jesus, tens uma arte especial para saber fazê-lo, porque me fazes crer que devo morrer, e então eu me rio do mundo, das penas, me rio de Ti mesmo porque terminou o tempo de estarmos separados, não haverá mais

intervalos de separação. Mas apenas começo a rir quando me encontro outra vez atada pelas correntes do cárcere deste corpo frágil, e esquecendo o haver começado a rir, continuo o pranto, os gemidos, os suspiros de minha separação de Ti. Ah! Senhor, fá-lo logo porque me sinto violentada a ir-me!”.

+ + + +

3-30

22 de Janeiro de 1900

Correspondência à graça.

(1) Depois de haver passado dias amarguíssimos de privação, meu pobre coração lutava entre o temor de havê-lo perdido e a esperança de que talvez pudesse vê-lo de novo. Oh! Deus, que guerra sangrenta tem sustentado este meu pobre coração; era tanta a pena que ora se congelava e ora era comprimido como debaixo de uma prensa e gotejava sangue. Enquanto me encontrava nesse estado me senti perto de meu doce Jesus, que tirando-me um véu que me impedia de vê-lo, finalmente pude vê-lo. Em seguida lhe disse: “Ah Senhor, já não me amas?”

(2) E Ele: “Sim, sim, o que te recomendo é a correspondência à minha graça, e para ser fiel debes ser como aquele eco que ressoa dentro de um vazio, que não apenas se começa a emitir a voz, imediatamente, sem o mínimo de retardo se escuta o ressoar do eco. Assim tu, ao apenas começares a receber minha graça, sem nem sequer esperar que a termine de dar, imediatamente começa o eco de tua correspondência”.

+ + + +

3-31

27 de Janeiro de 1900

A ordem das virtudes na alma.

(1) Continuo estando quase privada do meu doce Jesus, minha vida desfalece pela pena, sinto um tédio, um fastio, um cansaço da vida. Ia dizendo em meu interior: “Oh! Como há se prolongado meu exílio! Que felicidade seria a minha se pudesse desatar as ataduras deste corpo e assim minha alma empreenderia livre o voo até meu Sumo Bem!” Então um pensamento me disse: “E se tu fores ao inferno?”. E eu para não chamar o demônio a combater-me, em

seguida o rejeitei dizendo: “Pois bem, também do inferno enviarei meus suspiros a meu doce Jesus, também ali quero amá-lo”. Enquanto me encontrava nestes e em outros pensamentos, que seria muito longa a história se os dissesse todos, o amável Jesus, por pouco tempo se fez ver, mas com um aspeto sério, e me disse:

(2) “Não chegou ainda teu tempo”.

(3) Depois, com uma luz intelectual me fazia compreender que na alma tudo deve estar ordenado. A alma possui muitos pequenos apartamentos onde cada virtude toma seu lugar, e se bem se pode dizer que uma só virtude contém em si todas as demais, e que a alma possuindo uma só, é cortejada por todas as outras virtudes, mas apesar disso todas são distintas entre elas, tanto, que cada uma tem seu lugar na alma, e eis aqui que todas as virtudes têm seu princípio no mistério da Santíssima Trindade, que enquanto é Uma, são Três Pessoas distintas, e enquanto são Três são Uma. Compreendia também que estes apartamentos na alma, ou estão cheios de virtude ou do vício oposto a aquela virtude, e se não está nem a virtude nem o vício, ficam vazios. A mim parece como uma casa que contém muitos cômodos, todos vazios, ou então, um cheio de serpentes, outro de lama, outro com alguns móveis cobertos de pó, outro escuro. Ah, Senhor, só Tu podes pôr ordem em minha pobre alma!

+ + + +

3-32

28 de Janeiro de 1900

A mortificação.

(1) Continua o mesmo. Esta manhã Jesus me transportou fora de mim mesma, e depois de tanto tempo, parece que vi Jesus com claridade, mas me via tão má que não me atrevia a dizer uma só palavra. Nos olhávamos, mas em silêncio, e naqueles olhares mútuos compreendia que meu Bem, Jesus, estava cheio de amargura, mas não me atrevia a dizer-lhe que as derramasse em mim. Então, Ele mesmo se aproximou e começou a derramá-las, e eu, não podendo contê-las, conforme as recebia, as lançava por terra. Então, Ele me disse:

(2) “Que fazes? Não queres mais participar em minhas amarguras? Não queres mais dar-me alívio em minhas penas?”

(3) E eu: “Senhor, não é minha vontade, eu mesma não sei que coisa me aconteceu, me sinto tão cheia que não tenho onde contê-las, só um prodígio teu pode alargar o meu interior e assim poderei receber tuas amarguras”.

(4) Então Jesus me assinalou com um grande sinal de cruz e derramou de novo, assim parece que pude contê-las, e depois disse:

(5) “Minha filha, a mortificação é como o fogo que faz secar todos os humores; assim, a mortificação seca todos os maus humores que há na alma e a inunda de um humor santificante, de modo que faz germinar as mais belas virtudes”.

+ + + +

3-33

31 de janeiro de 1900

Correspondência à graça.

(1) Depois que Jesus veio várias vezes, mas sempre em silêncio, eu sentia um vazio e uma aflição porque não ouvia a voz dulcíssima de meu Jesus, e Ele regressando, quase para alegrar-me me disse:

(2) “A graça é a vida da alma. Assim como a alma dá vida ao corpo, assim a graça dá vida à alma. Mas para o corpo ter vida, não lhe basta só a alma, mas que também necessita de um alimento para nutrir-se e crescer à devida altura. Assim para a alma, não lhe basta ter a graça para ter vida, mas necessita de alimento para nutri-la e conduzi-la à devida estatura. E qual é este alimento? É a correspondência. Assim que a graça e a correspondência formam essa corrente que a conduz ao Céu, e à medida que a alma corresponda à graça, são formados os elos dessa corrente”.

(3) Depois acrescentou: “Qual é o passaporte para entrar no Reino da Graça? É a humildade. A alma olhando sempre seu nada e descobrindo que não é outra coisa que pó, que vento, toda a sua confiança a colocará na graça, tanto que a fará dona, e a graça tomando o domínio sobre toda a alma, a conduz pelo caminho de todas as virtudes e a faz chegar ao cume da perfeição”.

(4) Que será a alma sem a graça? Parecia-me como o corpo sem a alma, que se torna pestilento e se enche de vermes e podridão por todas as partes, tanto que se torna objeto de horror à própria vista humana. Assim, a alma sem a graça, se torna tão abominável que dá horror à vista, não dos homens, mas daquele Deus três vezes Santo.

(5) Ah, Senhor, livra-me de tanta desgraça e do monstro abominável do pecado!

+ + + +

3-34

04 de Fevereiro de 1900

Desconfiança.

(1) Encontrando-me em um estado de desalento, especialmente pela privação de meu Sumo Bem, esta manhã, apenas deixando-se ver, me disse:

(2) “O desalento é um fluido infeccioso que infecta as mais belas flores e os mais agradáveis frutos e penetra até o fundo da raiz, de modo que aquele fluido infeccioso, invadindo toda a árvore, a murcha, a torna esquelética, e se não se põe remédio regando-a com o fluido contrário, como aquele fluido ruim está introduzido até a raiz, seca a raiz e faz a árvore cair por terra. Assim acontece com a alma que se embebe deste fluido infeccioso do desalento”.

(3) Apesar de tudo isso, eu me sentia todavia desalentada, toda encolhida em mim mesma, me via tão má que não me atrevia a lançar-me até meu doce Jesus. Minha mente estava ocupada pensando que para mim era inútil esperar como antes as contínuas visitas d’Ele, suas graças, seus carismas, tudo para mim havia terminado. E Ele quase repreendendo-me, acrescentou:

(4) “Que fazes? Que fazes? Não sabes tu que a desconfiança deixa a alma moribunda? Que pensando que deve morrer não pensa em mais nada, nem em adquirir, nem em negociar, nem em embelezar-se mais, nem em pôr remédio para seus males, não pensa em outra coisa, senão que para ela tudo terminou. E não somente torna a alma moribunda, como também a desconfiança coloca todas as virtudes em perigo de expirar”.

(5) Ah, Senhor! Imagino ver esse espectro da desconfiança triste, abatido, medroso e todo trêmulo, e toda a sua habilidade, não com outra astúcia, mas somente com o medo conduz a alma à sepultura. Mas o que é pior, é que esse espectro não se mostra como inimigo, porque então a alma poderia rir-se do seu medo; mas se mostra como amigo, e se infiltra tão docemente na alma, que se a alma não estiver atenta, lhe parecendo que é um amigo fiel que agoniza junto e chega a morrer junto com ela, dificilmente saberá se livrar de sua artificiosa maestria.

+ + + +

3-35

05 de Fevereiro de 1900

(1) Continuando o mesmo estado, com um pouco mais de ânimo, embora não perfeitamente livre, meu amadíssimo Jesus ao vir me disse:

(2) “Minha filha, às vezes a alma sente uma luta em alguma virtude, e esforçando-se supera aquele combate, então a virtude fica mais resplandecente e mais enraizada na alma. Mas a alma deve estar atenta para evitar que ela mesma não forneça a corda para atar-se pela desconfiança, e isso o fará ao restringir-se sempre, sem sair jamais do círculo da verdade, que é o conhecimento do próprio nada”.

+ + + +

3-36

12 de fevereiro de 1900

Os defeitos voluntários formam nuvens.

(1) Encontrando-me em um estado de abandono por parte de meu adorável Jesus, sentia o meu coração, pela dor, apertar como debaixo de uma prensa. Ó Deus, que pena inenarrável! Enquanto me encontrava nesse estado, quase como sombra vi a meu amado Bem, mas não claramente, só vi claramente uma mão que me parecia que levava uma lâmpada acesa, e molhava o dedo no azeite da lâmpada e me ungia a parte do coração, exacerbado ao máximo pela dor de sua privação. Nesse momento ouvi uma voz que dizia:

(2) “A verdade é luz que levou o Verbo à Terra. Assim como o Sol ilumina, vivifica e fecunda a Terra, assim a luz da verdade dá vida, luz, e torna as almas fecundas de virtudes. Se bem, muitas nuvens, as quais são as iniquidades dos homens, ofuscam essa luz da verdade, mas apesar disso não deixa de por trás das nuvens, mandar raios de luz vivificante e assim aquecer as almas. E se estas nuvens são nuvens de imperfeições e de defeitos involuntários, esta luz, rasgando-as com seu calor, as dissipa e livremente se introduz na alma”.

(3) Então compreendia que a alma deve estar atenta a não cair na sombra do defeito voluntário, porque estes são aquelas nuvens perigosas que impedem a entrada da Luz Divina.

+ + + +

3-37

13 de fevereiro de 1900

A mortificação é como a cal.

(1) Esta manhã, depois de haver recebido a Comunhão, vi a meu adorável Jesus, mas com o aspecto todo mudado. Parecia-me sério, todo reservado, em ato de repreender-me. Que mudança desoladora! Meu pobre coração, ao invés de ser aliviado, eu o sentia mais oprimido, mais transpassado diante do aspecto tão insólito de Jesus. No entanto, sentia toda a necessidade de um alívio pelas penas sofridas por sua privação nos dias passados, em que parece que vivia, mas agonizante e em contínua violência. Mas Jesus bendito, querendo repreender-me porque ia buscando alívio devido à sua presença, enquanto que não devia buscar outra coisa que sofrer, me disse:

(2) “Assim como a cal tem a virtude de queimar os objetos que entram nela, assim a mortificação tem virtude de queimar todas as imperfeições e os defeitos que se encontram na alma, e chega a tanto, que espiritualiza até mesmo o corpo, e como um cerco se põe ao redor e ali sela todas as virtudes. Até que a mortificação não te queime bem, tanto a alma como o corpo, até desfazê-lo, não poderei selar perfeitamente em ti a marca de minha Crucifixão”.

(3) Depois disso, não sei dizer bem quem era, mas me parecia que fosse um anjo, me transpassou as mãos e os pés, e Jesus com uma lança que saía de seu Coração, transpassou o meu com uma extrema dor e desapareceu me deixando mais aflita que antes. Oh, como compreendia bem a necessidade da mortificação, minha inseparável amiga, e que em mim não existia nem a sombra de amizade com ela! Ah! Senhor, ata-me Tu com indissolúvel amizade a essa boa amiga, por que por mim não sei mostrar mais que toda grosseria, e ela não vendo-se acolhida por mim com boa cara, usa comigo todas as considerações, me vai evitando sempre, temendo que eu lhe dê as costas de todo, e jamais cumpre comigo seu belo e majestoso trabalho, porque devido a estarmos um pouco distantes, suas mãos prodigiosas não chegam até a mim para poder trabalhar-me e apresentar-me ante a Ti como obra digna de suas santíssimas mãos.

+ + + +

3-38

16 de Fevereiro de 1900

A mortificação deve ser o respiro da alma.

(1) Continua quase sempre o mesmo. Esta manhã, depois de ter renovado em mim as penas da crucifixão, me disse:

(2) “A mortificação deve ser o respiro da alma. Assim como ao corpo é necessária a respiração, e do ar bom ou mau que se respira, assim fica infectado ou purificado, também pela respiração se conhece se está são ou doente o interior do homem, se todas as partes vitais estão em ordem, assim é a alma: se respira o ar da mortificação, tudo nela estará purificado, todos os seus sentidos soarão com um mesmo som harmonioso, seu interior exalará um respiro balsâmico, saudável, fortificante. Mas se não respira o ar da mortificação, tudo será dissonante na alma, exalará um respiro malcheiroso e nauseante; enquanto está por dominar uma paixão, outra se desenfreia. Em suma, sua vida não será outra coisa que um jogo de crianças”.

(3) Parecia-me ver a mortificação como um instrumento musical, no qual, se todas as cordas estão boas e fortes, produz um som harmonioso e agradável, mas se as cordas não são boas, ora precisa reparar uma, ora tem que afinar outra, pelo que todo o tempo emprega em ajustá-lo, mas jamais em tocá-lo; no máximo poderá emitir um som dissonante e desagradável, por isso jamais fará nada de bom.

+ + + +

3-39

19 de Fevereiro de 1900

Ameaça de castigos.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus veio e me transportou fora de mim mesma, via muita gente, toda em movimento, me parecia, mas não estou segura, como uma guerra, ou bem uma revolução, e a Nosso Senhor não faziam outra coisa que lhe tecer coroas de espinhos, tanto que enquanto eu estava toda atenta em tirar-lhe uma, lhe colocavam outra mais dolorosa. Ah, sim, parece que nosso século será célebre pela soberba! A maior desventura é o perder a cabeça, porque havendo perdido a cabeça com o cérebro, todos os outros membros se tornam inábeis, ou se tornam inimigos de si mesmos e dos demais, por isso acontece que a pessoa abre um caminho a todos os demais vícios.

(2) Meu paciente Jesus tolerava todas essas coroas de espinhos, e eu apenas tinha tempo de tirá-las, então voltou-se para essa gente e lhes disse:

(3) “Morrereis, quem na guerra, quem nos cárceres e quem em terremotos, poucos permaneceréis. A soberba formou o curso das ações de vossa vida, e a soberba os dará a morte”.

(4) Depois disso, o bendito Jesus me tirou do meio daquela gente, e tornando-se menino, eu o levava em meus braços para fazê-lo repousar. Ele, pedindo-me um refrigerio queria mamar de mim; eu, temendo que fosse o demônio, O persignei várias vezes com a cruz, e depois lhe disse: “Se verdadeiramente és Jesus, rezemos juntos a Ave Maria à nossa Mãe Rainha”. E Jesus recitou a primeira parte, e eu a Santa Maria. Depois, Ele mesmo quis dizer o Pai Nosso, Oh, como era comovedora sua oração! Enternecia tanto, que o coração parecia que se derretia. Depois acrescentou:

(5) “Filha, minha vida a tive a partir do coração, diferente dos demais; eis aqui uma razão pela qual sou todo coração para as almas, e por que sou levado a querer o coração, e não tolero nele nem sequer uma sombra do que não é meu. Então, entre tu e Eu quero que tudo seja totalmente para Mim, e o que darás às criaturas não será outra coisa que o transbordar de nosso amor”.

+ + + +

3-40

20 de Fevereiro de 1900

Jesus é a luz do Céu, da qual todos tomam suas pequenas luzes.

(1) Meu benigno Jesus continua vindo. Depois de haver recebido a Comunhão, me renovou as penas da crucificação, e eu fiquei tão desfalecida que sentia necessidade de um alívio, mas não me atrevia a pedi-lo. Depois de um pouco, regressou como um menino e me beijava toda, e de seus lábios corria leite, e eu bebi a grandes goles esse leite dulcíssimo de seus puríssimos lábios. Agora, enquanto fazia isso me disse:

(2) “Eu sou a flor do Éden Celestial, e é tanto o perfume que exalo, que ante minha fragrância todo o Empíreo é atraído, e como Eu sou a luz que envia luz a todos, tanto, de tê-los abismados. Todos os meus santos pegam de Mim suas pequenas luzinhas, assim que não há luz no Céu que não tenha sido tomada desta Luz”.

(3) Ah! Sim! Não há nem sequer um aroma de virtude sem Jesus, e não há luz, mesmo se fosse ao mais alto dos Céus, sem Ele.

+ + + +

3-41

21 de Fevereiro de 1900

O dom da pureza é graça conseguida, e esta se obtém com a mortificação.

(1) Esta manhã, meu amável Jesus começou a fazer suas acostumadas demoras. Seja sempre bendito; de verdade que se necessita de uma paciência de santo para suportá-lo, e é preciso lidar com Jesus para saber de quanta paciência se necessita. Quem não o experimenta não pode crê-lo, e é quase impossível não ter algum pequeno desgosto com Ele. Então, depois de haver usado a paciência ao esperá-lo e esperá-lo, finalmente veio e me disse:

(2) “Minha filha, o dom da pureza não é dom natural, mas é graça conseguida, e esta se obtém ao tornar-se atrativa, e a alma se faz tal com a mortificação e os sofrimentos. Oh! como se torna atrativa a alma mortificada e sofredora, como é formosa, e Eu sinto tal atração por ela, que enlouqueço por esta alma e tudo o que quer lhe dou. Tu, quando estiveres privada de Mim, sofre minha privação, que é a pena mais dolorosa para ti, por meu amor, e Eu sentirei mais atração que antes e te concederei novos dons”.

+ + + +

3-42

23 de Fevereiro de 1900

O sinal mais certo para saber se um estado é Vontade de Deus.

(1) Esta manhã, depois de quase ter perdido a esperança de que o bendito Jesus viria, Ele veio de repente e renovou em mim as penas da crucifixão e me disse:

(2) “O tempo chegou, o fim se aproxima, mas a hora é incerta”.

(3) E eu, sem prestar atenção ao significado das palavras que dizia, fiquei em dúvida se devia atribuí-lo à minha completa crucifixão ou bem aos castigos, e lhe disse: “Senhor, quanto receio de que meu estado não seja Vontade de Deus”.

(4) E Ele: “O sinal mais certo para se saber se é Vontade Minha um estado, é que se sinta a força para manter esse estado”.

(5) E eu: “Se fosse tua Vontade não aconteceria esta mudança, de não vir como antes”.

(6) E Ele: “Quando uma pessoa se torna familiar em uma família, não se usam tanto essas cerimônias, essas considerações que se usavam antes quando era estranha. Assim faço Eu. No entanto, isso não é sinal de que seja vontade dessa família não querer tê-la com

eles, nem que não a amem mais que antes. Por isso, esteja quieta, deixa-me fazê-lo, não queiras atormentar teu cérebro nem perturbar a paz do coração; quando chegar o tempo oportuno conhecerás meu agir”.

+ + + +

3-43

24 de Fevereiro de 1900

Luísa resiste à obediência.

(1) Esta manhã me encontrava toda cheia de medo, acreditava que tudo era fantasia, ou seja, o demônio que queria iludir-me. Então, tudo que via desprezava e me desgostava: Via o confessor que punha a intenção de que Jesus me renovasse as dores da crucifixão, e eu tratava de resistir. O Bendito Jesus a princípio me tolerava, mas como o confessor renovava a intenção, então Jesus me disse:

(2) “Minha filha, parece que desta vez faltaremos à obediência. Não sabes tu que a obediência deve selar a alma, e que a obediência deve fazer a alma como cera mole, de modo que o confessor possa dar-lhe a forma que quiser?”

(3) Assim, não tomando em conta minhas resistências, me fez participar das dores da crucifixão, e eu, não podendo resistir mais a tudo isso, porque não queria por medo de que não fosse Jesus, tive de sucumbir debaixo do peso das dores. Seja sempre bendito e tudo seja para glorificá-lo em tudo e sempre.

+ + + +

3-44

26 de Fevereiro de 1900

A Divina Vontade é felicidade de todos.

(1) Depois de haver passado alguns dias de privação, quando no máximo vinha alguma vez como sombra e fugia, eu sentia tal pena que me desfazia em lágrimas, e o bendito Jesus tendo compaixão de minha dor, veio e me olhava e me olhava, e depois me disse:

(2) “Minha filha, não temas que não te deixo; agora, quando estiver sem minha presença não quero que te desanimes, mas bem, de hoje em diante quando estiver privada de Mim, quero que tomes minha Vontade e que n’Ela te deleites, amando-me e glorificando-me n’Ela e tendo a minha Vontade como se fosse minha própria Pessoa.

Fazendo assim tu me terás em tuas próprias mãos. Que coisa forma a bem-aventurança do Paraíso? Com certeza minha Divindade. Agora, o que formará a bem bem-aventurança de meus amados na Terra? Com certeza minha Vontade. Ela não poderá fugir jamais de ti, a terás sempre em teu poder, e se tu permaneces no círculo de minha Vontade, lá sentirás as alegrias mais inefáveis e os prazeres mais puros. A alma, não saindo jamais do círculo da minha Vontade, se torna nobre, se diviniza e todas as suas obras repercutem no centro do Sol Divino, assim como os raios do Sol repercutem na superfície da Terra, e nenhum sai do centro que é Deus. A alma que faz minha Vontade é a única nobre rainha que se nutre do meu sopro, porque seu alimento e sua bebida não os toma mais que de minha Vontade, e nutrindo-se de minha Vontade toda santa, em suas veias correrá um sangue puríssimo, seu hálito exalará um cheiroso perfume que me recreará, porque será produzido por meu próprio sopro. Por isso, não quero outra coisa de ti, senão que formes tua bem-aventurança no giro de minha Vontade, sem sair jamais, nem sequer por um breve instante”.

(3) Enquanto dizia isso, sentia em meu interior uma inquietude e um temor, porque o falar de Jesus indicava que não ia vir, e que eu devia aquietar-me em sua Vontade. Ó Deus, que pena mortal! Que apertos no coração! Mas Jesus sempre benigno acrescentou:

(4) “Como posso deixar-te se tu és vítima? Só deixarei de vir quando tu deixares de ser vítima, mas enquanto fores vítima, me sentirei sempre atraído a vir”.

(5) Assim parece que fiquei tranquila; mas me sinto como cercada pela adorável Vontade de Deus, de modo que não encontro nenhuma abertura pela qual sair. Espero que me queira ter sempre neste cerco que me une toda a Deus.

+ + + +

3-45

27 de Fevereiro de 1900

A Divina Vontade ata Jesus à alma. O grande mal da murmuração.

(1) Havendo me abandonado toda na adorável Vontade de Nosso Senhor, eu me via toda circundada por meu doce Jesus, por fora e por dentro. Por haver me abandonado n’Ele, me via como se meu ser se tornasse transparente e a qualquer parte que me voltasse via meu sumo Bem, mas o que me maravilhava era que, enquanto me via rodeada por dentro e por fora por Jesus,

assim eu, meu pobre ser, minha vontade, circundava a Jesus como dentro de um círculo, de modo que Ele não encontrava a abertura para poder sair, porque minha vontade unida à sua O tinha atado sem que pudesse fugir. Oh, admirável segredo da Vontade do meu Senhor, indescritível é tua felicidade! Agora, enquanto me encontrava nesse estado, o bendito Jesus me disse:

(2) “Minha filha, na alma toda transformada em meu Querido Eu encontro um doce repouso. A alma se converte para mim como aqueles objetos suaves, que não causam nenhum incômodo para quem quer repousar neles, e mais, mesmo que fossem pessoas cansadas e doloridas, é tanta a suavidade e o prazer que tomam ao repousar-se sobre esses objetos, que ao despertar encontram-se fortes e saudáveis. Assim é para Mim a alma conformada a meu Querido, e Eu em recompensa me faço atar por sua vontade e nela faço resplandecer o Sol Divino como em pleno meio dia”.

(3) Dito isso desapareceu. Pouco depois, havendo recebido a Comunhão, regressou e me transportou fora de mim mesma. Via muita gente e Jesus me dizia:

(4) “Diga-lhes, diga-lhes que grande é o mal que fazem com murmurar um do outro, porque atraem minha indignação, e isto com justiça, porque vejo que enquanto estão sujeitos às mesmas misérias e debilidades, não fazem outra coisa que erguer tribunais um contra o outro. Se assim fazem entre eles, que farei Eu que sou santo e puro, com eles? De acordo com a caridade que praticam uns com os outros, assim Eu me sinto atraído a usar de misericórdia com eles”.

(5) Jesus me dizia e eu repetia para essa gente, e depois nos retiramos.

+ + + +

3-46

02 de março de 1900

A união das vontades ata a alma a Jesus.

(1) Esta manhã, havendo recebido a santa Comunhão, meu doce Jesus se fazia ver crucificado, e internamente me sentia atraída a olhar-me n’Ele para poder assemelhar-me a Ele, e Jesus se refletia em mim para atrair-me à sua semelhança. Enquanto fazia isso, eu sentia infundir em mim as dores de meu crucificado Senhor, que com toda a bondade me disse:

(2) “Quero que teu alimento seja o sofrer, não por sofrer somente, mas como fruto de minha Vontade. O beijo mais sincero que ata mais forte nossa amizade, é a união de nossas vontades, e o nó indissolúvel que nos estreitará em contínuos abraços será o contínuo sofrer”.

(3) Enquanto dizia isso, o bendito Jesus se descravou e tomou sua cruz e a estendeu no interior de meu corpo, e eu ficava tão estendida nela, que sentia me deslocar os ossos. Além disso, uma mão que não sei dizer com certeza de quem era, me transpassava as mãos e os pés, e Jesus, que estava sentado sobre a cruz que estava distendida em meu interior, se comprazia todo em meu sofrer e em quem me transpassava as mãos e acrescentou:

(4) “Agora posso repousar tranquilamente, não tenho que ter nem sequer o aborrecimento de crucificar-te, porque a obediência quer fazer tudo; e Eu livremente te deixo nas mãos da obediência”.

(5) E levantando-se da cruz, se pôs sobre meu coração para repousar. Quem pode dizer como sofri nessa posição? Depois de haver ficado um longo tempo, Jesus não se apressava em aliviar-me como das outras vezes, para fazer-me voltar ao meu estado natural, e àquela mão que me havia colocado sobre a cruz, não a via mais, isto o dizia a Jesus, que me respondia:

(6) “Quem te colocou sobre a cruz? Talvez tenha sido Eu? Foi a obediência e a obediência te deve tirar de lá”.

(7) Parece que dessa vez tinha vontade de brincar, e como suma graça, obtive que o bendito Jesus me liberasse.

+ + + +

3-47

07 de Março de 1900

A alma conformada ao Divino Querer chega a atar a Deus.

(1) Esta manhã, encontrando-me fora de mim mesma, tive que girar e girar para encontrar o bendito Jesus. Felizmente entrei em uma igreja e O encontrei sobre o altar onde se celebrava o Divino Sacrifício. Subitamente corri e O abracei dizendo-lhe: “Finalmente te encontrei! Tu me fizeste girar tanto até cansar-me, e estavas aqui”. E Ele, olhando-me sério, não com sua costumeira benignidade, me disse:”

(2) “Esta manhã me sinto muito amargurado e sinto toda a necessidade de pôr mão aos castigos para desagrar-me”.

(3) Eu, em seguida: “Amado meu, não é nada, remediaremos isso agora mesmo, derramarás em mim tuas amarguras e assim ficarás desagravado, não é verdade?”

(4) E Ele, condescendendo à minha petição, derramou suas amarguras em mim. Depois, estreitando-me a Ele como se tivesse libertado de um grave peso, acrescentou:

(5) “A alma conformada a meu Querer sabe se infiltrar tanto em minha potência, que chega a atar-me todo e a seu gosto me desarma como quer. Ah, tu, tu, quantas vezes me atas!”.

(6) E enquanto dizia isso, voltou ao seu acostumado aspecto doce e benigno.

+ + + +

3-48

09 de Março de 1900

A graça é como o Sol.

(1) Encontrando-me um pouco perturbada por uma coisa que não é necessário dizer aqui; minha mente queria andar vagando para certificar-se sobre minha perturbação e assim ficar em paz. Mas o bendito Jesus, querendo contradizer meu querer, me impedia que eu pudesse ver o que queria, e como eu insistia em querer ver me disse:

(2) “Porque queres ir vagando? Não sabes tu que quem sai de minha Vontade sai da luz e se confina nas trevas?”

(3) E querendo quase me distrair do que eu queria, me transportou fora de mim mesma, e mudando o assunto acrescentou:

(4) “Olha um pouco como os homens me são ingratos. Assim como a luz do Sol enche toda a Terra, desde um ponto ao outro, de modo que não há terra que não goze o benefício de sua luz, nem há pessoa que possa lamentar-se de estar privada de seus benéficos influxos, tanto é verdade, que o Sol, investindo a todo o Universo, para poder dar luz a todos, o toma como em sua mão, somente pode lamentar-se de não gozar de sua luz quem fugindo de sua mão vai esconder-se em lugares tenebrosos. No entanto, o Sol continuando seu caridoso ofício, não deixa de enviar-lhe algum raio de luz por entre seus dedos; assim minha graça é uma imagem do Sol, que por toda parte inunda os povos, pobres e ricos, ignorantes e doutores, cristãos e infiéis, nenhum, nenhum pode dizer que está privado dela, porque a luz da verdade e o influxo de minha graça enche a Terra, e mais que o Sol em seu pleno meio dia. Mas qual não é a minha pena ao ver as pessoas, que passando por essa luz a olhos fechados e afrontando minha graça com a torrente pestilenta de suas iniquidades,

se desviam dessa luz e voluntariamente vivem em lugares tenebrosos, em meio de cruéis inimigos? Elas estão expostas a mil perigos por que não tendo luz, não podem saber claramente se se encontram no meio de amigos ou de inimigos, nem fugir dos perigos que os rodeiam.

(5) Ah, se o Sol tivesse razão, e os homens pudessem fazer essa afronta à sua luz, e alguns chegando a tal ingratidão, que para desprezar e não ver seu resplendor se arrancassem os olhos, e assim ficariam mais seguros de viverem nas trevas; ai, o Sol ao invés de mandar luz, mandaria lamentos e lágrimas de dor, até transtornar toda a natureza! No entanto, o que os homens teriam horror de fazer à luz natural, chegam a tal excesso de afrontar desse modo a minha graça. Mas minha graça sempre benigna com eles, em meio das próprias trevas e da loucura de sua cegueira, manda sempre resplendores de luz, porque minha graça jamais deixa a nenhum, mas o homem voluntariamente sai dela, e a graça não o tendo em si, procura segui-lo com o brilho de sua luz”.

(6) Enquanto dizia isso, o doce Jesus estava extremamente aflito, e eu fazia quanto mais podia para consolá-lo, pedindo-lhe que derramasse em mim suas amarguras, e Ele acrescentou:

(7) “Compadece-te de Mim se te sou causa de aflição, porque de vez em quando sinto toda a necessidade de desabafar em palavras, com minhas almas diletas, minha dor sobre a ingratidão dos homens, para mover seus corações a reparar-me em tantos excessos, e à compaixão dos próprios homens”.

(8) E eu: “Senhor, o que quisera é que não me evitasses de participar em tuas penas”. E querendo eu dizer mais, desapareceu e voltei a mim mesma.

+ + + +

3-49

10 de março de 1900

Efeitos do sofrimento.

(1) Esta manhã, havendo recebido a santa Comunhão, via a meu amado Jesus como um Menino, com uma lança na mão em atitude de querer-me transpassar o coração, e como havia dito uma coisa ao confessor, Jesus querendo repreender-me disse: “Tu queres afastar o sofrer e Eu quero que comeces uma nova vida de sofrimentos e de obediência”.

(2) E enquanto me dizia isso, me transpassou o coração com uma lança e depois acrescentou:

(3) “Assim como o fogo arde segundo a lenha que se põe, e assim tem maior atividade em queimar e consumir os objetos que se lançam nele, e por quanto maior é o fogo, outro tanto maiores são o calor e a luz que contém. Assim o sofrimento e a obediência, por quanto são maiores, tanto mais a alma se faz hábil para destruir o que é material, e a obediência como a cera mole lhe dá a forma que quer”.

+ + + +

3-50

11 de março de 1900

Encontro com uma alma do Purgatório.

(1) Continua quase sempre o mesmo. Esta manhã via ao Bom Jesus mais aflito que de costume, ameaçando com uma mortandade de gente, e via em certos lugares que muitos morriam. Depois passei pelo purgatório e reconhecendo a uma amiga defunta lhe perguntava várias coisas sobre meu estado, especialmente se é Vontade de Deus este estado, se é verdade que é Jesus o que vem, ou o demônio, porque lhe dizia: “Como tu te encontras diante da Verdade e conheces com claridade as coisas, sem que te possas enganar, podes dizer-me a verdade acerca de minhas circunstâncias”.

(2) E ela me disse: “Não temas, teu estado é Vontade de Deus e Jesus te ama muito, por isso se manifesta a ti”.

(3) E eu, dizendo-lhe algumas de minhas dúvidas, lhe pedi que viesse ante a luz da verdade se eram verdadeiras ou falsas, e me fizesse a caridade de me dizer, e que se isso fizesse, eu em recompensa lhe mandaria celebrar uma missa em sufrágio, e ela acrescentou:

(4) “Se o Senhor o quiser, porque nós estamos tão imersas em Deus, que não podemos nem sequer mover as pestanas se Ele não concorda. Nós habitamos em Deus como uma pessoa que habita em outro corpo, que tanto pode pensar, falar, ver, agir, caminhar, por quanto lhe for dado por aquele corpo que a circunda por fora, porque em nós não é como em vós que tendes o livre arbítrio, a própria vontade, para nós toda vontade terminou, nossa vontade é somente a Vontade de Deus, d’Ela vivemos, n’Ela encontramos todo nosso contentamento e Ela forma todo nosso bem e nossa glória”.

(5) E mostrando um contentamento indizível por esta Vontade de Deus, nos separamos.

+ + + +

Modo para atrair as almas ao Catolicismo.

(1) Havendo me dado o confessor a obediência de pedir ao Senhor que me manifestasse o modo como fazer para atrair as almas ao Catolicismo, e para tirar tanta incredulidade, eu o pedi por vários dias e o Senhor não se dignava a manifestar-se sobre esse ponto. Finalmente, esta manhã me encontrei fora de mim mesma, transportada para dentro de um jardim que me parecia que fosse o jardim da igreja, e ali estavam muitos sacerdotes e outras dignidades que discutiam sobre este tema, e enquanto discutiam saía um cão de desmesurado tamanho e força, e a maior parte dessas pessoas ficavam tão assustadas e debilitadas, que chegavam a deixar-se morder por aquela besta, e depois se retiravam como covardes da missão. Aquele cão enfurecido não tinha força de morder aqueles que tinham a Jesus como centro no próprio coração, que portanto vinha a formar o centro de todas as suas ações, pensamentos e desejos. Ah, sim! Jesus formava o selo dessas pessoas, e aquela besta ficava tão fraca que não tinha força nem sequer de respirar.

(2) Agora, enquanto discutiam, eu ouvia a Jesus que por trás de minhas costas dizia:

(3) “Todas as demais sociedades conhecem quem pertence a seu partido, somente minha Igreja não conhece quem são seus filhos. O primeiro passo é saber quem são aqueles que lhe pertencem e estes os podeis saber, ao estabelecer um dia uma reunião em que convidareis aos que são católicos a que vão ao lugar destinado para tal reunião, e ali com a ajuda dos católicos seculares, estabelecer o que convém fazer. O segundo passo é obrigar a confissão àqueles católicos que intervenham nisso, pois essa é a coisa principal que renova o homem e forma os verdadeiros católicos, e isso não só a aqueles que se encontrem presentes, mas obrigar aos que são patrões para que obriguem seus súditos à confissão, e se não conseguem por bem, até mesmo com despedi-los do seu serviço. Quando cada sacerdote tiver formado o corpo de seus católicos, então poderão encaminhar-se a outros passos superiores, porque ao reconhecer a oportunidade do tempo, como entrar nos partidos e a prudência em expor-se, é como a poda para as árvores, que faz produzir frutos grandes e maduros, porém se a árvore não é podada, produz sim, um belo conjunto de folhagem e de flores, mas apenas cai uma geada, sopra um vento, não tendo a árvore vitalidade suficiente e força para sustentar tantas flores para transformá-las em

frutos, as flores caem e a árvore fica desnuda. Assim acontece nas coisas de religião: Primeiro deveis formar um conveniente corpo de católicos para poder fazer frente aos outros partidos, e depois podeis chegar a introduzi-los em outros partidos para formar um só”.

(4) Dito isso, não O ouvi mais e sem nem sequer vê-lo me encontrei em mim mesma. Quem pode dizer minha pena por não haver visto ao bendito Jesus durante todo o dia, e as lágrimas que tive que derramar?

+ + + +

3-52

15 de Março de 1900

Jesus se sente desarmado pelas almas vítimas.

(1) Jesus continuava sem vir, eu me consumia em dor e sentia uma febre que me fazia delirar. Agora, como o confessor veio celebrar o Divino Sacrifício, comunguei, mas não via, segundo o costume, o meu Amado Jesus, por isso comecei a dizer meus disparates: “Diz-me, meu Bem, por que não te fazes ver? Desta vez me parece que não te dei motivo para que te ocultes. Como, de bom grado, de bom grado, me deixas? Ai, nem sequer os amigos desta Terra atuam dessa maneira, quando devem ausentar-se ao menos dizem adeus. E Tu nem sequer me dizes adeus? Como? Assim se faz? Perdoa-me se falo assim, é a febre que me faz delirar e me faz chegar à loucura”. Quem pode dizer todos os meus desatinos que lhe disse? Seria perder o tempo. Agora, enquanto estava delirando e chorando, Jesus fazia ver ora uma mão, ora um braço, então vi o confessor que me dava a obediência de sofrer a crucifixão, e Jesus como obrigado pela obediência, se fez ver e eu em seguida lhe disse: “Porque não te fazes ver?”. E Ele mostrando um aspecto sério disse:

(2) “Não é nada, não é nada, é que quero castigar a Terra, e Eu estando bem, mesmo que com uma só criatura, me sinto desarmado e não tenho força para lançar mão dos castigos e ao fazer-me ver tu começa a dizer-me, se vêes que devo mandar castigos: “Derrama em mim, faz-me sofrer a mim”. E Eu me sinto vencer por ti e jamais lanço mão dos castigos, e os homens não fazem outra coisa que assoberbar-se mais”.

(3) Agora, repetindo o confessor a obediência de fazer-me sofrer a crucifixão, Jesus se mostrava lento em fazer-me sofrer essa obediência, não como das outras vezes que em seguida queria que me submetesse, e me disse:

(4) “E tu, que queres fazer?”

(5) E eu: “Senhor, o que tu queiras”.

(6) Então, dirigindo-se ao confessor com aspecto sério lhe disse:

(7) “Tu também queres atar-me com dar-lhe esta obediência de fazê-la sofrer?”

(8) E enquanto dizia isso, começou a me fazer participar das dores da cruz, e depois, mostrando-se mais calmo derramou suas amarguras, logo acrescentou:

(9) “O confessor, onde está?”

(10) E eu: “Senhor, não sei aonde foi, é certo que não o vejo mais conosco”.

(11) E Ele: “Eu o quero, porque como ele tem me confortado, assim Eu quero confortá-lo”.

+ + + +

3-53

17 de março de 1900

Dor do Papa. A humildade.

(1) Esta manhã, o bendito Jesus me fazia ver o Santo Padre com as asas abertas, que ia em busca de seus filhos para recolhê-los debaixo de suas asas, e ouvia seus lamentos que diziam: “Meus filhos, meus filhos, quantas vezes busquei reuni-los debaixo de minhas asas e vocês me fogem? Ah, escutem meus lamentos e tenham compaixão de minha dor!” E enquanto dizia isso, chorava amargamente, e parecia que não eram só os seculares que se apartavam do Papa, mas também os sacerdotes, e estes davam mais dor ao Santo Padre. Quanta dor dava ver o Papa nessa posição! Depois disso, via a Jesus que fazia eco aos lamentos do Santo Padre e acrescentava:

(2) “Poucos são os que permaneceram fiéis e esses poucos vivem como raposas ocultas em suas próprias tocas, têm medo de expor-se para arrancar a seus próprios filhos da boca dos lobos. Falam, propõem, mas todas são palavras ditas ao vento, jamais se chegam aos feitos”.

(3) Dito isso, desapareceu. Depois de pouco tempo regressou, e eu me sentia toda aniquilada em mim mesma diante da presença de Jesus, e Ele vendo-me assim, me disse:

(4) “Minha filha, quanto mais te abaixas em ti mesma, tanto mais me sinto atraído a abaixar-me a ti e a encher-te de minha graça, eis aqui porque a humildade é precursora da luz”.

+ + + +

3-54

20 de março de 1900

Advertência de castigos.

(1) Havendo recebido a Comunhão, via a meu doce Jesus que me convidava a sair com Ele, porém com o acordo de que, ao ir junto com Ele, onde via que Jesus estava obrigado a mandar castigos pelos pecados, não devia discutir com Ele para que não os mandasse. Com essa condição saímos percorrendo a Terra. Em primeiro lugar, comecei a ver não muito longe de nós, especialmente em certos pontos, tudo seco. Então, dirigindo-me a Ele, disse: “Senhor, como farão estas pobres pessoas se lhes falta o alimento para nutrir-se? Ah, Tu podes tudo! Assim como os fizeste secar, assim faz que reverdeça”. E como tinha a coroa de espinhos, estendi a mão dizendo-lhe: “Meu Bem, que coisa te fizeram estas pessoas? Quem sabe te colocaram esta coroa de espinhos, pois bem, dá a mim, assim ficarás aliviado e lhes darás o alimento para não deixá-las morrer”. E tirando-a, coloquei-a sobre minha cabeça. Enquanto fazia isso, Jesus me disse:

(2) “Se vê que não posso levar-te junto Comigo, porque levar-te e não poder fazer nada é o mesmo”.

(3) E eu: “Senhor, não fiz nada, perdoa-me se crês que fiz mal, mas leva-me junto Contigo”.

(4) E Ele: “Teu modo de agir me ata por todas as partes”.

(5) E eu: “Não sou eu que faço assim, és Tu mesmo que me fazes agir desse modo, porque encontrando-me Contigo, vejo que todas as coisas são tuas, e se não tomasse cuidado de tuas coisas, me parece que viria a não tomar cuidado de Ti mesmo. Por isso, deves perdoar-me se ajo dessa maneira, já que o faço por teu amor e não deves afastar-me por isso”.

(6) Depois continuamos girando. Eu fazia o quanto mais podia para não dizer-lhe nada de que não castigasse em alguns pontos, para não dar-lhe motivo para mandar me retirar e assim perder sua amável presença. Mas aonde não podia, começava a discutir com Ele. Chegamos a um ponto da Itália onde estavam fazendo um acordo que devia causar uma grande desordem, mas não entendi o que fosse, porque havendo começado a dizer ‘Senhor, não o permitas, pobre gente, como farão?’ Vendo Jesus que eu me afligia e queria impedi-lo, me disse com império:

(7) “Retira-te, retira-te”.

(8) E tirando de Si uma cinta de pregos e alfinetes que estava encaixada em seu corpo e que O fazia sofrer muito, acrescentou:

(9) “Retira-te e leva esta cinta contigo, assim me aliviarás muito”.

(10) E eu: “Sim, eu a colocarei no teu lugar, mas deixa-me ficar Contigo”.

(11) E Ele: “Não, retira-te”.

(12) E o disse com tal império que, não podendo resistir, em um instante me encontrei em mim mesma, e não pude entender qual era aquele acordo.

+ + + +

3-55

25 de março de 1900

O Verbo de Deus ao encarnar-se, torna-se luz das almas.

(1) Esta manhã, o adorável Jesus ao vir me disse:

(2) “Assim como o Sol é a luz do mundo, assim o Verbo de Deus ao encarnar-se se fez luz das almas, e assim como o Sol material dá luz a todos em geral e a cada um em particular, tanto que cada um o pode gozar como se fosse próprio, assim o Verbo, enquanto dá luz em geral, é Sol para cada um em particular, tanto é verdade, que a este Sol Divino cada um o pode ter consigo como se fosse para ele só”.

(3) Quem pode dizer o que compreendia sobre essa luz e os benéficos efeitos que produz nas almas que têm esse Sol como se fosse próprio? Parecia-me que a alma possuindo essa luz põe em fuga as trevas da noite, como o Sol material ao surgir sobre nosso horizonte põe em fuga as trevas da noite. Essa Luz Divina, se a alma é fria, a aquece; se está despida de virtudes, a faz fecunda; se está inundada pela daninha enfermidade da tibieza, com seu calor absorve aquela má disposição; em uma palavra, para não estender-me muito, esse Sol Divino, introduzindo a alma no centro de sua esfera, a cobre com todos os seus raios e chega a transformá-la em sua própria luz.

(4) Depois disso, como me sentia toda abatida, Jesus querendo me aliviar, me disse:

(5) “Esta manhã quero deleitar-me em ti”.

(6) E começou a fazer seus acostumados estratagemas amorosos.

+ + + +

3-56

1 de Abril de 1900

As paixões transformadas em virtudes.

(1) Depois de esperar e esperar, meu doce Jesus se fazia ver dentro de meu coração. Parecia-me ver um Sol que expandia raios, e olhando no centro desse Sol descobria o Rosto de Nosso Senhor, mas o que me deixou surpresa é que via em meu coração muitas donzelas vestidas de branco, com coroas na cabeça que rodeavam a esse Sol Divino, nutrindo-se daqueles raios que esse Sol expandia. Oh, como eram belas, modestas e humildes e todas atentas, e deleitando-se em Jesus! Então, não sabendo o significado disto, com um pouco de temor pedi a Jesus que me fizesse saber quem eram aquelas donzelas. E Ele me disse:

(2) “Estas donzelas são tuas paixões, que agora com minha graça, mudei em outras tantas virtudes que me fazem nobre cortejo, estando todas à minha disposição, e Eu em recompensa as vou nutrindo com minha contínua graça”.

(3) Ah Senhor, no entanto me sinto tão má que me envergonho de mim mesma!

+ + + +

3-57

2 de Abril de 1900

Jesus julga não segundo as obras que se fazem, mas segundo a vontade com que se faz.

(1) Esta manhã sofri muito pela ausência de meu amado Jesus, mas Ele recompensou minhas penas satisfazendo um desejo meu de querer saber uma coisa que há muito tempo desejava. Então, depois de ter girado e girado em busca de Jesus, e ora O chamava com a oração, ora com lágrimas, ora com o canto, pois talvez pudesse ficar ferido por minha voz e se deixasse encontrar, porém, tudo em vão. Repeti meus gemidos, a quem encontrava, perguntava sobre Ele. Finalmente, quando meu coração se sentia despedaçar e que não podia mais, O encontrei, mas O via de costas, e recordando-me de uma resistência que lhe fiz, a que direi no livro do confessor³, lhe pedi perdão e assim parece que nos pusemos de acordo, tanto que Ele mesmo me perguntou o que queria, e eu lhe disse: “Digna-te fazer-me conhecer tua Vontade acerca de meu estado, especialmente o que devo fazer quando me encontro com poucos sofrimentos e Tu

não vens, e se vens é quase como sombra. Então não te vendo, meus sentidos, os sinto em mim mesma, e encontrando-me nessa

³ Não se tem notícia desse livro.

posição, sinto como se pusesse do meu e não fosse necessário esperar a vinda do confessor para sair daquele estado”.

(2) E Jesus: “Sofras ou não sofras, Eu venha ou não venha, teu estado é sempre de vítima, muito mais que esta é minha Vontade e a tua, e Eu julgo não segundo as obras que se fazem, mas segundo a vontade com que se faz”.

(3) E eu: “Meu Senhor, está bem como dizes, mas me parece que estou inútil e se perde muito tempo, e sinto um fastio, um temor, e além disso, fazer o confessor vir, me atormenta a alma que não seja vontade tua”.

(4) E Ele: “Tu pensas que seja pecado fazer vir o confessor?”

(5) E eu: “Não, mas temo que não seja tua Vontade”.

(6) E Ele: “Deves fugir do pecado, até mesmo da sombra dele, mas com o resto não deves preocupar-te”.

(7) E eu: E se não fosse tua Vontade, que aproveitaria estar assim?”

(8) E Ele: “Ah, me parece que minha filha quer sair do estado de vítima, não é verdade?”

(9) E eu corando toda lhe disse: “Não Senhor, digo isso pelas vezes que não me fazes sofrer e não vens, pelo restante, faz-me sofrer e eu não me preocuparei”.

(10) E Jesus: E a Mim parece que queres sair. Além disso, acaso sabes tu que hora reservei para vir e comunicar-te minhas penas, se na primeira, na segunda, na terceira, ou talvez na última hora? Porque distraíndo-te de Mim e esforçando-te por sair te ocuparás em outra coisa, e Eu vindo não te encontrarei preparada, darei a volta e me irei a outra parte.”

(11) E eu toda espantada: “Jamais seja, ó Senhor. Não quero saber de outra coisa que de tua Santíssima Vontade”.

(12) E Ele: “Permanece calma e espera o confessor”.

(13) Dito isso, desapareceu. Parece que me sinto aliviada de um grande peso por este falar de Jesus, mas com tudo isso não diminuiu em mim a dolorosa pena quando Jesus me priva d’Ele.

+ + + +

3-58

9 de Abril de 1900

Abandono em Deus.

(1) Havendo recebido a Comunhão esta manhã, me encontrava em um mar de amarguras porque não via a meu sumo Bem Jesus, sentia todo o meu interior inquieto, quando em um instante se fez ver e me disse quase repreendendo-me:

(2) “Tu não sabes que o não abandonar-se em Mim é um querer usurpar os direitos de minha Divindade, fazendo-me uma grande afronta? Por isso abandona-te e aquieta todo o teu interior em Mim e encontrarás a paz, e encontrando a paz encontrarás a Mim mesmo.”

(3) Dito isso, desapareceu como um relâmpago sem fazer-se ver mais. Ah, Senhor, Tu me tenhas toda abandonada e bem estreitada em teus braços, de modo que não possa fugir jamais, de outro modo farei sempre minhas escapadas!

+ + + +

3-59

10 de Abril de 1900

Os desejos de ver Jesus O atraem à alma.

(1) O bendito Jesus continua sem vir. Ó Deus, que pena indizível é sua privação! Buscava o quanto mais podia por estar em paz e toda abandonada n’Ele, mas o meu pobre coração não podia mais, fazia o máximo que podia para acalmá-lo, dizia-lhe: “Meu coração, esperemos outro pouco, talvez venha, usemos algum estratagemas de amor para atraí-lo para que venha”. E dirigindo-me a Ele, dizia: “Senhor, vem, já é tarde e Tu não vens ainda. Esta manhã busco por quanto posso estar calma, no entanto não te fazes encontrar. Senhor, te ofereço o martírio de tua privação como testemunho de amor e para fazer-te um presente para te atrair a vir. É verdade que não sou digna, mas não é porque seja digna que te busco, mas por amor, e porque sem Ti me sinto faltar a vida”. E como não vinha, lhe dizia: “Senhor, ou vens ou te cansarei com minhas palavras, e quando estiveres cansado, nem sequer então virás?” Mas quem pode dizer todos meus desatinos? Dizia-lhe tantos, que me demoraria muito se quisesse dizê-los todos.

(2) Depois disso via a meu doce Jesus que se movia dentro de meu interior, como se se despertasse de um sono, logo se fez ver mais claro, e transportando-me fora de mim mesma me disse:

(3) “Assim como o pássaro quando deve voar move as asas, assim a alma nos voos dos desejos move as asas da humildade, e nesses movimentos envia um imã que me atrai, de modo que

enquanto ela empreende seu voo para vir a Mim, Eu empreendo o meu para ir a ela”.

(4) Ah, Senhor, se vê que me falta o imã da humildade! Se eu em meu caminho expandisse por toda parte o imã da humildade, não sofreria tanto em esperar e esperar tua vinda!

+ + + +

3-60

16 de Abril de 1900

As três assinaturas do passaporte da bem-aventurança na Terra.

(1) Depois de haver passado dias amargos de privações e reprovações do bendito Jesus por minhas ingratidões e resistências a seu Querer e às suas graças, esta manhã ao vir me disse:

(2) “Minha filha, o passaporte para entrar na felicidade que a alma pode possuir sobre esta Terra, deve ser firmado com três assinaturas, e estas são: a resignação, a humildade e a obediência.

(3) A resignação perfeita ao meu Querer é cera que funde nossos quereres e deles forma um só, é açúcar e mel, mas se há uma pequena resistência a meu Querer a cera se desune, o açúcar se torna amargo e o mel se converte em veneno. Agora, não basta estar resignada, mas a alma deve estar convencida que o maior bem para si mesma e o maior meio de glorificar-me é fazer sempre minha Vontade. Eis aqui a necessidade da assinatura da humildade, porque a humildade produz esse conhecimento. Mas quem enobrece essas duas virtudes? Quem as fortifica? Quem as faz perseverantes? Quem as encadeia juntas de modo a não poder separar-se? Quem as coroa? A obediência. Ah, sim! A obediência destruindo de todo o próprio querer e tudo o que é material, espiritualiza tudo, e como coroa se põe ao redor, assim que a resignação e a humildade sem a obediência estarão sujeitas à instabilidade, mas com a obediência serão firmes e estáveis, e eis aqui a estreita necessidade da assinatura da obediência, para fazer que esse passaporte possa correr para passar ao reino da bem-aventurança espiritual que a alma pode gozar desde aqui. Sem essas três assinaturas o passaporte não terá valor, e a alma será sempre rejeitada no reino da bem-aventurança e estará obrigada a estar no reino da inquietude, dos temores e dos perigos, e para sua desgraça terá por deus o seu próprio eu, e este eu estará cortejado pela soberba e pela rebelião”.

(4) Depois disso me transportou fora de mim mesma, dentro de um jardim, que parecia que era o jardim da Igreja, no qual se via que se desviavam, por causa de cinco ou seis pessoas, sacerdotes e

seculares, que unindo-se com os inimigos da Igreja mobilizavam uma revolução. Que dor dava ver o bendito Jesus chorar o triste estado dessas pessoas! Depois olhei no ar e via uma nuvem de água cheia de grandes pedaços de gelo que caíam sobre a Terra. Oh, quanto destroço faziam sobre as colheitas e sobre a humanidade! Mas espero que queira apaziguar-se. Então, mais aflita que antes voltei a mim mesma.

+ + + +

3-61

20 de abril de 1900

A cruz nos dá os traços e a semelhança de Jesus.

(1) Meu adorável Jesus continua vindo apenas como sombra, e ao vir não diz nada. Esta manhã, depois de haver-me renovado as dores da cruz por duas vezes, olhando-me com ternura enquanto estava sofrendo a dor das perfurações dos cravos, me disse:

(2) “A cruz é um espelho onde a alma vê a Divindade, e contemplando-se nele adquire os traços, a semelhança mais perfeita com Deus. A cruz não só se deve amar, desejar, mas ter como honra e glória a própria cruz, e isso é agir com Deus e chegar a ser como Deus por participação, porque somente Eu me gloriei da cruz e considerei como uma honra o sofrer, e a amei tanto, que em toda minha vida não quis estar um momento sem a cruz”.

(3) Quem pode dizer o que compreendia da cruz por este falar do bendito Jesus? Porém me sinto muda para expressá-lo com palavras. Ah! Senhor, te peço que me tenhas sempre cravada na cruz, a fim de que tendo sempre diante este espelho Divino, possa limpar todas minhas manchas e embelezar-me sempre mais à tua semelhança.

+ + + +

3-62

21 de Abril de 1900

Mais que o sacramento, a cruz sela Deus na alma.

(1) Encontrando-me em meu próprio estado, e mais, com um pouco de temor por uma coisa que não é necessário dizer aqui, meu doce Jesus ao vir me disse:

(2) “E mesmo sendo vasos sagrados, é necessário de vez em quando sacudi-los. Vossos corpos são tantos vasos sagrados nos quais faço minha morada, por isso é necessário que de vez em quando lhes dê uma pequena sacudida, isto é, que os visite com alguma tribulação para fazer com que Eu esteja neles com mais decoro. Por isso fique tranquila”.

(3) Depois disso, havendo recebido a Comunhão e tendo renovado as dores da crucifixão, acrescentou:

(4) “Minha filha, como é preciosa a cruz, olha um pouco: O Sacramento de meu Corpo ao dar-se à alma, a une Comigo, a transforma até torná-la uma mesma coisa Comigo, mas ao consumir-se as espécies, se desfaz a união realmente contraída. Mas a cruz não, ela toma a Deus e O une com a alma para sempre, e para maior segurança ela se põe como selo. Portanto, a cruz sela a Deus na alma, de modo que jamais há separação entre Deus e a alma crucificada.”

+ + + +

3-63

23 de Abril de 1900

A resignação é azeite que unge.

(1) Esta manhã, encontrando-me fora de mim mesma, via a meu doce Jesus que sofria muito, e lhe pedi que me desse parte de suas penas, e Ele me disse:

(2) “Tu também sofres, melhor, Eu me ponho em teu lugar e tu me fazes o ofício de enfermeira”.

(3) Então parecia que Jesus se colocava em minha cama, e eu ao seu lado começava a examinar-lhe a cabeça, e um a um lhe tirei os espinhos que estavam cravados. Depois segui com seu Corpo e percorri todas as suas chagas; lhes secava o sangue, as beijava, mas não tinha com que ungi-las para mitigar a dor. Então vi que de mim saía um azeite e eu o tomava e ungia as chagas de Jesus, mas com certo temor porque não compreendia o que significava aquele azeite que saía de mim. Mas o bendito Jesus me fez entender que a resignação ao Querer Divino é azeite, que enquanto unge e mitiga nossas penas, ao mesmo tempo é azeite que unge e mitiga a dor das chagas de Jesus. Então, depois de haver estado por um bom tempo fazendo esse ofício a meu amado Jesus, Ele desapareceu e eu regressei a mim mesma.

+ + + +

3-64

24 de abril de 1900

A Eucaristia e o sofrimento.

(1) Esta manhã, havendo recebido a Comunhão, me parecia que o confessor punha a intenção de fazer-me sofrer a crucifixão, e no instante vi o anjo da guarda que me estendia sobre a cruz para fazer-me sofrer. Depois disso, vi meu doce Jesus que se compadecia de mim e me disse:

(2) “Teu refrigerio sou Eu, meu refrigerio é teu sofrer.”

(3) E mostrava um contentamento indizível por meu sofrimento e pelo confessor, porque com a obediência que me havia dado de sofrer, Ihe havia dado aquele alívio, depois acrescentou:

(4) “Como o sacramento da Eucaristia é fruto da Cruz, por isso me sinto mais disposto a conceder-te o sofrimento quando recebes meu Corpo, porque vendo-te sofrer, me parece que não misticamente, mas realmente continuo em ti minha Paixão em proveito das almas, e isso é para Mim um grande alívio, porque recolho o verdadeiro fruto de minha cruz e da Eucaristia”.

(5) Depois disso, me disse: “Até agora tem sido a obediência quem te fez sofrer, tu queres que me divirta um pouco com renovar-te de novo a crucifixão com minhas próprias mãos?”

(6) E eu, se bem me sentia muito sofredora e ainda frescas as dores compartilhadas da cruz, Ihe disse: “Senhor, estou em tuas mãos, faz de mim o que queiras”.

(7) Então, Jesus todo contente começou a cravar-me de novo os cravos nas mãos e nos pés, sentia tal intensidade de dor, que eu mesma não sei como fiquei viva. No entanto, estava contente porque contentava a Jesus. Depois que rebateu os cravos, pondo-se junto a mim começou a dizer:

(8) “Como és bela! Tua beleza cresce mais com o teu sofrer! Oh, como me és amada, meus olhos ficam feridos ao ver-te, porque descobrem em ti minha própria imagem!”

(9) E dizia tantas outras coisas que seria inútil dizê-las, primeiro porque sou má, e segundo porque não vendo-me como o Senhor me diz, sinto uma confusão e uma vergonha ao dizer essas coisas, por isso espero que o Senhor me faça verdadeiramente boa e bela, e

então, diminuindo minha vergonha poderei descrevê-las, por isso ponho ponto.

+ + + +

3-65

25 de Abril de 1900

A pureza no agir é luz.

(1) Encontrando-me fora de mim mesma e não encontrando a meu doce Jesus, tive que girar muito para ir em busca d'Ele. Ao final O encontrei nos braços da Mamãe Rainha tomando o leite de seu peito, e por quanto eu lhe dizia e fazia, parecia que não me prestava atenção, na verdade, nem sequer me olhava. Quem pode dizer a pena de meu pobre coração ao ver que Jesus não me fazia caso? Depois de ter dado rédea solta às lágrimas, tendo compaixão de mim veio entre meus braços e derramou em minha boca um pouco desse leite que havia chupado da Mamãe Rainha.

(2) Depois disso olhei seu peito, e tinha uma pequena pérola, tão resplandecente que investia de luz a Humanidade Santíssima de Nosso Senhor. Então, querendo saber o significado, perguntei a Jesus o que era essa pérola, que enquanto parecia tão pequena expandia tanta luz. E Jesus:

(3) “É a pureza de teu sofrer, porque embora seja pequeno, mas como sofres só por meu amor e estarias disposta a sofrer mais se Eu te concedesse, esta é a causa de tanta luz. Minha filha, a pureza no agir é tão grande, que quem age com o único fim de agradar a Mim somente, não faz outra coisa que enviar luz em todo o seu agir. Quem não age retamente, mesmo no bem, não faz outra coisa que espalhar trevas”.

(4) Então vi no peito de Nosso Senhor, e tinha um espelho polidíssimo, e parecia que quem caminhava retamente ficava todo absorvido nesse espelho, quem não, ficava fora, sem que pudesse receber nenhuma marca da imagem do bendito Jesus. Ah, Senhor! Tenha-me toda absorvida nesse espelho divino, a fim de que nenhuma outra sombra de intenção eu tenha em meu agir.

+ + + +

3-66

1 de maio de 1900

Frutos da cruz.

(1) Havendo recebido a Comunhão, meu doce Jesus se fez ver todo afabilidade, e como parecia que o confessor punha a intenção da crucifixão, minha natureza sentia quase repugnância de submeter-se. Então meu doce Jesus para animar-me, disse-me:

(2) “Minha filha, se a Eucaristia é garantia da glória futura, a cruz é desembolso para comprá-la. Se a Eucaristia é semente que impede a corrupção, e é como essas ervas aromáticas, com as quais unguindo-se os cadáveres, não se corrompem, e doa a imortalidade à alma e ao corpo. A cruz a embeleza e é tão potente, que se há dívidas contraídas, ela se faz fiadora e com maior segurança faz que lhe seja restituída a escritura da dívida contraída, e depois de satisfazer todo o débito, com isso forma para a alma o trono mais deslumbrante na glória futura. Ah, sim, a cruz e a Eucaristia juntas se alternam, e uma obra mais potentemente que a outra”.

(3) Depois acrescentou: “A cruz é meu leito florido, não porque não sofri dores atrozes, mas porque por meio da cruz dava a luz a tantas almas à graça, via brotar tantas belas flores que produziam tantos frutos celestiais, assim que vendo tanto bem, tinha para minha delícia aquele leito de dor e me deleitava da cruz e do sofrer. Também tu, minha filha, toma como delícias as penas e deleita-te por estar crucificada em minha cruz. Não, não quero que temas o sofrer, como se quisesses agir como preguiçoso. Ânimo, age com bravura e expõe-te por ti mesma ao sofrimento”.

(4) Enquanto dizia isso, via a meu bom anjo que estava preparado para crucificar-me, e eu por mim mesma estendi os braços, e o anjo me crucificava. Oh, como gozava o bom Jesus por meu sofrer, e como eu estava contente porque podia dar gosto a Jesus sendo uma alma tão miserável! Parecia-me que era uma grande honra para mim sofrer por seu amor.

+ + + +

3-67

3 de Maio de 1900

Festa para a Cruz no Céu.

(1) Esta manhã me encontrei fora de mim mesma e via todo o céu semeado de cruces, pequenas, grandes, medianas. As maiores davam mais brilho. Era um encanto dulcíssimo ver tantas cruces que embelezavam o firmamento, mais resplandecentes que o Sol. Depois disso, pareceu que se abria o Céu e se via e ouvia a festa que os bem aventurados faziam à Cruz. Quem mais havia sofrido era mais

festejado neste dia. Se distinguiam de modo especial os mártires e quem havia sofrido ocultamente. Oh, como se estimava nessa bem aventurada morada a Cruz e a quem mais havia sofrido! Enquanto via isso, uma voz ressoou por todo o empíreo, que dizia:

(2) “Se o Senhor não mandasse as cruzes sobre a terra, seria como aquele pai que não tem amor pelos próprios filhos, que em vez de querer vê-los honrados e ricos, os quer ver pobres e desonrados”.

(3) O resto que vi dessa festa não tenho palavras para explicar, o sinto em mim, mas não sei manifestá-lo, por isso faço silêncio.

+ + + +

3-68

9 de Maio de 1900

Luísa vê o mistério da Santíssima Trindade em forma de três sóis.

(1) Depois de haver passado dias de privação, e não só isso, como também de perturbação, esta manhã encontrando-me mais perturbada sobre meu miserável estado, o adorável Jesus ao vir me disse:

(2) “Tu, com estar inquieta, perturbaste meu doce repouso. Ah! Sim, não me deixas repousar mais”.

(3) Quem pode dizer como fiquei mortificada ao ouvir que havia tirado o repouso a Jesus Cristo? Apesar de tudo isso, por algumas horas me acalmei, porém depois me encontrei mais inquieta que antes, tanto que eu mesma não sei desta vez onde irei terminar.

(4) Depois daquelas poucas palavras que Jesus disse, me encontrei fora de mim mesma, e olhando a abóbada dos céus, nela descobria três sóis: Um parecia que pousava no oriente, outro no ocidente, o terceiro no meio dia. Era tanto o esplendor dos raios que emanavam, que se uniam uns com os outros, de modo que formavam um só. Parecia-me ver o mistério da Santíssima Trindade, e o homem formado com as três potências à imagem d’Ela. Compreendia também que quem estava naquela luz, sua vontade ficava transformada no Pai, a inteligência no Filho e a memória no Espírito Santo. Quantas coisas compreendia! Porém não sei manifestá-las.

+ + + +

3-69

13 de Maio de 1900

Privação de Jesus.

(1) Continua o mesmo estado e talvez ainda pior, se bem faço quanto posso para ficar quieta e sem perturbar-me, porque assim quer a obediência, mas com tudo isso não deixo de sentir o peso do abandono que me oprime e chega até a esmagar-me. Oh, Deus! Que estado é esse? Diz-me ao menos em que te ofendi? Qual é a causa? Ah Senhor, se queres continuar deste modo creio que não poderei resistir mais!

(2) Por isso, assim que se fez ver, colocando a mão sob meu queixo em atitude de compadecer-se de mim, disse-me:

(3) “Pobre filha, a que estado te hás reduzido!”

(4) E fazendo-me partícipe de suas penas, como um raio desapareceu deixando-me mais aflita que antes, como se não houvesse vindo, e mais, me sinto como se não houvesse vindo desde há muito tempo, e sinto tal aflição por isso, que vivo, mas meu viver é um contínuo agonizar. Ah Senhor, dá-me ajuda e não me deixes no abandono, se bem que o mereço!

+ + + +

3-70

17 de Maio de 1900

Poder das almas vítimas.

(1) Continua o mesmo estado de privação e de abandono. Então, encontrando-me fora de mim mesma, via uma inundação de água misturada com granizo, parecia que várias cidades ficavam inundadas com notáveis danos. Enquanto via isso, me encontrava em grande consternação porque queria impedir aquela inundação, mas como me encontrava só e não tinha Jesus comigo, sentia meus pobres braços fracos para poder fazê-lo. Então, com grande surpresa vi vir uma virgem (me parecia que era da América), e ela de um ponto e eu do outro conseguimos impedir em grande parte o flagelo que nos ameaçava. Depois disso, havendo-nos reunido, via aquela virgem com as insígnias da paixão e coroada com coroa de espinhos, como também me encontrava eu, e uma pessoa que me parecia que fosse um anjo que dizia:

(2) “Ó poder das almas vítimas! O que não nos é dado a nós anjos fazer, elas com seus sofrimentos o podem fazer. Oh, se os homens soubessem o bem que lhes vêm delas, porque estão para o bem público e particular, não fariam outra coisa que implorar a Deus que multiplique essas almas sobre a Terra”.

(3) Depois disso, tendo-nos dito que nos encomendássemos mutuamente ao Senhor, nos separamos.

+ + + +

3-71

18 de Maio de 1900

Encher o interior de Deus.

(1) Encontro-me ainda privada de meu adorável Jesus, no máximo vejo alguma sombra. Oh, quanto me custa amá-lo, quantas lágrimas devo derramar! Esta manhã, depois de havê-lo buscado e esperado muito, O encontrei em minha própria cama, todo aflito, com a coroa de espinhos que lhe trespassava a cabeça. Eu a tirei pouco a pouco e pus sobre a minha. Oh, quão má me via diante de sua presença! Não tinha força para dizer uma só palavra. Jesus, tendo compaixão de mim, disse-me:

(2) “Tem coragem, não temas, procura encher teu interior de Mim e enriquecê-lo com todas as virtudes, até que transbordem fora, e quando chegares a transbordá-las, então te levarei ao Céu e terminarão todas as tuas privações”.

(3) Depois disso, com uma expressão aflita, acrescentou: “Minha filha, reza, porque estão preparados três diferentes dias, um distante do outro, de tempestades, granizos, raios, inundações que causarão grande dano aos homens e às plantas”.

(4) Dito isso desapareceu, deixando-me um pouco mais aliviada no estado em que me encontro, mas com um pensamento: “Quem sabe quando chegarei a transbordar-me, e se não o faço, talvez me tocará estar sempre longe d’Ele”.

+ + + +

3-72

20 de maio de 1900

Todas as coisas têm princípio do nada. Necessidade do repouso e do silêncio interior.

(1) Encontrando-me fora de mim mesma, me parecia que fosse de noite e via todo o Universo, toda a ordem da natureza, o céu estrelado, o silêncio noturno, em suma, me parecia que tudo tinha um significado. Enquanto olhava isso, me parecia que via a Nosso Senhor, que tomava a palavra sobre o que via e disse:

(2) “Toda a natureza convida ao repouso, mas qual é o verdadeiro repouso? É o repouso interior e o silêncio de tudo que não é Deus. Olha, as estrelas cintilantes de luz moderada, não deslumbrante como o Sol; o sono e o silêncio de toda a natureza, dos homens e até dos animais, e que todos buscam um lugar, uma caverna onde estar em silêncio e repousar do cansaço da vida. Se isto é necessário para o corpo, muito mais para a alma é necessário repousar em seu próprio centro que é Deus. Mas para poder repousar em Deus é necessário o silêncio interior, como ao corpo é necessário o silêncio exterior para poder placidamente adormecer. Mas qual é esse silêncio interior? É fazer calar as próprias paixões, tendo-as em seu lugar, é impor silêncio aos desejos, às inclinações, aos afetos, em suma, a tudo que não chama a Deus. Agora, qual é o meio para se chegar a isso? O único meio e de absoluta necessidade é desfazer o próprio ser e reduzir-se a nada, como era antes que fora criada, e quando houver reduzido o seu ser ao nada, retomá-lo em Deus.

(3) Minha filha, todas as coisas têm princípio do nada, esta própria máquina do Universo que tu vês com tanta ordem, se antes de criá-la houvesse estado cheia de outras coisas, não haveria podido colocar minha mão criadora com tanta maestria e deixá-la tão esplêndida e adornada, no máximo haveria podido desfazer tudo que podia estar, e depois refazê-lo como a Mim agradava. Porém, estamos sempre lá, onde todas as minhas obras têm princípio do nada, e quando há mesclas de outras coisas, não é decoroso para minha Majestade descer e agir na alma, mas quando a alma se reduz ao nada e sobe a Mim, e toma seu ser no meu, então Eu ajo como o Deus que sou, e a alma encontra ali o verdadeiro repouso. Eis aqui como todas as virtudes têm princípio na humildade e no aniquilamento de si mesmo”.

(4) Quem pode dizer quanto compreendia sobre o que me dizia o bendito Jesus? Oh, como minha alma seria feliz se pudesse chegar a desfazer meu pobre ser, para poder receber de meu Deus seu Ser Divino! Oh, como me enobreceria, como ficaria santificada! Mas que bobagem é a minha, onde tenho a cabeça se ainda não o faço? Que miséria humana, que em vez de buscar seu verdadeiro bem e de empreender seu voo ao alto, se contenta com arrastar-se por terra e viver na lama e na podridão!

(5) Depois disso, meu amado Jesus me transportou para dentro de um jardim, no qual havia muita gente que se preparava para assistir a uma festa, mas somente aqueles que recebiam um distintivo a podiam assistir, porém eram poucos os que recebiam esse distintivo. A mim veio um grande desejo de recebê-lo, e tanto fiz que logrei meu propósito. Depois, havendo chegado ao ponto onde os recebiam, uma venerável matrona primeiro me vestiu de branco,

depois me pôs uma faixa celestial, da qual pendia uma medalha marcada com o Rosto de Jesus, e que enquanto era o rosto ao mesmo tempo era espelho, que ao contemplar-se nele se descobriam as menores manchas, e que a alma com a ajuda de uma luz que vinha de dentro daquele Rosto, facilmente podia tirar. Parecia-me que essa medalha encerrava um significado misterioso. Depois pegou um manto de ouro finíssimo e me cobriu toda. Parecia-me que vestida assim poderia competir com as virgens bem-aventuradas. Enquanto isso acontecia, Jesus me disse:

(6) “Minha filha, voltemos a ver o que fazem os homens, por enquanto basta que estejas vestida, quando for a festa, então te levarei para assistir”.

(7) Assim, depois de haver girado um pouco, me transportou à minha cama.

+ + + +

3-73

21 de maio de 1900

O estado mais sublime é desfazer nosso querer no Querer de Deus, e viver de sua Vontade.

(1) Esta manhã meu adorável Jesus não vinha. Depois de muito esperar veio e me acariciando disse-me:

(2) “Minha filha, sabes qual é meu olhar sobre ti e o estado que quero de ti?”

(3) E detendo-se um pouco acrescentou: “O olhar que tenho sobre ti não é de coisas prodigiosas, e de tantas outras coisas que poderia operar em ti para mostrar minha obra, mas meu olhar é absorver-te em minha Vontade e fazer-te uma só coisa com Ela, e fazer de ti um exemplar perfeito de uniformidade do teu querer com o meu. Este é o estado mais sublime, é o maior prodígio, é o milagre dos milagres o que quero fazer de ti.

(4) Minha filha, para chegar perfeitamente a fazer um nosso querer, a alma deve tornar-se invisível, deve imitar a Mim, que enquanto encho o mundo tendo-o absorvido em Mim e com não ficar absorvido nele, me torno invisível e por ninguém me deixo ver. Isso significa que não há nenhuma matéria em Mim, mas que tudo é Espírito puríssimo, e se em minha Humanidade assumida tomei a matéria, foi para assemelhar-me em tudo ao homem e dar-lhe um exemplar perfeitíssimo de como espiritualizar esta mesma matéria. Então, a alma deve espiritualizar tudo e chegar a tornar-se invisível para poder fazer facilmente uma sua vontade com minha Vontade,

porque o que é invisível pode ser absorvido em outro objeto. De dois objetos com os quais se quer formar um só, é necessário que um perca a própria forma, de outra maneira jamais chegaria a formar um só ser.

(5) Que fortuna seria a tua se destruindo a ti mesma, até fazer-se invisível, pudesses receber uma forma toda divina! E mais, tu com ficar toda absorvida em Mim e Eu em ti, formando um só ser, virias a reter em ti a fonte divina, e como minha Vontade contém todo o bem que pode existir, virias a reter todos os bens, todos os dons, todas as graças, e não terias que buscá-los em outra parte senão em ti mesma. E se as virtudes não têm confins, estando em minha Vontade, segundo a criatura possa chegar, encontrará seu término, porque minha Vontade faz chegar a adquirir as virtudes mais heroicas e mais sublimes que a criatura por si só não pode superar.

(6) É tanta a altura da perfeição da alma desfeita em meu Querer, que chega a obrar como Deus, e isso não é de assombrar, porque como não vive mais sua vontade nela, mas a Vontade do próprio Deus, cessa todo assombro se vivendo com essa Vontade possui a potência, a sabedoria, a santidade e todas as outras virtudes que contém o próprio Deus. Basta dizer-te, para que tu te enamores e cooperes quanto possas por tua parte para chegar a tanto, que a alma que chega a viver só de meu Querer é rainha de todas as rainhas e seu trono é tão alto, que chega até o trono do Eterno, e entra nos segredos da Augustíssima Trindade e participa no amor recíproco do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Oh, como todos os anjos e santos a honram, os homens a admiram e os demônios a temem, descobrindo nela o Ser Divino!”

(7) Ah, Senhor! Quando me farás chegar a isso? Porque por mim nada posso. Agora, quem pode dizer o que o Senhor infundia em mim com luz intelectual sobre essa uniformidade de querer? É tanta a altura dos conceitos, que minha língua não bem adestrada não tem palavras para expressá-los, apenas pude dizer este pouco, se bem disparatando, do que o Senhor com luz vivíssima me fez compreender.

+ + + +

3-74

26 de maio de 1900

O querer de Luísa é um com o de Jesus.

(1) Encontrando-me muito aflita pela privação do meu adorável Jesus, que no máximo vem como sombra e relâmpago, sinto que não

posso seguir adiante se Ele quiser continuar assim. Então, encontrando-me no sumo da aflição, por pouco se deixou ver, todo cansado como se tivesse necessidade de um alívio, e pondo seus braços em meu pescoço me disse:

(2) “Minha amada, traz-me flores e circunda-me todo, porque me sinto definhar de amor. Minha filha, o odorífico perfume de tuas flores me servirá de alívio e porá um remédio a meus males porque definho e desfaleço”.

(3) Eu em seguida acrescentei: “E tu meu amado Jesus, dá-me frutos, porque o ócio e o escasso sofrimento aumentam de tal maneira minha fraqueza que desfaleço até me sentir morrer, e então não somente flores, mas também poderei te dar frutos para poder consolar mais tua fraqueza”. E Jesus voltou a falar e me disse:

(4) “Oh, como nos ajustamos bem, não é verdade? Parece que teu querer é um com o meu”.

(5) Por um momento parecia que ficava aliviada, como se quisesse cessar o estado no qual me encontrava, mas depois de um pouco me encontrei imersa na mesma letargia de antes, privada do meu Sumo Bem, abandonada e sozinha.

+ + + +

3-75

27 de maio de 1900

O amor e a graça penetram nas partes mais íntimas do homem.

(1) Esta manhã, sentindo-me mais aflita que nunca pela privação de meu sumo Bem, assim que se deixou ver me disse:

(2) “Assim como um vento impetuoso investe as pessoas e penetra até as vísceras, de modo a sacudir toda a pessoa, assim meu amor e minha graça voando sobre as asas do vento, investem e penetram no coração, na mente e nas mais íntimas partes do homem. Com tudo isso, o homem ingrato rejeita minha graça e me ofende. Oh, quão amarga não é a minha dor?”

(3) Eu estava toda confusa e aniquilada em mim mesma e não ousava dizer uma só palavra, somente pensava: “Como é que não vem?”. E também: “Se vem não O vejo claramente, parece que perdi a claridade, quem sabe se verei desvelado seu formoso Rosto como antes?”. Enquanto pensava assim, meu benigno Jesus acrescentou:

(4) “Minha filha, porque temes, se teu estado está nos Céus pela união dos nossos querereres?”

(5) E querendo me animar e ter compaixão do meu doloroso estado me disse:

(6) “Tu és meu novo trabalho. Não te oprimas em demasiado se não me vês com claridade, já te disse desde outro dia que não venho segundo o costume porque quero castigar as pessoas, e se tu me visses com claridade compreenderias o que Eu estou fazendo e teu coração, como recebeu o enxerto do meu, por isso conheço o que tu virias a sofrer, como está sofrendo meu Coração, porque me vejo obrigado a castigar minhas criaturas. Assim que para te livrar destas penas não me faço ver com claridade.”

(7) Quem pode dizer as feridas que deixou no meu pobre coração? Ah! Senhor, dá-me a força para suportar a dor!

+ + + +

3-76

29 de Maio de 1900

Ameaça de castigos.

(1) Continuo estando no mesmo estado, me sentia toda oprimida e tinha toda a necessidade de um apoio para poder suportar a privação de meu sumo Bem. O bendito Jesus, tendo compaixão de mim, por alguns minutos mostrou seu Rosto desde dentro do meu coração, mas não com clareza, e fazendo-me ouvir sua voz suavíssima me disse:

(2) “Tem ânimo mais um pouco minha filha, deixa-me terminar de castigar e depois virei como antes”.

(3) Enquanto dizia isso, em minha mente pensava: “Quais são os castigos que começou a enviar? “. E Ele acrescentou:

(4) “A chuva contínua é mais que granizada, que está fazendo e trará tristes consequências sobre as pessoas”.

(5) Dito isso desapareceu e eu me encontrei fora de mim mesma, dentro de um jardim, e desde lá dentro se via as colheitas e as vinhas secas, e dentro de mim ia dizendo: “Pobre gente, pobre gente, como farão?”. Enquanto dizia isso, dentro daquele jardim estava um menininho que chorava e gritava tão forte que ensurdecia Céu e Terra, mas ninguém tinha compaixão dele, se bem que todos ouviam que chorava tanto, não o tomavam em conta e o deixavam só e abandonado. Um pensamento me passou pela mente: “Quem sabe, talvez seja Jesus?”. Mas não estava segura. Então aproximando-me d’Ele lhe disse: “Que tens que choras, Menino amado? Queres vir comigo, já que todos te deixaram abandonado às tuas lágrimas e à dor que te oprime tanto, que te faz gritar tão forte?”. Mas quem podia acalmá-lo? Apenas entre soluços respondeu que sim, que queria vir. Então O tomei pela mão

para levá-lo junto comigo, e no mesmo momento de fazer isso me encontrei em mim mesma.

+ + + +

3-77

3 de Junho de 1900

A falta de estima para com as pessoas, é falta de verdadeira humildade.

(1) Encontrando-me no mesmo estado, esta manhã por um pouco vi meu adorável Jesus, que estava dentro de meu coração e dormia, e seu sono atraía a minha alma a adormecer-se junto com Ele, tanto que sentia todas as potências interiores adormecidas, sem agir mais. Às vezes me esforçava em sair daquele sono, mas não conseguia, quando por um momento o bendito Jesus despertou, e mandou por três vezes seu sopro para dentro de mim, e me parecia que Ele ficava todo absorvido em mim. Depois me parecia que Jesus atraía outra vez para dentro d'Ele esses três sopros que havia me enviado, e eu me encontrei toda transformada n'Ele. Quem pode dizer o que acontecia em mim através desses sopros divinos? Daquela união inseparável entre Jesus e eu, não tenho palavras para expressar. Depois disso, parece que pude despertar e Jesus, rompendo o silêncio me disse:

(2) “Minha filha, tenho olhado e voltado a olhar, tenho buscado e voltado a buscar, percorrendo toda a Terra, mas em ti fixei meus olhares e encontrei minhas complacências, e te elegi entre milhares”.

(3) Depois, dirigindo-se a certas pessoas que via, as repreendeu dizendo-lhes:

(4) “A falta de estima pelas demais pessoas é falta de verdadeira humildade cristã e de doçura, porque um espírito humilde e doce sabe respeitar a todos e interpreta sempre bem os atos dos demais”.

(5) Dito isso desapareceu sem dizer-lhes nem sequer uma palavra. Seja sempre bendito que assim quer, e tudo seja para sua glória.

+ + + +

3-78

6 de Junho de 1900

Luísa crucificada evita alguns castigos sobre Corato.

(1) Como meu adorável Jesus continuava sem fazer-se ver claramente, esta manhã, havendo recebido a Comunhão, o confessor me pôs a intenção da crucifixão. Enquanto me encontrava nesses sofrimentos, o bendito Jesus, quase atraído por minhas penas, se mostrou claramente. Ó Deus! Quem pode dizer os sofrimentos que sofria Jesus e o estado violento no qual se encontrava, porque enquanto estava obrigado a mandar os castigos, sentia tal violência, que não queria mandá-los? Dava tanta compaixão vê-lo nesse estado, que se os homens O pudessem ver, ainda que seus corações fossem de diamante se romperiam pela ternura como frágil vidro. Então comecei a rogar-lhe que se aplacasse e que se contentasse em fazer sofrer a mim, e que perdoasse ao povo. Depois acrescentei: “Senhor, se não queres escutar minhas orações, sei que o mereço; se não queres ter compaixão dos povos, tens razão, porque grandes são nossas iniquidades, mas te peço em graça que tenhas compaixão de Ti mesmo, tem piedade da violência que te fazes ao castigar a tuas imagens. Ah, sim, te peço por amor de Ti mesmo, que não mandes castigos até chegar a tirar o pão a teus filhos e fazê-los perecer. Ah, não! Não é da natureza do teu Coração agir desse modo, por isso a violência que sentes, que se pudesse te daria a morte”.

(2) E Ele todo aflito me disse: “Minha filha, é a justiça que me faz violência, e o amor que tenho aos homens me faz violência mais forte, tanto, de pôr meu Coração em angústias de morte ao castigar as criaturas”.

(3) E eu: “Por isso Senhor, descarrega sobre mim a justiça, e teu amor não será mais violentado pela justiça e não se encontrará em conflito por castigar os povos, porque em verdade, como farão se Tu atuas como me fazes compreender, secando tudo o que serve de alimento ao homem? Ah, te peço, deixa sofrer a mim e perdoa a eles, se não em tudo ao menos em parte”.

(4) E Jesus como se se visse obrigado por minhas orações, se aproximou à minha boca e derramou da sua um pouco de amargura, densa e nauseante, que assim que a traguei me produziu tantas e tantas espécies de penas que me sentia morrer. Então o bendito Jesus, sustentando-me nessas penas, do contrário haveria ficado vítima, (e no entanto não havia derramado mais que um pouco. Que será do seu coração adorável que tanto continha?), suspirou como se houvesse se aliviado de um peso e me disse:

(5) “Minha filha, minha justiça havia decidido destruir tudo, mas agora descarregando-se um pouco sobre ti, por teu amor, concede um terço do que serve de alimento ao homem”.

(6) E eu: “Ah Senhor, é muito pouco, ao menos a metade!”

(7) E Ele: “Não minha filha, contenta-te”.

(8) E eu: “Não Senhor, se não queres me contentar por todos, ao menos contenta-me por Corato e por aqueles que me pertencem”.

(9) E Jesus: “Hoje está preparada uma granizada que deve fazer grande dano, tu estás com as dores da cruz, sai fora de ti mesma e em forma crucificada vai pelo ar e põe em fuga os demônios de cima de Corato, porque diante de tua forma crucificada não poderão resistir e irão a outra parte.”

(10) Assim saí fora de mim mesma, crucificada, e vi a granizada e os raios que estavam por desencandear-se sobre Corato. Quem pode dizer o espanto dos demônios, como ao verem minha forma crucificada corriam, mordiam os dedos de raiva e chegavam a descontar no confessor, que esta manhã havia me dado a obediência de sofrer a crucificação, já que não podiam descontar em mim, pelo contrário, eram obrigados a fugir de mim pelo sinal da Redenção que percebiam? Então, depois de tê-los posto em fuga, regresssei em mim mesma, encontrando-me com uma boa dose de sofrimentos. Seja tudo para a glória de Deus.

+ + + +

3-79

7 de Junho de 1900

Jesus lhe entrega as chaves da justiça e uma luz para descobri-la.

(1) Como me encontrava de algum modo sofredora, me parecia que aqueles sofrimentos eram uma doce cadeia que atraía meu bom Jesus para fazê-lo vir quase continuamente, e parecia-me que aquelas penas chamavam a Jesus para fazê-lo derramar em mim outras amarguras. Então, ao vir, ora me sustentava em seus braços para dar-me força, e ora derramava de novo. Eu, de vez em quando lhe dizia: "Senhor, agora sinto em mim parte de tuas penas, rogo-te que me contentes, como te disse ontem, dando-me ao menos a metade do que serve para alimento do homem”.

(2) E Ele: “Minha filha, para te contentar entrego-te as chaves da justiça e o conhecimento de quanto é absolutamente necessário castigar o homem, e com isso farás o que tu queiras, não estás contente com isso?”

(3) Ao ouvir dizer isso me consolei e dizia em meu interior: “Se está em mim, de fato não castigarei a nenhum”. Mas como fiquei desenganada quando o bendito Jesus me deu uma chave e me pôs

no meio de uma luz, e olhando desde o meio daquela luz descobria todos os atributos de Deus e também os da justiça. Oh, como tudo está ordenado em Deus! E se a justiça castiga, é ordem; e se não castigasse, não estaria em ordem com os demais atributos. Agora eu me via como miserável verme no meio daquela luz, e que se quisesse impedir o curso da justiça, estragaria a ordem e iria contra os próprios homens, porque entendia que a própria justiça é amor puríssimo para com eles. Então me encontrei toda confusa e perturbada, então para me livrar disse a Nosso Senhor: "Com esta luz com a qual me haveis rodeado, entendo as coisas de maneira diferente, e se me deixasses agir, eu o faria pior do que Tu, por isso não aceito este conhecimento e renuncio às chaves da justiça. O que aceito e quero é que me faças sofrer e que libertes as pessoas, do resto não quero saber de nada."

(4) E Jesus sorrindo diante de meu falar, disse-me:

(5) "Como! Tão depressa queres te afastar, não querendo conhecer nenhuma razão e querendo me fazer violência mais forte, queres sair com duas palavras: 'Faz sofrer a mim e liberta-os'".

(6) E eu: "Senhor, não é que não queira saber nenhuma razão, mas que não é meu ofício, mas teu. Meu ofício é o de ser vítima, por isso Tu fazes teu ofício e eu faço o meu, não é verdade meu amado Jesus?"

(7) E Ele mostrando como uma aprovação desapareceu.

+ + + +

3-80

10 de Junho de 1900

Ofício de vítima. Castigos.

(1) Parece-me que meu adorável Jesus continua dividindo em duas a justiça ao derramar um pouco em mim e o resto nas pessoas. Esta manhã, especialmente quando me encontrei com Jesus, me desgarrava a alma ao ver a tortura de seu dulcíssimo Coração ao castigar as criaturas. Era tanto o estado de sofrimento no qual se encontrava, que não fazia outra coisa que emitir contínuos gemidos, tinha na cabeça uma espessa coroa de espinhos, toda enterrada, tanto que a cabeça parecia um conjunto de espinhos. Então, para aliviá-lo um pouco lhe disse: "Diz-me meu Bem, que tens que estás tão sofredor? Permite-me que te retire estes espinhos que tanto te atormentam". Mas Jesus não me respondia, e mais, nem sequer escutava o que eu dizia. Então me pus a tirar aqueles espinhos, um por um, e depois os coloquei sobre minha cabeça. Agora, enquanto

fazia isso, vi que em lugares distantes devia acontecer um terremoto que mataria pessoas. Depois Jesus desapareceu e eu regressei a mim mesma, mas com suma aflição minha ao pensar no estado de sofrimento de Jesus e nas desgraças da miserável humanidade.

+ + + +

3-81

12 de Junho de 1900

A obediência a faz pedir a Jesus que a faça sofrer para impedir os castigos.

(1) Esta manhã, ao vir meu amável Jesus, comecei a dizer: “Senhor, que fazes? Parece que te adentras demais com a justiça”. E enquanto queria continuar falando para desculpar as misérias humanas, Jesus me impôs silêncio dizendo-me:

(2) “Cala, se queres que me entretenha contigo, vem a beijar-me e a curar com tuas acostumadas adorações meus membros sofredores”.

(3) Assim, comecei pela cabeça, e depois pouco a pouco pelos outros membros. Oh, quantas chagas profundas tinha aquele corpo sacrossanto, que somente em olhá-las dava horror! Então, apenas havia terminado desapareceu, deixando-me com pouquíssimo sofrimento e com um temor: quem sabe como se derramará sobre as pessoas, porque não se dignou derramar sobre mim suas amarguras.

(4) Pouco depois veio o confessor e eu lhe disse o anterior, e ele me disse que hoje, “por obediência absoluta, quando fizer a meditação debes pedir-lhe que te faça sofrer a crucifixão e que deixe de mandar os flagelos”. Então, quando fiz a meditação, assim que se fez ver, lhe roguei de acordo com a obediência recebida, mas não me prestou atenção. Além do mais, ora Ele se fazia ver que dava as costas para as pessoas, ora que dormia para não ser importunado por mim, e o que sei eu, me sentia morrer porque não se preocupava em fazer-me cumprir a obediência. Então tomei coragem, e colocando toda a confiança na santa obediência, O tomei por um braço, e movendo-O para despertá-lo lhe disse: “Senhor, que fazes? Este é o amor que tens à tua virtude predileta, a obediência? Estes são os elogios que tantas vezes lhe haveis dado? Estas são as honras que lhe haveis prodigado, até dizer que te sentes sacudido e não podes resistir à virtude da obediência e te sentes cativar pela alma que se doa a essa virtude, que agora parece que não te importa o fazer-me obedecer?”. Enquanto dizia essa e outras coisas, e que me estenderia muito se quisesse escrevê-las, o bendito Jesus se

sacudiu, e como golpeado por uma vivíssima dor, caiu em abundante pranto e soluçando me disse:

(5) “Tampouco Eu quero mandar flagelos, é a justiça que me obriga quase à força, mas com esse falar me queres ferir profundamente e tocar uma fibra muito delicada para Mim e muito amada por Mim, tanto que não quis outra honra nem outro título que o de obediente. E para fazer-te ver que não é que não me importe em fazer-te obedecer, com tudo o que a justiça me obriga a não fazê-lo, compartilho contigo em parte as dores da cruz.”

(6) Enquanto fazia isso desapareceu, deixando-me contente porque me fez obedecer e com um desgosto na alma, como se houvesse sido causa de fazer chorar ao Senhor com meu falar. Ah, Senhor, te peço que me perdoes!

+ + + +

3-82

14 de Junho de 1900

Efeitos da cruz.

(1) Encontrando-me não pouco sofredora, meu adorável Jesus ao vir, se compadecia inteiramente de mim e me disse:

(2) “Minha filha, que tens que sofres tanto? Deixa-me aliviar-te um pouco”.

(3) E (mas Jesus estava mais sofredor do que eu) assim me deu um beijo, e como estava crucificado me atraiu fora de mim mesma e pôs minhas mãos nas suas, meus pés nos seus, minha cabeça apoiada sobre a sua e a sua sobre a minha. Como estava contente ao encontrar-me nessa posição! Se bem os cravos e os espinhos de Jesus me causavam dor, eram dores que me davam alegria porque eram sofridas por amor ao meu amado Bem; e mais, haveria querido que aumentassem. Jesus também parecia feliz comigo porque me tinha daquele modo atraída a Ele. Parecia-me que Jesus me consolava e eu era consolo para Ele.

(4) Então, nessa posição saímos fora, e havendo encontrado o confessor, pedi em seguida por suas necessidades e disse ao Senhor que se dignasse fazer o confessor ouvir como é doce e suave sua voz. Jesus para contentar-me se dirigiu a ele e lhe falou da cruz dizendo-lhe:

(5) “A cruz absorve na alma minha Divindade, a assemelha à minha Humanidade e copia em si mesma minhas próprias obras.”

(6) Depois continuamos girando outro pouco, e oh! Quantas cenas dolorosas que trespassavam a alma de lado a lado! As graves

iniquidades dos homens que nem sequer se dobram diante da justiça, ao contrário, se jogam com maior furor, como se quisessem dar duplas feridas por cada ferida, e a grande miséria que eles mesmos estão preparando para si. Então com suma amargura nossa, nos retiramos. Jesus desapareceu e eu encontrei-me em mim mesma.

+ + + +

3-83

17 de Janeiro de 1900

Colocar-se em Deus e não sair dos confins da paz, é o mesmo.

(1) Como esta manhã o bendito Jesus não vinha, em meu interior me sentia suscitar alguma sombra de perturbação sobre o porquê não vinha. Então, ao vir me disse:

(2) “Minha filha, conter-se em Deus e não sair dos confins da paz é tudo o mesmo. Assim que se tu percebes um pouco de perturbação, é sinal de que saís um pouco de dentro de Deus, porque conter-se n’Ele e não ter perfeita paz é impossível, muito mais que os confins da paz são intermináveis, mas bem, tudo o que pertence a Deus, tudo é paz”.

(3) Depois acrescentou: “Não sabes tu que as privações para a alma servem como o inverno para as plantas, que faz com que aprofundem mais as raízes, as fortifica e as faz reverdecer e florescer em maio?”

(4) Depois disso me transportou fora de mim mesma, e havendo-lhe encomendado várias necessidades desapareceu, e eu me encontrei em mim mesma, com o desejo de manter-me sempre dentro de Deus, a fim de que pudesse permanecer dentro dos confins da paz.

+ + + +

3-84

18 de Junho de 1900

Todo o criado nos ensina o amor de Deus; o corpo chagado de Jesus, o amor ao próximo.

(1) Jesus segue sem vir, e eu tratava de ocupar-me em considerar o mistério da flagelação. Enquanto fazia isso, vi o bendito Jesus todo chagado e jorrando sangue, e me disse:

(2) “Minha filha, o Céu com todo o criado te ensina o amor de Deus. Meu Corpo chagado te ensina o amor ao próximo, tanto que minha Humanidade unida à minha Divindade, de duas naturezas fiz uma só e as tornei inseparáveis, porque não somente satisfiz à divina justiça, mas realizei a salvação dos homens. E para fazer que todos assumissem esta obrigação de amar a Deus e ao próximo, não só fiz disso apenas uma obrigação, mas cheguei a fazer dessa obrigação um preceito divino. Assim que minhas Chagas e meu Sangue são tantas línguas que ensinam a cada qual o modo de amar-se, e a obrigação que todos têm de prestar atenção à salvação dos demais”.

(3) Depois, tomando um aspecto mais aflito, acrescentou:

(4) “Que tirano sem piedade é o amor para Mim, porque não só empreguei todo o curso de minha vida mortal em contínuos sacrifícios, até morrer sangrando sobre uma cruz, mas me deixei como vítima perene no sacramento da Eucaristia, e não só isso, mas a todos meus membros prediletos os tenho como vítimas viventes em contínuos sofrimentos, empenhados na salvação dos homens, como entre tantos elegi a ti para te ter sacrificada por meu amor e pelos homens. Ah sim! Meu Coração não encontra descanso nem repouso se não encontra o homem. É o homem, como me corresponde? Com grandíssimas ingratidões!”

(5) Dito isso desapareceu.

+ + + +

3-85

20 de Junho de 1900

A humildade mais perfeita produz na alma a união mais íntima com Deus.

(1) Esta manhã, estando fora de mim mesma e não encontrando a meu sumo Bem, tive que girar e girar em busca d’Ele. Quando me cansei até sentir-me desfalecer, O senti atrás de minhas costas, que me sustentava. Então estirei o braço e o puxei para a frente dizendo-lhe: “Meu Amado, sabes que não posso estar sem Ti, no entanto, me fazes esperar tanto, até fazer-me desfalecer. Diz-me ao menos qual é a causa, em que te ofendi que me submetes a dilacerações tão cruéis, a martírios tão dolorosos como é a privação de Ti?”. E Jesus, interrompendo meu falar, me disse:

(2) “Minha filha, minha filha, não acrescentes mais dilacerações a meu Coração exacerbado ao sumo, pois se encontra em contínua luta pelas violências que constantemente todos me fazem; violência me fazem as iniquidades dos homens, que atraindo sobre eles a

justiça, me forçam a castigá-los, e a justiça pondo-se em contínua luta com o amor que tenho para com os homens, me dilacera o Coração de modo tão doloroso, de fazer-me morrer continuamente; violência me fazes tu, porque vindo Eu e conhecendo tu os castigos que estou enviando, não ficas quieta, não, mas me forças, me fazes violência e não queres que castigue, e sabendo Eu que tu não podes fazer de outra maneira diante de minha presença, para não expor meu Coração a uma luta mais feroz, me abstenho de vir. Por isso, não queiras violentar-me em fazer-me vir agora, deixa-me desabafar meu furor e não queiras aumentar minhas penas com tuas palavras. No demais não quero que penses, porque a humildade mais perfeita, mais sublime, é a de perder toda a razão e não discutir acerca do porquê e do como, mas desfazer-se no próprio nada, e enquanto a alma faz isso, sem perceber se encontra perdida em Deus, e isso produz nela a união mais íntima, o amor mais perfeito ao sumo Bem. Isto com sumo proveito da alma, porque perdendo a própria razão adquire a razão divina, e perdendo todo pensamento sobre si mesma, isto é, se está fria ou quente, se são favoráveis ou adversas as coisas que lhe acontecem, se interessará e adquirirá uma linguagem toda celestial e divina.

(3) Além disso, a humildade produz na alma uma vestimenta de segurança, pela qual envolta nessa veste de segurança, a alma está na calma mais profunda, embelezando-se toda para agradar ao seu querido e amado Jesus”.

(4) Quem pode dizer como fiquei surpreendida com este falar de Jesus? Não tive nenhuma palavra para responder-lhe. Pouco depois desapareceu e eu me encontrei em mim mesma, quieta, sim, mas aflita ao sumo, primeiro pelas aflições e as lutas nas quais se encontrava meu amado Jesus, e depois pelo temor de que não viesse. Quem poderá resistir? Como farei para suportar a mim mesma por sua ausência? Ah Senhor, dá-me a força para suportar tão duro martírio, tão insuportável para a minha pobre alma! No mais, podes dizer o que queiras, porque por mim não deixarei nenhum meio, tentarei todos os caminhos, usarei todos os estratagemas para atrair-te para que venhas.

+ + + +

3-86

24 de Junho de 1900

A cruz é o alimento da humildade.

(1) Depois de haver passado alguns dias de privação, em que no máximo se fazia ver como sombra, como um relâmpago, sentia todas as minhas potências adormecidas, de modo que eu mesma não entendia o que acontecia em meu interior. Nesse adormecimento uma só pena se despertava em meu interior, e era que me parecia que me havia passado como a alguém que enquanto dorme perde a vista, ou bem é despojado de todas as suas riquezas, pela qual o miserável não pode nem lamentar-se, nem defender-se, nem usar de algum meio para libertar-se de seus infortúnios! Pobrezinho, em que estado tão desastroso se encontra! Porém, qual é a causa? O sono, porque se estivesse desperto certamente saberia se defender de suas desventuras. Assim é meu mísero estado, não me é dado dar nem sequer um gemido, um suspiro, derramar uma lágrima, porque perdi de vista Àquele que é todo meu amor, todo meu bem e que forma todo meu contentamento. Parece que para que eu não sofra por sua privação me fez adormecer e me deixou. Ah! Senhor, desperta-me Tu, a fim de que possa ver minhas misérias e conhecer ao menos de que estou privada.

(2) Agora, enquanto me encontrava nesse estado, desde dentro do meu interior ouvi ao bendito Jesus que se lamentava continuamente. Aqueles lamentos feriram meus ouvidos e despertando-me um pouco lhe disse: “Meu único Bem, por teus lamentos percebo o estado tão sofredor no qual te encontras, isso te acontece porque queres sofrer sozinho e não queres fazer-me partícipe de tuas penas, e mais, para não me ter em tua companhia, me adormeceste e me deixaste sem fazer-me entender mais nada. Entendo o porquê de tudo isso, para estar mais livre para castigar. Porém, ah! Tem compaixão de mim, pois sem Ti estou cega, e tem compaixão de Ti, porque sempre é bom em todas as circunstâncias ter quem te faça companhia, que te console e que de algum modo mitigue teu furor, porque por ora estás firme em mandar flagelos, mas quando vires tuas imagens perecerem pela miséria, te lamentarás mais que agora e talvez me dirás: ‘Ah, se tu tivesses te empenhado mais em aplacar-me, se houvesse tomado sobre ti as penas das criaturas, não veria tão destroçados meus próprios membros!’. Não é verdade meu pacientíssimo Jesus? Ah, consola-te um pouco e deixa-me sofrer em teu lugar!”

(3) Enquanto dizia isso, Ele se lamentava continuamente, quase em ato de querer ser compadecido e aliviado, porém queria que lhe arrancasse quase à força este mesmo alívio, pelo que depois de minhas orações, estendeu em meu interior suas mãos e pés cravados e compartilhou comigo um pouco de suas penas. Depois disso, dando um pouco de trégua a seus lamentos me disse:

(4) “Minha filha, são os tristes tempos que a isso me obrigam, porque os homens se fortaleceram e ensoberbeceram tanto, que cada um crê ser deus para si mesmo, e se Eu não ponho mão aos flagelos, faria um dano às suas almas, porque somente a cruz é o alimento da humildade. Então, se não fizesse isso, Eu mesmo lhes faria faltar o meio para humilhá-los e rendê-los de sua estranha loucura, se bem que a maior parte me ofende mais, porém Eu faço como um pai que reparte o pão a todos para alimentá-los; que alguns filhos não o queiram receber, mas bem, que se servem dele para jogá-lo no rosto do pai, que culpa tem o pobre pai? Assim sou Eu. Por isso, compadece-te de Mim em minhas aflições”.

(5) Dito isso desapareceu, deixando-me meio desperta e meio adormecida, não sabendo eu mesma nem se devo despertar perfeitamente, nem se devo dormir outra vez.

+ + + +

3-87

27 de junho de 1900

A alma deve reconhecer-se em Jesus, não em si mesma.

(1) Continuo estando adormecida. Esta manhã, por poucos minutos me encontrei desperta e compreendia meu estado miserável, sentia a amargura da privação de meu sumo e único Bem. Apenas pude derramar duas lágrimas dizendo-lhe: “Meu sempre bom Jesus, como é que não vens? Estas são coisas que não se fazem, ferir de Ti a uma alma e depois deixá-la. E ademais, para não fazê-la conhecer o que fazes, a deixas em poder do sono. Ah, vem, não me faças esperar tanto!” Enquanto isso e mais outros desatinos dizia, em um instante veio e me transportou fora de mim mesma, e como eu queria dizer-lhe meu pobre estado, Jesus, impondo-me silêncio, disse-me:

(2) “Minha filha, o que quero de ti é que não te reconheças mais em ti mesma, mas que te reconheças somente em Mim, assim que de ti não te recordarás mais, nem terás mais reconhecimento de ti, mas te recordarás de Mim, e desconhecendo a ti mesma adquirirás somente meu reconhecimento, e à medida que te esqueças e destruas a ti mesma, assim avançarás em meu conhecimento e te reconhecerás somente em Mim. Quando houveres feito isso, não mais pensarás com tua mente, mas com a minha, não olharás com teus olhos, não mais falarás com tua boca, nem palpitarás com teu coração, nem agirás com tuas mãos, nem caminharás com teus pés, mas tudo com o meu, porque para reconhecer-se somente em Deus, a alma tem necessidade de ir à sua origem e regressar a seu

princípio: Deus, isto é, de onde saiu, e que se uniforme toda si mesma a seu Criador, e tudo o que retém de si mesma e que não é conforme a seu princípio, o deve desfazer e reduzir a nada. Somente desse modo, desnuda, desfeita, pode regressar à sua origem e reconhecer-se somente em Deus, e agir segundo o fim para o qual foi criada. Eis aqui então que para uniformizar-se toda em Mim, a alma deve tornar-se indivisível Comigo”.

(3) Enquanto dizia isso, eu via o castigo terrível das plantas secas e como deve avançar mais. Apenas pude dizer: “Ah, Senhor, como farão as pobres pessoas?” E Ele, para não prestar-me atenção, como um relâmpago fugiu e desapareceu. Quem pode dizer a amargura de minha alma ao encontrar-me em mim mesma, por não lhe haver podido dizer nem sequer uma palavra por mim e por meu próximo, e pela tendência ao sono, porque de novo estou nesse estado?

+ + + +

3-88

28 de junho de 1900

Os castigos presentes não são outra coisa que uma preparação aos castigos futuros.

(1) Esta manhã, encontrando-me sumamente aflita pela privação do meu amante Jesus, assim que O vi me disse:

(2) “Minha filha, quantas máscaras se tirarão nesses tempos de castigos, porque estes castigos presentes não são outra coisa que uma preparação a todos os castigos que te manifestei no decorrer do ano passado”.

(3) Enquanto dizia isso, eu em meu interior pensava: “Se o Senhor continuar fazendo do mesmo modo que está fazendo, isto é, como quer mandar castigos não vem, não compartilha comigo as suas penas, me trata com modos insólitos, quem poderá resistir? Quem me dará a força para permanecer nesse estado?” E Jesus respondendo a meu pensamento, em atitude de compadecer-se de mim, acrescentou:

(4) “E então, queres que te suspenda por um pouco o estado de vítima e depois te faça retornar?”

(5) Enquanto dizia isso senti confusão e amargura, via que o Senhor com essa proposta me lançava fora de Si, porque não soube dizer nem sim nem não, ou para ouvir o que decide a obediência. Então, sem esperar minha resposta desapareceu, deixando-me como um cravo fixo no coração, ao pensar que Jesus me lançava fora de Si.

Era tanta a dor, que não fiz outra coisa que derramar lágrimas amargas.

+ + + +

3-89

29 de Junho de 1900

Jesus e Luísa se reconfortam reciprocamente.

(1) Estando ainda amargurada, meu adorável Jesus tendo compaixão de mim veio, e parecia que me sustentava entre seus braços. Depois, transportando-me fora de mim mesma, via que reinava um profundo silêncio, uma tristeza, um luto por todas as partes. Era tanta a impressão que causava no ânimo por ver as pessoas daquele modo, que se sentia um aperto no coração. Então o bendito Jesus, levando-me à parte me disse:

(2) “Minha filha, afastemos um pouco o que nos aflige e reconfortemos-nos mutuamente”.

(3) Enquanto dizia isso, começou a acariciar-me e a beijar-me, mas era tanta minha confusão, que não me atrevia a devolver-lhe os beijos e as carícias, e Ele acrescentou:

(4) “Como! Eu te reconforto com beijos e com carícias, e tu não queres reconfortar a Mim, dando-me teus beijos e tuas carícias?”

(5) Assim me senti com a confiança de pagar-lhe com a mesma moeda. E enquanto fazia isso, desapareceu.

+ + + +

3-90

2 de Julho de 1900

Com seus sofrimentos Luísa evita um castigo.

(1) Continuo estando amargurada e aflita, como uma tonta. Esta manhã Jesus não havia vindo, porém veio o confessor e pôs a intenção da crucificação. Porém o bendito Jesus não concordava, e depois de haver-lhe rogado que se dignasse a fazer-me obedecer, assim que se fez ver me disse:

(2) “Que queres? Porque me querem fazer violência à força, uma vez que é necessário castigar aos povos?”

(3) E eu: “Senhor, não sou eu, é a obediência que assim o quer”.

(4) E Ele: “Se é a obediência, está bem, quero compartilhar contigo minha crucifixão e enquanto isso quero reconfortar-me um pouco”.

(5) Enquanto dizia isso, compartilhou comigo as dores da cruz, e enquanto eu sofria, Jesus se pôs junto a mim e parecia que se reconfortava um pouco. Agora, enquanto me encontrava nessa posição junto com Ele, me fez ver no ar, que por uma parte vinha uma nuvem negra, negra, que somente em vê-la dava horror e espanto, e todos diziam: “Desta vez morreremos”. Enquanto todos estavam aterrorizados, se levantou no meio de Jesus e eu uma cruz resplandecente, que pondo-se contra aquela tempestade a pôs em fuga em grande parte, tanto que parecia que as pessoas se acalmavam. Não sei dizer com certeza, mas me parece que era um furacão acompanhado de raios e de granizadas tão fortes, que tinha força para arrancar as construções; e a cruz que a pôs em fuga em grande parte, me parecia que era meu pequeno sofrer que Jesus me havia compartilhado. Seja bendito o Senhor e tudo seja para sua glória e honra.

+ + + +

3-91

3 de Julho de 1900

Castigos com enfermidades contagiosas.

(1) Esta manhã, havendo recebido a Comunhão, assim que vi a meu adorável Jesus lhe disse: “Meu amado Senhor, como é que mandas tantos castigos? Por que desta vez não queres a nenhum custo aplacar-te? Parece que todos os meios são inúteis, nem o rogar, nem o dizer: “Senhor, derrama em mim tuas amarguras”. Ai, não tem sido teu costume agir desse modo!”. Enquanto dizia isso, Jesus bendito interrompendo meu falar respondeu:

(2) “No entanto minha filha, os castigos que estou mandando são nada ainda em comparação àqueles que estão preparados. Por isso, não queiras afligir-te por isso, porque não são matéria de grande aflição”.

(3) Enquanto dizia isso, diante de mim via a muitas pessoas infectadas com enfermidades contagiosas, que morriam por causa delas. Então, cheia de espanto, lhe disse: “Ah, Senhor é necessário também isso? Que fazes? Que fazes? Se queres fazer isso, tira-me desta terra, pois meu ânimo não resiste a ver espetáculos tão funestos. E ademais, quem poderá resistir a continuar nesse estado em que me colocaste, de que não vens, ou vens como sombra, e não

só isso, mas que me deixas atordoada, adormecida, que não me fazes entender mais nada? No entanto me disseste que haverias me deixado assim até que de algum modo desabafasses teu furor. Agora queres acrescentar furor a furor, parece que não terminarás por agora, assim que pobre de mim, pobre de mim! Quem me dará a força para estar nesse estado? Quem poderá resistir?”

(4) Enquanto desafogava minha aflição, Jesus tendo compaixão me disse:

(5) “Minha filha, não temas teu estado de adormecimento, isso diz que assim como Eu estou com as pessoas, como se dormisse, como se não as ouvisse e visse, assim te pus a ti nesse mesmo estado. Pelo mais, se te desgosta, te disse da outra vez, queres que te suspenda do estado de vítima?”

(6) E eu: “Senhor, a obediência não quer que aceite a suspensão”.

(7) E Ele: “E bem, que queres de Mim? Esteja quieta e obedeça”.

(8) Quem pode dizer o quão aflita fiquei? E não só isso, mas me parece que ficaram tão adormecidas minhas potências internas, que vivo como se não vivesse. Ah, Senhor, tem piedade de mim, não me deixes em abandono, em um estado tão lamentável e doloroso!

+ + + +

3-92

9 de julho de 1900

Viver não só para Deus, mas em Deus.

(1) Continua o mesmo estado e talvez ainda pior, e se alguma vez se faz ver é como sombra e raio, e quase sempre em silêncio. Esta manhã, encontrando-me no sumo da aflição e da lentidão pelo sono contínuo, assim que se fez ver me disse:

(2) “Ânimo minha filha, a alma verdadeiramente minha não só deve viver para Deus, mas em Deus. Busques viver em Mim, porque em Mim encontrarás o receptáculo de todas as virtudes e passeando no meio delas te alimentarás do seu perfume, tanto de ficar cheia delas, e tu mesma não farás outra coisa que enviar luz e perfume celestial, porque o viver em Mim é a verdadeira virtude, e tem a virtude de dar à alma a mesma forma da Pessoa Divina na qual faz sua morada, e de transformá-la nas próprias virtudes divinas das quais se nutre”.

(3) Depois disso, como relâmpago desapareceu, e minha alma correndo atrás daquele relâmpago, se encontrou fora de mim mesma,

mas já havia fugido e não me foi dado encontrá-lo de novo, e sofri a amargura de ver granizadas terríveis que haviam feito grandes estragos, raios que produziam incêndios e outras coisas que estavam preparadas. Depois de ter visto isso, me encontrei em mim mesma, mais aflita que antes.

+ + + +

3-93

10 de Julho de 1900

Diferença de viver para Deus e viver em Deus.

(1) Encontrando-me na mesma confusão, como um relâmpago se fez ver e me fez entender que não havia escrito tudo o que Ele me havia dito ontem, isto é, que a alma não só deve viver para Deus, mas em Deus. Então o bendito Jesus me repetiu a diferença que há entre o viver para Deus e o viver em Deus, dizendo-me:

(2) “No viver para Deus, a alma pode estar sujeita às turbações, às amarguras, a ser inconstante, a sentir o peso das paixões, a misturar-se as coisas terrenas. Porém, no viver em Deus não, tudo é diferente, porque a principal coisa para fazer que uma pessoa possa entrar a habitar em outra pessoa, é deixar tudo o que é seu, isto é, despojar-se de tudo, deixar as próprias paixões, em uma palavra, deixar tudo para encontrar tudo em Deus. Agora, quando a alma não só se despojou, mas se reduziu muito bem, então poderá entrar a viver em Mim pela porta estreita de meu Coração, a meu modo e de minha própria vida, porque se bem meu Coração é grandíssimo, tanto que não há término a seus confins, porém a porta é estreitíssima e somente pode entrar quem está despojado de tudo; e isso com razão, porque sendo Eu santíssimo, não admitiria jamais a viver em Mim alguém que fosse estranho à minha Santidade. Por isso, minha filha, busca viver em Mim e possuirás o paraíso antecipado”.

(3) Quem pode dizer o quanto compreendia sobre este viver em Deus? Porém depois desapareceu e eu fiquei em meu mesmo estado.

+ + + +

3-94

11 de Julho de 1900

Os sofrimentos de Luísa fazem menos rigorosos os castigos.

(1) Esta manhã, havendo recebido a Comunhão e continuando o mesmo estado de confusão, estava toda recolhida em mim mesma, quando vi meu adorável Jesus que vinha depressa até a mim, dizendo-me:

(2) “Minha filha, mitiga um pouco meu furor, de outra maneira...!”.

(3) E eu toda assustada disse: “Que queres que faça para acalmar teu furor?”

(4) E Ele: “Com chamar para ti meus sofrimentos virás a acalmar meu furor”.

(5) Enquanto estava nisso, via como se chamasse o confessor, mandando um raio de luz, e ele em seguida pôs a intenção de fazer-me sofrer a crucifixão. O Senhor bendito prontamente concordou e eu me encontrei em tantos sofrimentos, que pela força das dores me senti sair a alma do corpo. Quando acreditei que estava a ponto de expirar, e eu contente de que Jesus recebesse minha alma, vi o confessor que com dizer “basta, basta”, me chamava novamente em mim mesma.

(6) Então Jesus me disse: “A obediência te chama”.

(7) E eu: “Ah, Senhor, quero vir!”

(8) E Jesus: “Que queres de mim? A obediência continua te chamando”.

(9) E assim parece que esta nova obediência não deixou ir mais além os sofrimentos, mas obediência certamente cruel para mim, porque enquanto me parecia chegar ao porto, fui jogada fora a navegar o caminho. Depois, se bem fiquei sofrendo, porém já não me sentia morrer, e meu benigno Senhor continuou dizendo-me:

(10) “Minha filha, se hoje tu não tivesse acalmado meu furor, haveria chegado ao cume, que não só haveria destruído as plantas, mas também aos homens, e se o próprio confessor não se houvesse interposto para chamar novamente em ti meus sofrimentos, não haveria nem sequer tido consideração por ele. É verdade que são necessários os castigos, porém é necessário que de vez em quando, quando meu furor avance, tu me acalmes, do contrário minha filha, quantos flagelos mais mandarei!”

(11) E enquanto dizia isso, me parecia vê-lo todo cansado, que lamentando-se ora dizia: “Minha filha!” e ora: “Meus filhos! Pobres filhos meus, como os vejo reduzidos!” E com minha surpresa me fez entender que depois de haver se acalmado um pouco devia voltar a tomar o furor para continuar os castigos, e que isso havia servido somente para que não castigasse demais as pessoas. Ah, Senhor, acalma-te e tem piedade daqueles que Tu mesmo chamas “meus filhos!”

+ + + +

3-95

14 de Julho de 1900

O decreto dos castigos está assinado.

(1) Parece que passei vários dias sem estar submergida no letargo do sono, e estando um pouco junto a Jesus bendito, dando-nos mutuamente um pouco de alívio. Mas quanto temo que tenha que me lançar outra vez naquele sono tão profundo. Então, esta manhã, depois de haver me reconfortado com o leite que escorria de sua boca, ao derramá-lo em mim, e eu o reconfortei tirando-lhe a coroa de espinhos para cravá-la em minha cabeça, todo aflito me disse:

(2) “Minha filha, o decreto dos castigos está assinado, não resta mais que decidir o tempo de sua execução”.

+ + + +

3-96

16 de Julho de 1900

Os castigos servem para o bem das criaturas.

(1) Esta manhã meu adorável Jesus não vinha. Depois de muito esperar veio e me disse:

(2) “Minha filha, a melhor coisa é colocar-te em meu Querer; então, pondo-te em Mim e sendo Eu paz, mesmo que venha a mandar castigos ficarias em paz, sem sentir turbacão”.

(3) E eu: “Ah, Senhor, sempre estás nisso, nos castigos! Aplaca-te de uma vez e não castigues mais! Além do mais, não posso abandonar-me em teu Querer com isso.”

(4) E Ele acrescentou: “Não posso aplacar-me. Que dirias tu se visse uma pessoa nua que ao invés de cobrir sua nudez colocasse a atenção em adornar-se com bagatelas, deixando as partes mais íntimas expostas à nudez?”

(5) E eu: “A mim daria horror vê-la e certamente a desaprovava”.

(6) E Ele: “Pois bem, assim são as almas, desnudas de tudo, não têm mais virtudes que as cubram. Por isso é necessário que as golpeie, as castigue, as despoje, para fazê-las entrar em si mesmas e que prestem atenção na nudez de suas almas, coisa mais necessária que a do corpo. E se isso não fizesse, colocaria mais atenção às bagatelas, como a pessoa reprovada por ti, as quais são coisas que se referem ao corpo e não poriam atenção à coisa mais essencial, a

qual é a alma, a que se tornou tão monstruosa que não se reconhece mais”.

(7) Depois disso, me parecia que tinha uma cordinha na mão, que passando-a por trás do pescoço me atava e depois atava o seu com essa mesma corda, e assim fez ao coração e às mãos, e com isso parecia que me atava toda ao seu Querer. Havendo feito isso desapareceu.

+ + + +

3-97

17 de Julho de 1900

Luísa dá alívio a Jesus. Ele lhe faz considerar os castigos que evita.

(1) Havendo recebido a Comunhão, não via como de costume o bendito Jesus. Depois de haver esperado, me senti sair fora de mim mesma e O encontrei. Assim que O vi, disse-me:

(2) “Filha, estava te esperando para poder repousar um pouco em ti, porque não posso mais. Ah, dá-me um alívio!”

(3) Imediatamente O tomei entre meus braços para contentá-lo, e vi que tinha uma chaga profunda no ombro, que dava compaixão e horror olhá-la. Então, por poucos minutos repousou. Depois desse breve repouso, vi que a chaga havia quase curado, e entre a maravilha e o assombro, e O vendo mais aliviado, tomei coragem e lhe disse: “Senhor bendito, meu pobre coração está dilacerado pelo temor de que já não me ames, temo que tenha incorrido em tua indignação e por isso já não vens como antes e não derramas mais em mim tuas amarguras, e não me dás mais o meu bem, que é o sofrer, e negando-me isso, vens a negar-me a Ti mesmo. Ah, dá a paz a um pobre coração! Diz-me, assegura-me, jura-me, me amas? Continuas me amando?”

(4) E Ele: “Sim, sim, sim, te amo”.

(5) E eu: “Como posso estar segura disso, se quando a uma pessoa que se ama, em verdade tudo o que ela quer se dá? Eu te digo: “Não castigues as pessoas”, e Tu as castigas; te digo, “derrama em mim tuas amarguras”, e não as derramas, mas bem parece que desta vez avanças demasiado nos castigos. Então, onde posso apoiar-me para saber que me amas?”

(6) E Ele: “Minha filha, tu levas em conta os castigos que mando, porém os que poupo não levas em conta. Quantos outros castigos haveria mandado, quantas matanças mais e mais sangue haveria

feito derramar se não levasse em consideração aqueles poucos que me amam, e aos que Eu amo com um amor especial?”

(7) Depois disso, parecia que Jesus tomava o caminho para ir onde aconteciam destruições de carne humana, e eu, querendo segui-lo, não me foi permitido fazê-lo, e com suma amargura minha, me encontrei em mim mesma.

+ + + +

3-98

18 de Julho de 1900

Os pecados das pessoas caem sobre elas mesmas, formando sua ruína.

(1) Encontrando-me em meu habitual estado, vi meu adorável Jesus todo aflito dentro de meu coração, e ao mesmo tempo vi muita gente que cometia muitos pecados, e esses pecados voavam em direção a mim para vir a ferir meu amado Senhor até mesmo dentro de meu coração, mas Jesus os afastava de Si e caíam sobre as próprias pessoas, e caindo sobre elas, formavam sua própria ruína, mudando-se em tantas espécies de flagelos sobre os povos, que dava horror até aos corações mais duros. Então, Jesus, afligindo-se todo, disse-me:

(2) “Minha filha, até onde chega a cegueira dos homens, pois enquanto tratam de ferir a Mim, ferem a si mesmos com suas próprias mãos.”

+ + + +

3-99

19 de Julho de 1900

Luísa se oferece para sofrer para evitar o sofrimento às pessoas.

(1) Esta manhã, depois de haver estado toda a noite e grande parte da manhã esperando meu adorável Jesus, Ele não se dignava a vir. Então, cansada de esperá-lo me esforçava por sair do meu habitual estado, pensando que não era mais Vontade de Deus. Enquanto me esforçava por sair, estando quase impaciente, meu benigno Jesus se moveu dentro de meu coração, fazendo-se apenas ver e olhando-me em silêncio. Impaciente como estava lhe disse: “Meu bom Jesus, como és cruel! Pode-se fazer crueldade maior que essa, de abandonar uma alma em poder do desapiedado tirano do

amor, que a faz viver em contínua agonia? Oh, como mudaste de amante a cruel!”. **AQUI** Enquanto dizia isso, via diante de mim muitos membros de gente mutilados, e por isso acrescentei: “Ah, Senhor, quanta carne humana mutilada! Quantas amarguras e penas! Ai! Não haveria sido menor crueldade se te tivesses satisfeito nesse meu corpo e o tivesses reduzido a tantos pedaços por quantos pedaços fizeste esses membros? Não era menor o mal de ver sofrer a uma só pessoa do que a tantos pobres povos?”

(2) Enquanto dizia isso, Jesus continuava olhando-me fixamente, como se ficasse ferido, não sei dizer se também desgostoso, e me disse:

(3) “No entanto é o principio do jogo, ainda é nada em comparação do que virá”.

(4) Dito isso, se escondeu da minha vista, sem poder vê-lo mais, deixando-me em um mar de amarguras.

+ + + +

3-100

21 de Julho de 1900

Necessidade da purgação.

(1) Depois de ter passado um dia adormecida e tão sonolenta que não sabia de mim mesma, e tendo recebido a Comunhão, me senti sair fora de mim mesma, e não encontrando a meu sumo e único Bem, comecei a girar e girar, chegando ao delírio. Enquanto fazia isso, senti uma pessoa entre os braços, toda coberta com um véu, sem poder ver quem era. Então, não podendo resistir mais rasguei aquele véu e vi a meu suspirado Tudo. Ao vê-lo senti que queria irromper em queixas e desatinos, mas Jesus para acabar com minha impaciência e meu delírio me deu um beijo. Esse beijo me infundiu a vida, a calma, acabou com minha impaciência, tanto que não soube dizer mais nada. Então, esquecendo todas as minhas misérias, e tenho muitas, me lembrei das pobres pessoas e disse a Jesus: “Aplaca-te, livra a tantos povos de destroços tão cruéis; vamos juntos a aqueles lugares onde acontecem tais coisas, a fim de que reanimemos e consolemos aqueles pobres cristãos que se encontram em estado tão triste.”

(2) E Ele: “Minha filha, não quero te levar porque teu coração não resistiria ver matança tão desoladora”.

(3) E eu: “Ah, Senhor, como permitiste isso?”

(4) E Ele: “É absolutamente necessário para a purgação em todas as partes, porque no campo semeado por Mim cresceram tanto

as ervas más, os espinhos que se tornaram árvores, e estas árvores venenosas não fazem outra coisa que inundar meu campo de águas venenosas e pestilentas, que se alguma espiga se mantém intacta, não recebe outra coisa que picadas e fedor, tanto que não podem germinar outras espigas, primeiro porque lhes falta o terreno, ocupado por tantas plantas nocivas, segundo pelas contínuas picadas que recebem que não lhes dão paz. Eis aqui a necessidade da matança, para extirpar tantas plantas más, e o derramamento de sangue para purgar meu campo das águas venenosas e pestilentas. Por isso, ao princípio, não queiras te entristecer, porque não somente lá onde mandei os flagelos, mas em todas as outras partes se necessita a purgação”.

(5) Quem pode dizer a consternação do meu coração ao ouvir esse falar de Jesus? Então, de novo insisti que queria ir e ver, porém Jesus não prestando-me atenção desapareceu, e eu, ficando sozinha, tomei o caminho para ir, mas ora encontrava um anjo que me fazia retroceder, e ora a almas purgantes, tanto que fui obrigada a regressar a mim mesma.

+ + + +

3-101

25 de Julho de 1900

Em Jesus não há crueldade alguma, mas tudo é amor.

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus veio e me fez ver uma máquina onde parecia que foram triturados muitos membros humanos, e no ar como que dois sinais de castigos que davam horror. Quem pode dizer a consternação do meu coração ao ver tudo isso? Porém, o bendito Jesus vendo-me tão amargurada, disse-me:

(2) “Minha filha, afastemos por um pouco o que tanto nos aflige e reconfortemo-nos brincando um pouco juntos”.

(3) Quem pode dizer o que passou entre Jesus e eu nesse jogo, as finezas de amor, os estratagemas, os beijos, as carícias que reciprocamente nos dávamos? Se bem me sobrepassava meu amado Jesus, porque eu, sendo débil, me sentia desfalecer, tanto é verdade, que não podendo conter em mim o que Ele me dava lhe disse: “Meu amado, basta, basta, que não posso mais, eu desfaleço, meu pobre coração não é tão grande para ser capaz de receber tanto, por isso basta por agora”.

(4) Então, querendo reprovar o que falei outro dia, docemente me disse:

(5) “Diz-me tuas reclamações, fala, fala, sou cruel? Meu amor para contigo se transformou em crueldade?”

(6) E eu envergonhando-me toda disse: “Não Senhor, não és cruel quando vens, mas quando não vens, então direi que és cruel”.

(7) E Ele sorrindo diante de minhas palavras, acrescentou:

(8) “No entanto continuas dizendo que quando não venho sou cruel, não, não, em Mim não pode haver nenhuma crueldade, mas tudo é amor; e debes saber que se é como tu dizes, então o próprio ser cruel é amor maior.”

+ + + +

3-102

27 de Julho de 1900

Vê os ataques à Igreja na guerra da China.

(1) Encontrava-me toda preocupada por meu miserável estado, especialmente de que este não seja mais Vontade de Deus, considerando como indício certo o escasso sofrimento e suas contínuas privações. Enquanto estava consumindo meu pequeno cérebro nisso e esforçando-me em sair desse estado, meu sempre bom Jesus, como relâmpago se fez ver dizendo-me:

(2) “Minha filha, que queres tu que faça? Diz-me, Eu farei o que tu queres”.

(3) Diante dessa proposta tão inesperada não soube o que dizer, sentia tal confusão de que o bendito Jesus devesse fazer o que eu queria, enquanto que sou eu que devo fazer o que Ele quer, que fiquei muda. Então, ao ver que eu não dizia nada, como relâmpago fugiu e eu, correndo atrás dessa luz me encontrei fora de mim mesma, porém não o encontrei, e girei pela terra, pelo céu, pelas estrelas e uma hora o chamava com a voz, outra hora com o canto, pensando comigo que o bendito Jesus ao ouvir minha voz e meu canto ficaria ferido e com certeza O encontraria. Agora, enquanto girava, vi a matança cruel que se continua fazendo na guerra da China, as igrejas demolidas, as imagens de Nosso Senhor jogadas por terra, e isso ainda não é nada. O que me deu mais espanto foi ver que se agora o fazem os bárbaros, os seculares, depois o farão os falsos religiosos, que ao se desmascararem e dar a conhecer quem são, unindo-se com os inimigos declarados da Igreja, darão tal assalto, que parece incrível à mente humana. Oh, quantas matanças mais cruéis ainda! Parece que entre eles juraram acabar com a Igreja. Porém, o Senhor se vingará deles destruindo-os, por isso, sangue por um lado e sangue pelo outro. Então me encontrei dentro de um jardim que me

parecia que era a Igreja, e dentro havia um multidão de pessoas em forma de dragões, de víboras e de outras bestas enfurecidas, que devastando aquele jardim e logo saindo dele, formavam a ruína das pessoas. Enquanto via isso, encontrei em meus braços a meu amado Senhor e lhe disse: “Finalmente te deixaste encontrar, és Tu verdadeiramente, meu amado Jesus?”

(4) E Ele: “Sim, sim, sou teu Jesus”.

(5) Eu queria dizer-lhe que livrasse a tantas pessoas, porém Ele não me fazendo caso, todo aflito acrescentou:

(6) “Minha filha, estou bastante cansado, vamos ao leito para repousar se quiser que me entretenha contigo”.

(7) E eu, temendo que se fosse, fiz silêncio, fazendo-lhe conciliar o sono. Pouco depois, reentrou em meu interior, deixando-me reanimada, sim, mas sumamente aflita.

+ + + +

3-103

30 de Julho de 1900

Luísa detém a espada da Justiça.

(1) Passei uma noite e um dia inquieta. Desde o início me sentia sair fora de mim mesma, sem que pudesse encontra a meu adorável Jesus. Não via mais que coisas que me davam terror e espanto. Via que na Itália se levantava um fogo e outro que estava se levantando na China, que pouco a pouco, unindo-se, se confundiam em um só. Nesse fogo via o rei da Itália, morto repentinamente por engano, e isso era como meio para avivar e aumentar o incêndio. Em suma, via uma rebelião, um tumulto, uma matança de pessoas. Tendo visto essas coisas, me senti em mim mesma, e sentia dilacerar-me a alma, até sentir-me morrer, muito mais que não via a meu adorável Jesus. Depois de muito esperar, se fez ver com uma espada na mão, em ato de usá-la sobre as pessoas. Eu, toda espantada e sendo um pouco atrevida, colhi a espada com a mão, dizendo-lhe: “Senhor, que fazes? Não vêes quantas aflições acontecerão se usares esta espada? O que mais me aflige é que vejo que tomas em meio à Itália. Ah Senhor, aplaca-te! Tem piedade das tuas imagens! E se dizes que me amas, evita-me essa amarga dor”. E enquanto dizia isso, detinha a espada com toda a força que podia. Jesus, dando um suspiro, todo aflito me disse:

(2) “Minha filha, deixai-a, deixai-a cair sobre os povos, porque não posso mais”.

(3) E eu tomando-a com mais força: “Não posso deixá-la, não tenho coragem para fazê-lo”.

(4) E Ele: “Não já te tenho dito muitas vezes que estou obrigado a não deixar-te ver nada, de outra maneira não sou livre para fazer o que quero?”.

(5) E enquanto dizia isso, baixou o braço com a espada e se pôs em atitude de acalmar-se de seu furor. Pouco depois desapareceu, e eu fiquei com um certo temor, quem sabe, sem me deixar ver nada, Ele puxasse a espada e a usasse sobre as pessoas. Oh Deus, que angustia só em lembrar!

+ + + +

3-104

1 de Agosto de 1900

A Humanidade de Jesus é o espelho da Divindade. Castigos.

(1) Meu adorável Jesus continua vindo pouquíssimas vezes e por pouco tempo. Esta manhã me sentia toda aniquilada e quase não me atrevia a ir em busca do meu sumo Bem, mas Ele sempre benigno veio, e querendo infundir-me confiança me disse:

(2) “Minha filha, diante de minha Majestade e pureza não há quem possa estar de frente, mas bem todos estão obrigados a cair por terra e golpeados pelo fulgor de minha Santidade. O homem quisera quase fugir de Mim, porque é tal e tanta sua miséria, que não tem coragem para sustentar-se diante do Ser Divino. Então, fazendo uso de minha misericórdia assumi minha Humanidade, a que atenuando os raios da Divindade, é meio para infundir confiança e ânimo ao homem para vir a Mim, o qual pondo-se de frente à minha Humanidade, que expande raios atenuados da Divindade, tem o bem de poder purificar, santificar e até divinizar em minha própria Humanidade deificada. Por isso, fica sempre de frente à minha Humanidade, tendo-a como espelho no qual limparás todas as tuas manchas; e não só isso, mas como um espelho no qual refletindo-te adquirirás a beleza, e pouco a pouco irás adornando-te à semelhança de Mim mesmo, porque é propriedade do espelho fazer aparecer dentro de si a imagem similar àquela de quem se olha nele; se assim é o espelho material, muito mais é o divino, porque minha Humanidade serve ao homem como espelho para olhar minha Divindade. Eis aqui por isso que todos os bens para o homem derivam de minha Humanidade.”

(3) Enquanto dizia isso, me senti infundir tal confiança, que me veio o pensamento de querer lhe falar dos castigos, talvez me

escutasse e faria a tentativa de aplacá-lo completamente. Mas enquanto me dispunha a isso, como um raio desapareceu e minha alma correndo atrás dele, encontrou-se fora de mim mesma, porém, não O pude reencontrar mais, e com suma amargura minha vi muitas pessoas que iam para os cárceres e outros sectários que saíam para atentar contra outras vidas de reis e de outros chefes; via que se remordiam de raiva porque lhes falta o meio de sair entre os povos e realizar matanças, no entanto chegará seu tempo. Depois disso, me encontrei em mim mesma toda oprimida e aflita.

+ + + +

3-105

3 de Agosto de 1900

Deus age somente sobre o nada.

(1) Encontrando-me em meu habitual estado, estava desejando e buscando a meu amante Jesus. Depois de O ter esperado longamente, veio e me disse:

(2) “Minha filha, porque me buscas fora de ti, enquanto que poderias encontrar-me mais facilmente dentro de ti? Quando tu queiras me encontrar, entra em ti, chega até teu nada e ali, sem ti, no brevíssimo giro de teu nada descobrirás os fundamentos que pôs em ti e as construções que levantou em ti o Ser Divino. Esforça-te e vê.”

(3) Eu olhei e vi os sólidos fundamentos e os muros altíssimos que chegavam até o céu. Porém, o que mais me assombrava era que via que o Senhor havia feito esse grande trabalho sobre o meu nada, e os muros estavam todos fechados sem nenhuma abertura. Somente se via no teto uma abertura que correspondia ao Céu, e nessa abertura residia Nosso Senhor, sobre uma coluna estável que sobressaía dos fundamentos formados sobre o nada. Agora, enquanto estava toda assombrada olhando, o bendito Jesus acrescentou:

(4) “Os fundamentos formados no nada significam que a mão Divina age ali, onde está o nada, e jamais mistura suas obras com as obras materiais. Os muros sem abertura ao redor, significam que a alma não deve ter nenhuma ligação com as coisas terrenas, tanto, que não haja nenhum perigo que possa entrar, nem sequer um pouco de pó, por que tudo está bem fechado. A única ligação que dão estes muros é para o Céu, isto é, do nada ao Céu, e do Céu ao nada. Este é o significado da abertura feita no teto. A estabilidade da coluna significa que a alma está tão estável no bem, que não há vento

contrário que a possa mover, e Eu que resido sobre esta, é indício certo de que a obra realizada é toda Divina”.

(5) Quem pode dizer o que compreendia sobre isso? Porém, minha mente se perde e não sabe dizer nada. Seja sempre bendito o Senhor e tudo seja para sua glória e honra.

+ + + +

3-106

9 de Agosto de 1900

Tudo o que se quer e deseja, se deve querer e desejar porque Deus o quer.

(1) Esta manhã meu adorável Jesus não vinha, e depois de muito esperar, assim que se fez ver me disse:

(2) “Assim como um instrumento musical soa agradável ao ouvido de quem o escuta, assim teus desejos, tuas esperas, teus suspiros, tuas lágrimas, ressoam a meu ouvido como uma música das mais agradáveis. Porém, para fazer com que desça mais doce e prazerosa, te quero ensinar outro modo, isto é, desejar-me não como desejo teu, mas como desejo meu, porque Eu amo muito me manifestar contigo. Em suma, tudo o que tu queres e desejas, deves querer e desejar porque o quero Eu, isto é, tomá-lo de dentro de Mim e fazê-lo teu. Assim será mais agradável tua música ao meu ouvido, porque é música saída de Mim mesmo”.

(3) Depois acrescentou: “Tudo o que sai de Mim entra em Mim, é por isso que os homens se lamentam que não obtêm facilmente o que me pedem, porque não são coisas que saem de Mim, e não sendo coisas que saem de Mim, não é tão fácil que entrem em Mim e saiam depois para dar-se a eles, porque sai de Mim e entra em Mim tudo que é santo, puro e celestial. Então, porque se surpreender se a audição for fechada para eles, se o que pedem não é assim? Por isso, tenhas na mente que tudo o que sai de Deus entra em Deus”.

(4) Quem pode dizer o que compreendia sobre estas palavras? Porém, não tenho palavras para poder explicar-me. Ah, Senhor, dá-me a graça que possa pedir tudo o que é santo e que seja desejo e Vontade Tua, assim poderás comunicar-te comigo mais abundantemente!

+ + + +

3-107

19 de Agosto de 1900

O amor estéril e o amor obrante.

(1) Esta manhã, havendo recebido a Comunhão, meu amado Jesus se deixou ver em ato de querer me instruir, e pondo como um exemplo me disse:

(2) “Minha filha, se um jovem recebesse uma esposa, e ela, levada pelo amor por ele, quisesse estar sempre junto a ele, sem separar-se nem um momento, sem pôr atenção a outras coisas que lhe correspondem como esposa para fazer feliz a esse jovem, que diria ele? Agradeceria o amor dela, mas certamente não estaria contente com sua conduta, porque esse modo de amar não seria mais que um amor estéril, infecundo, que causaria dano a esse pobre jovem em vez de bem, e pouco a pouco este estranho amor produziria fastio ao invés de gosto, porque toda a satisfação desse amor é da jovem. E como o amor estéril não tem lenha para fomentar o fogo, logo se reduziria a cinzas, porque somente o amor obrante é duradouro, os demais amores como fumaça se dissipam no ar, e depois se chega ao fastio, a não tomar em conta e pode chegar a desprezar o que tanto se amava.

(3) Assim é a conduta das almas que põem atenção somente em si mesmas, isto é, à sua satisfação, aos fervores e a tudo o que lhes agrada, dizendo que isso é amor por Mim, enquanto que tudo é satisfação delas, porque se vê com os fatos que não prestam atenção aos meus interesses e às coisas que me pertencem, e se chega a faltar o que lhes satisfaz, não prestam mais atenção em Mim e chegam ainda a ofender-me. Ah! Filha, só o amor obrante é o que distingue os verdadeiros dos falsos amantes, porque todo o demais é fumaça.”

(4) Enquanto dizia isso, via pessoas e como se eu quisesse prestar atenção a elas, Jesus me distraiu ao dizer-me:

(5) “Não queiras intrometer-te nos atos alheios, os deixemos fazer, porque cada coisa tem seu tempo. Quando for o tempo do juízo, então será o tempo de discernir todas as coisas, porque peneirando-as muito bem, se virá a conhecer o grão, as palhas e a semente estéril e nociva. Oh, quantas coisas que parecem grãos se encontrarão naquele dia como palhas e sementes estéreis, dignas apenas de serem lançadas ao fogo!”

+ + + +

3-108
20 de Agosto de 1900

(1) Esta manhã, meu adorável Jesus não vinha. Então, depois de muito esperar, quando meu pobre coração não podia mais, se deixou ver desde dentro de meu interior e me disse:

(2) “Minha filha, não queiras te afligir porque não me vês, porque estou dentro de ti, e desde aqui e através de ti, estou vendo o mundo.”

(3) Depois continuou deixando-se ver de vez em quando, sem me dizer nada mais.

+ + + +

3-109

24 de Agosto de 1900

Tudo se converte em bem para quem verdadeiramente ama a Jesus.

(1) Havendo passado um dia inquieta, me sentia toda cheia de tentações e pecados. Oh, Deus, que pena dilacerante é o ofender-te! Fazia tudo quanto podia para estar em Deus, por resignar-me ao seu santo Querer, para oferecer-lhe por seu amor, esse mesmo estado de inquietude e para não dar atenção ao inimigo, mostrando-me com suma indiferença, a fim de que não o incitasse eu mesma a tentar-me mais, mas com tudo isso não podia fazer menos que ouvir o murmúrio que o inimigo suscitava ao meu redor. Então, encontrando-me em meu habitual estado, não me atrevia a desejar a meu amado Jesus, tão feia e miserável me via. Porém, Ele sempre benigno com esta pecadora, sem que eu o pedisse, veio, e como se se compadecesse de mim, disse-me:

(2) “Minha filha, ânimo, não temas. Tu não sabes que certas águas frias e impetuosas são mais potentes para purificar de qualquer mínima mancha do que o próprio fogo? E ademais, tudo se converte em bem para quem verdadeiramente me ama”.

(3) Dito isso, desapareceu deixando-me reanimada, sim, porém fraca como se tivesse sofrido uma febre.

+ + + +

3-110

30 de Agosto de 1900

Luísa vai ao purgatório para aliviar o defunto rei da Itália.

(1) Havendo passado alguns dias de privação e de amargura, em que no máximo vi a Jesus alguma vez como sombra e relâmpago, esta manhã, encontrando-me no sumo da amargura, e não só isso, mas como se houvesse perdido a esperança de voltar a vê-lo. Depois de haver recebido a Comunhão, me parecia que o confessor punha a intenção da crucifixão. Então, o bendito Jesus, para fazer-me obedecer, mostrou-se e me fez participar de suas penas. Entretanto, vi a Rainha Mãe, que tomando-me oferecia-me a Ele a fim de que se aplacasse. E Jesus, tendo consideração pela Mãe, aceitou o oferecimento e parecia que se aplacava um pouco. Depois disso, a Mãe Rainha me disse:

(2) “Queres ir ao purgatório para aliviar o rei das penas horríveis nas quais se encontra?”.

(3) E eu: “Minha Mãe, como Tu quiseres”.

(4) Em um instante me tomou e me transportou a um lugar de suplícios atrozes, todos mortais. Lá estava aquele miserável, que de um suplício passava a outro. Parecia que por quantas almas se haviam perdido por sua causa, outras tantas mortes ele devia sofrer. Então, depois que eu passei por alguns daqueles suplícios, ele ficou um pouco mais aliviado, e a Mãe Rainha me tirou desse lugar de penas e me encontrei em mim mesma.

+ + + +

3-111

31 de Agosto de 1900

Nas almas interiores não pode estar a perturbação.

(1) Encontrando-me em meu habitual estado, e meu adorável Jesus não vindo, estava toda aflita e um pouco pensativa sobre o porquê não vinha. Depois de muito esperar e esperar, veio, e vendo que de suas mãos brotava sangue, lhe pedi que de sua mão esquerda derramasse sangue sobre o mundo em proveito dos pecadores que estavam por morrer e em perigo de perder-se. E da mão direita, que derramasse seu sangue no purgatório. E Ele, escutando-me benignamente, sacudiu-se e derramou seu sangue sobre uma e outra parte. Depois disso, disse-me:

(2) “Minha filha, nas almas interiores não pode estar a perturbação e se esta entra é porque a alma sai fora de si mesma, e fazendo isso, faz de si mesma carrasco, porque saindo fora de si, se

apega a tantas coisas que vê e que não são Deus, e às vezes nem sequer coisas que se referem ao verdadeiro bem da alma, pelo que regressando a si mesma e levando coisas que lhe são estranhas, se tortura por si mesma e com isso vem a adoecer a si mesma e à graça. Por isso, esteja sempre em ti mesma e estarás sempre em calma”.

(3) Quem pode dizer como compreendia com clareza e como encontrava a verdade nessas palavras de Jesus? Ah Senhor, se te dignas a instruir-me, dá-me graça para aproveitar teus santos ensinamentos, de outra forma será para minha condenação!

+ + + +

3-112

1 de Setembro de 1900

A obediência põe a paz entre Deus e a alma.

(1) Continuando Jesus sem vir, eu estava dizendo: “Meu bom Jesus, vem, não me faças esperar tanto, esta manhã não tenho vontade de inquietar-me e de te buscar até chegar a cansar-me. Vem de uma vez, logo, logo, assim por bem”. E vendo que não vinha, continuava dizendo: “Vê-se que queres que me canse e que chegue até a inquietar-me, de outra maneira não vens”.

(2) Enquanto este e outros desatinos dizia, Jesus veio e me disse:

(3) “Saberias me dizer o que mantém a correspondência entre a alma e Deus?”

(4) E eu, mas sempre com uma luz que me vinha d’Ele, disse: “A oração”.

(5) E Jesus, aprovando o que eu disse, acrescentou: “Mas o que atrai a Deus a conversações familiares com a alma?”

(6) E eu não sabia responder, mas em seguida a luz se moveu em minha inteligência e eu disse: “Se a oração vocal serve para manter a correspondência, certamente a meditação interior deve servir de alimento para manter a conversação entre Deus e a alma”.

(7) Ele, contente com isso, replicou: “Agora, tu saberias me dizer quem rompe as doces controvérsias, quem tira os enfados amorosos que podem surgir entre Deus e a alma?”

(8) E eu, ao não responder, Ele mesmo disse:

(9) “Minha filha, somente a obediência tem esse ofício, porque somente ela decide as coisas relacionadas entre a alma e Eu, e surgindo controvérsias, ou bem algum enfado para mortificar a alma, ao chegar a obediência, rompe as contendas, tira as irritações e põe paz entre Deus e a alma”.

(10) E eu: “Ah, Senhor! Muitas vezes parece que tampouco a obediência quer dar-se incômodo e fica indiferente, e a pobre alma é obrigada a ficar naquele estado de controvérsias e de enfado.”

(11) E Jesus: “Isso o faz por um certo tempo, querendo também ela comprazer-se em assistir a essas amáveis controvérsias, porém depois toma seu ofício e pacifica tudo. Assim que a obediência põe a paz entre a alma e Deus”.

(12) Dito isso, desapareceu.

+ + + +

3-113

4 de Setembro de 1900

A Impureza e as boas obras feitas imperfeitamente, são alimentos repugnantes para Jesus.

(1) Havendo recebido a Comunhão, meu adorável Jesus me transportou fora de mim mesma, deixando-se ver sumamente aflito e amargurado. Então, pedi-lhe que derramasse em mim suas amarguras, porém Jesus não me fazia caso, mas insistindo, depois de muito tempo, ficou satisfeito em derramá-las. Depois de ter derramado um pouco de amargura lhe perguntei: “Senhor, não te sentes melhor agora?”

(2) E Ele: “Sim, porém não era o que derramei que me causava tanta pena, mas um alimento nauseante e insípido que não me deixa repousar”.

(3) E eu: “Derrama um pouco em mim, assim te aliviarás um pouco.”

(4) E Ele: “Se não posso digeri-lo e suportá-lo Eu, como tu o poderás?”

(5) E eu: “Sei que minha fraqueza é grande, mas Tu me darás graça e força e assim terei êxito para contê-lo em mim”. Compreendia que esse alimento nauseante eram as impurezas, o insípido, as boas obras mal feitas, todas deterioradas que a Nosso Senhor, lhes são mais um incômodo, um peso e quase desdenha em recebê-las, porque não podendo suportá-las as quer jogar fora de sua boca. Quem sabe quantas das minhas estavam ali! Então, como obrigado por mim derramou também em mim um pouco daquele alimento. Quanta razão tinha Jesus, que era mais tolerável o amargo do que aquele alimento nauseante e insípido! Se não fosse por seu amor, a nenhum custo o teria aceitado!

(6) Depois disso, o bendito Jesus me colocou o braço detrás do pescoço, e apoiando sua cabeça sobre meu ombro, colocou-se em

atitude de repouso. Enquanto repousava, encontrei-me em um lugar onde havia por piso muitas tábuas móveis, e abaixo o abismo. Eu, temendo precipitar-me, o despertei, invocando sua ajuda, e Ele me disse:

(7) “Não temas, é o caminho que todos percorrem. Não se necessita outra coisa que toda a atenção, e como a maioria caminha distraída, essa é a causa pela qual muitos se precipitam no abismo, e poucos são os que chegam ao porto da salvação.”

(8) Depois disso desapareceu, e eu me encontrei em mim mesma.

+ + + +

Deo Gratias.

Nihil obstat Canônico
Annibale M. Di Francia
Eccl.

Imprimatur
Arcebispo Giuseppe M. Leo
Outubro de 1926



www.terceirofiat.com.br